LIVRO DO
PROFESSOR

BEM-ME-QUER mais

ARTE

2º ano

Maria Helena Webster (Coord.)
Dafne Sense Michellepis
Mairah Rocha
Maucha Rocha Barros
Stella Ramos



Editora do Brasil

Anos Iniciais do Ensino Fundamental
Arte

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

BEM-ME-QUER mais

ARTE

2º ano

Anos Iniciais do Ensino Fundamental
Arte

LIVRO DO **PROFESSOR**

Maria Helena Webster (Coord.)
- Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
- Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Coordenadora de livros didáticos nas áreas de Linguagens, Educação Digital e Direitos Humanos para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio
- Formadora de coordenadores e professores na área de Arte
- Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
- Idealizadora e autora de conteúdo para *sites* de Educação Infantil

Dafne Sense Michellepis
- Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)
- Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alfamérica
- Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)
- Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora
- Professora especialista de dança no ensino formal
- Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento
- Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio

Mairah Rocha
- Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (Fasm)
- Cantora e percussionista corporal
- Educadora musical
- Diretora de escola de música e teatro em São Paulo
- Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
- Coautora de livros paradidáticos e didáticos para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental
- Professora especialista em Música para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (Anos Iniciais)
- Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos

Maucha Rocha Barros
- Formada em Comunicação das Artes do Corpo com habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
- Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
- Diretora de escola de música e teatro em São Paulo
- Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
- Coautora e colaboradora em livros paradidáticos e didáticos para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental
- Professora especialista de Teatro em cursos livres
- Professora especialista de Música para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental

Stella Ramos
- Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do ABC (UFABC), com menção honrosa
- Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Formadora, mediadora, avaliadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte-Cultura
- Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
- Autora e coautora de ações artísticas que mesclam Poesia e Artes Visuais
- Artista educadora em Artes Visuais, com ênfase em espaços de educação não formal
- Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2ª edição
São Paulo, 2025

"Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada"

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bem-me-quer mais : arte : 2º ano : ensino fundamental : anos iniciais / Dafne Sense Michellepis...[et al.] ; Maria Helena Webster (coord.). -- 2. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2025. -- (Bem-me-quer mais)

Outros autores: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros, Stella Ramos
ISBN 978-85-10-10819-5 (aluno)
ISBN 978-85-10-10818-8 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Michellepis, Dafne Sense. II. Rocha, Mairah. III. Barros, Maucha Rocha. IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria Helena. VI. Série.

25-272804 CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Arte : Ensino fundamental 372.5
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© Editora do Brasil S.A., 2025
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Paulo Serino de Souza

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial de conteúdo didático: Tatiany Telles Renó
Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires
Supervisão de design: Catherine Saori Ishihara
Supervisão de arte: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Elaine Cristina da Silva
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Priscila Hernandez
Supervisão de controle e planejamento editorial: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Luciana Sposito

Supervisão editorial: Nathalia Cristine Folli Simões
Consultoria técnico-pedagógica: Clara de Freitas Figueiredo
Edição: Flavia Delalibera Iossi e Pedro Andrade Bezerra
Apoio editorial: Eduardo Passos (edição), Juliana Simões (assistência) e Kelly Miwa Haraguchi (edição)
Revisão: Alexander Siqueira, Andréia Andrade, Beatriz Dorini, Bianca Oliveira, Danielle Costa, Gabriel Ornelas, Giovana Sanches, Jéssie Panegassi, Júlia Rodrigues, Maisa Akazawa, Martin Gonçalves, Rita de Cássia Costa, Rosani Andreani, Sandra Fernandes, Vitor Silva e Yasmin Fonseca
Pesquisa iconográfica: Daniel Andrade e Marcia Sato
Tratamento de imagens: Robson Mereu
Design gráfico: Rafael Gentile, Diego Lima e Talita Lima
Capa: Rafael Gentile
Imagem de capa: FatCamera/iStockphoto.com e kali9/iStockphoto.com
Edição de arte: Yara Penteado Anderi
Ilustrações: Acervo editora, Beto Celli, Fabiano Moura, Mathias Townsend, Marcos de Melo, Thamires [illegible]m, ArtHub02/Shutterstock.com, cgterminal/Shutterstock.com, Golovina Marina/Shutterstock.com, Hoowy/Shutterstock.com, [illegible]itta/Shutterstock.com, Mintoboru/Shutterstock.com, Natykach Natalia/Shutterstock.com, OlekStock/Shutterstock.com, omravestudio/Shutterstock.com, PxB/Shutterstock.com, Soifer/Shutterstock.com, toonsteb/Shutterstock.com, Vadim Gizatullin/Shutterstock.com e Vector Stock Pro/Shutterstock.com
Editoração eletrônica: Ab Aeterno
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Solange Rodrigues e Tainá Esposto
Controle e planejamento editorial: Bianca Gomes, Isabel Ferreira, Julia Narvas, Juliana Gonçalves, Larissa Facco, Liliam Gagliardi, Maria Trofino, Renata Vieira e Valéria Alves

2ª edição / 1ª impressão, 2025
Impresso no parque gráfico da...

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Avenida das Nações Unidas, 12901
Torre Oeste, 20º andar
São Paulo, SP – CEP: 04578-910
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

OLÁ! TUDO BEM?

Este livro foi criado e escrito para você. Pensamos nas boas experiências que terá com as artes nestes primeiros anos do Ensino Fundamental.

Aqui, experimentamos e falamos de diferentes linguagens da arte: música, dança, artes visuais e teatro. Sinta-se livre para relacionar tudo o que mostramos aqui à sua vida. Durante este ano, vamos pensar juntos na pessoa mais importante: você. Como você é? Como se expressa?

Seja bem-vindo a essa jornada que faremos juntos!

As autoras



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Mathias Townsend

CONHEÇA SEU LIVRO

Seu livro tem quatro unidades. Vamos descobrir como elas estão divididas?



ABERTURA DE UNIDADE
Em todas as unidades, você encontrará uma grande imagem e algumas perguntas para começarmos nossa conversa.



SENTIR E EXPERIMENTAR
É o momento de você conhecer cada linguagem da arte por meio de experimentações e criações.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

PERISCÓPIO
Nesta seção, você encontrará sugestões de livros, *sites* e filmes para ampliar os conhecimentos sobre os assuntos estudados.

PARA SABER MAIS
Você irá ler e discutir textos que aprofundam os assuntos trabalhados na unidade com o objetivo de ampliar seus conhecimentos.





GIRAMUNDO
Traz informações e atividades que ligam a Arte a outras áreas do saber, como Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências.



CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR
Você e os colegas vão refletir sobre questões importantes de nossa sociedade, analisar alguns problemas e buscar uma solução, contribuindo para melhorar o mundo.



REVENDO O QUE APRENDI
Atividades de revisão dos assuntos trabalhados na unidade para você refletir sobre sua aprendizagem.

Neste livro, você encontrará estes selos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- TCT MULTICULTURALISMO
- INFOGRÁFICO CLICÁVEL
- ATIVIDADE DE DESENHO E PINTURA
- ATIVIDADE A SER FEITA EM CASA, COM A FAMÍLIA
- TCT ECONOMIA
- TCT MEIO AMBIENTE
- ATIVIDADE EM DUPLA
- ATIVIDADE PRÁTICA
- ÁUDIO
- TCT SAÚDE
- TCT CIDADANIA
- ATIVIDADE EM GRUPO
- ATIVIDADE NO CADERNO
- PESQUISA
- ATIVIDADE ORAL
- CONVERSA EM GRUPO

SUMÁRIO

UNIDADE 1 • TUDO PODE SER SOM 8

Sentir e experimentar – O som 10
As qualidades do som 10
Áudio 1 11
Tudo soa 12
Áudio 2 12
Os instrumentos de percussão e suas vozes 14
Áudio 3 14
Quais são os sons da natureza? 16
Infográfico clicável 16
Alguns sons nos trazem imagens 18
Giramundo – Rimas e versos 20
Construir um mundo melhor – Percussão da natureza 22
Revendo o que aprendi 24

UNIDADE 2 • ARTE NO DIA A DIA 28

Sentir e experimentar – Eu + Outro = Nós 30
Autorretrato e retrato 31
Infográfico clicável 31
A arte no meio da vida 32
Ser e pertencer 34
A arte pode estar em qualquer lugar 36
A vida é um palco 37
Transformando objetos do cotidiano 38
Giramundo – Desenhos em rima 40
Construir um mundo melhor – Somos muitos e diversos! 42
Revendo o que aprendi 44

UNIDADE 3 • MEU CORPO NO NOSSO GRUPO 48

Sentir e experimentar – Brincar, girar e rodar 50
Uma roda em movimento 51
Áudio 4 51
Girar e balançar 52
Infográfico clicável 52
Áudio 5 52
Alinhar passos e gestos 54
Infográfico clicável 54
Áudio 6 54
Uma dança de luta e proteção 55
No ritmo do Maracatu 56



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Áudio 7 56
Áudio 8 56
Áudio 9 57
Áudio 10 58
Giramundo – O corpo na dança e as formas 60
Eu formo, nós formamos 61
Construir um mundo melhor – Coroando a tradição familiar 62
Revendo o que aprendi 64

UNIDADE 4 • BRINCAR, REPRESENTAR, DANÇAR E TOCAR 68

Sentir e experimentar – Uma festa para brincar, tocar e dançar! 70
Bumba Meu Boi 70
Quem será que vem a essa festa? 71
Encenação do Bumba Meu Boi 72
Hora de enfeitar o seu boi 73
Uma história que é uma festa! 74
Encenando a nossa história 75
Alegoria combina com alegria 76
Alegorias que chamam para a dança 78
Giramundo – O boi pelo Brasil 80
Infográfico clicável 81
Construir um mundo melhor – Festa da comunidade 82
Infográfico clicável 82
Revendo o que aprendi 84

Material complementar 91
Referências 95



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 1

TUDO PODE SER SOM



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Objetivos

- Conhecer e identificar as qualidades do som.
- Reconhecer diferentes fontes sonoras e diversas formas de produção do som.
- Conhecer e explorar instrumentos da família da percussão.
- Ampliar conhecimentos referentes aos meios produtores de som.
- Explorar o conceito de vibração.
- Compreender como o som pode ser incorporado em obras de arte, como instalações sonoras e esculturas sonoras.

Pré-requisitos

Para realizar as propostas desta unidade, é necessário que os estudantes saibam o que é percutir. É importante também que tenham noção do que é uma instalação artística e sejam capazes de juntar elementos para criar algo. Outro pré-requisito é saber trabalhar em grupo para que percebam o quanto a comunidade e as características do grupo do qual fazem parte podem ser inspiradoras para suas expressões artísticas.

Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 3, 4, 5, 6, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4 e 5.

Competência específica de Arte: 1, 3, 4 e 5.

Habilidades: EF15AR01, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17

Dimensões da Arte: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão.

Orientações

Peça aos estudantes que observem atentamente todos os detalhes da imagem. Caso haja estudantes com baixa visão ou cegueira na turma, realize uma descrição coletiva da imagem. Estimule a curiosidade e a atenção aos detalhes, conduzindo a turma nesse processo. Permita que façam uma análise individual antes de promover a roda de conversa.

Pergunte aos estudantes se perceberam qual é o ambiente onde estão as pessoas e o que elas estão fazendo.

Observe se os estudantes percebem que as pessoas na fotografia estão se apresentando na rua de uma grande cidade segurando objetos do cotidiano. É importante que notem que os objetos utilizados foram transformados em instrumentos musicais, afastando-se do uso convencional. Acrescente outras perguntas, como: Vocês conseguem imaginar que sons esses objetos produzem? De que materiais são feitos? Vocês acham que uma tampa de lixo ou um balde são instrumentos musicais? Vocês já usaram uma caixa de fósforos como instrumento musical? Conhecem outros "instrumentos" inusitados como estes?



JohnLamparski/Getty Images

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

- OBSERVE A IMAGEM. O QUE VOCÊ IMAGINA QUE ESSAS PESSOAS ESTÃO FAZENDO?
  Resposta pessoal.
- VOCÊ RECONHECE ALGUM DOS OBJETOS? QUAIS?
  Os estudantes podem identificar latas de lixo e suas tampas, baldes de plástico e vassouras.
- VOCÊ ACHA QUE OS OBJETOS UTILIZADOS PELO GRUPO ESTÃO CUMPRINDO SUA FUNÇÃO HABITUAL?
  Resposta pessoal.

CONHECENDO

O ***STOMP*** É UM GRUPO DE ARTISTAS QUE MISTURA MÚSICA, DANÇA E TEATRO. O QUE CHAMA A ATENÇÃO NESSE GRUPO É A CAPACIDADE DE PRODUZIR SONS DIVERSOS UTILIZANDO, DE MANEIRA INCOMUM, OBJETOS DO COTIDIANO, COMO CAIXAS DE FÓSFORO, VASSOURAS E BALDES, ALÉM DO PRÓPRIO CORPO.

APRESENTAÇÃO DO GRUPO INGLÊS *STOMP*, EM NOVA IORQUE, ESTADOS UNIDOS, 2021.

9

Para aprofundar

É comum em algumas manifestações culturais tanto no Brasil quanto em outros países o uso de objetos do cotidiano como instrumentos musicais. No samba de roda baiano, por exemplo, é usado o prato, nas congadas mineiras, os chocalhos (gungas) são feitos de latas, no samba de coco de Pernambucano, são utilizados os tamancos de madeira. Pergunte aos estudantes se eles já viram algum objeto do cotidiano sendo utilizado como instrumento na região em que vivem.

Para ilustrar a apresentação do grupo *Stomp*, mostre aos estudantes vídeos do grupo, disponíveis na internet.

- STOMP London. Dustbin Lids. [*S. l.*], 21 abr. 2016. 1 vídeo (ca. 2 min). Publicado pelo canal StompLondon. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CZSTFAWfQEg. Acesso em: 28 abr. 2025.

Se possível, mostre também o vídeo da Mestra Aurinda do Prato, artista famosa por fazer percussão com prato e faca.

- MESTRA Aurinda do Prato. Bem Bahia. [*S. l.*], 28 fev. 2023. 1 vídeo (ca. 3 min). Publicado pelo canal TVE Bahia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?si=H3jbSsWIa8ZoKFAS&v=sfk_4O-XuWs&feature=youtu.be. Acesso em: 28 abr. 2025.

Respostas

- Resposta pessoal. Observe se os estudantes percebem que está ocorrendo uma apresentação de um grupo de artistas. Questione detalhes que os levaram a essa conclusão (gestual, roupas, expressão dos rostos etc.).
- Espera-se que os estudantes reconheçam latas de lixo e suas tampas, baldes, vassouras e tonel de plástico.
- O objetivo da questão é falar sobre as possibilidades de uso que um mesmo objeto pode apresentar. A lata de lixo foi feita para armazenar o lixo, mas neste caso está sendo utilizada de uma outra forma, como um tambor. Estimule-os a pensar que outros usos poderiam ser dados a estes objetos.

Sugestão de leitura

- MARQUES, E. *Colherim*: ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres. São Paulo: Peirópolis, 2013.

Neste livro, o educador musical Estêvão Marques compartilha suas experiências com as colheres musicais, propondo atividades claras e objetivas.

Glossário dos termos do livro

Colherim: termo utilizado para descrever uma prática que utiliza colheres como instrumentos percussivos, associada aos ritmos brasileiros.

Ritmos brasileiros: refere-se aos diferentes estilos e padrões rítmicos que fazem parte da música popular brasileira, como samba, frevo, maracatu, entre outros.

Orientações

Comece essa atividade com a pergunta do início da página e escute a resposta dos estudantes. É possível que eles respondam que **som** é aquilo que conseguimos escutar, que o som é produzido por instrumentos musicais ou outras fontes sonoras.

Essas respostas não estão erradas; de fato, o som é algo que escutamos. Mas é importante explicar que som é **vibração**, e que é por conta das vibrações que as ondas sonoras são emitidas. Vibração é um movimento de oscilação que acontece em um intervalo de tempo. É possível ver essa vibração quando o celular vibra, por exemplo. Em muitos instrumentos musicais, não vemos a vibração que produz a onda sonora. No violão, já fica mais fácil ver as cordas vibrando. Para ilustrar melhor, você pode fazer um exemplo prático: pegue um elástico de borracha, prenda-o ao redor de um copo ou caixinha que tenha uma boca pequena, para que o elástico fique esticado, e toque como se fosse a corda de um violão. Vocês perceberão o elástico vibrando e poderão escutar o som que é emitido. Então, explique as características dos sons.

Para aprofundar

Som é vibração, é movimento. Ele só acontece quando a vibração de uma fonte sonora causa uma onda – esse movimento ondulatório que parte da fonte e se propaga no ar em todas as direções, chegando até nós como um som. É um fenômeno da Física, mas que se torna mais complexo de ser explicado, pois não são ondas visíveis; e mesmo os conceitos físicos envolvidos podem ser facilmente compreensíveis aos estudantes desta etapa escolar.

A depender do tipo de onda produzida pela fonte sonora, os sons que ouvimos têm determinadas características. É o que chamamos de qualidades ou propriedades do som.

A **intensidade** diz respeito à amplitude da onda sonora. Quanto mais alta a amplitude, mais forte o som, e vice-versa. Essa característica é popularmente chamada de "volume" do som e é medida em decibéis. Os sons mais fortes têm valores elevados de decibéis, e os mais fracos, valores mais baixos.

SENTIR E EXPERIMENTAR

O SOM

AS IMAGENS NÃO ESTÃO PROPORCIONAIS ENTRE SI



Mathias Townsend

Shakirov Albert/Shutterstock.com

COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA DE MENINA OUVINDO SONS DE DIVERSOS ELEMENTOS ILUSTRADOS.

- O QUE É **SOM**? Resposta pessoal.

TODO SOM É UMA VIBRAÇÃO, OU SEJA, ALGO PRECISA ESTAR VIBRANDO PARA QUE O SOM SEJA PRODUZIDO. A VIBRAÇÃO É QUANDO ALGO TREME BEM RÁPIDO, SEM PARAR! COMO UM LIQUIDIFICADOR CHACOALHANDO OU UM CELULAR VIBRANDO NO BOLSO.

AS QUALIDADES DO SOM

OS SONS TÊM ALGUMAS CARACTERÍSTICAS QUE FAZEM COM QUE SEJA POSSÍVEL DIFERENCIÁ-LOS E DESCREVÊ-LOS.

- **DURAÇÃO**: INDICA SE O SOM É LONGO OU CURTO.
- **ALTURA**: INDICA SE O SOM É AGUDO OU GRAVE.
- **INTENSIDADE**: INDICA SE O SOM É MAIS FORTE OU MAIS SUAVE.
- **TIMBRE**: É A CARACTERÍSTICA INDIVIDUAL DO SOM, QUE VARIA CONFORME A FONTE SONORA, OU SEJA, ONDE O SOM É PRODUZIDO. O TIMBRE É O QUE NOS FAZ DIFERENCIAR O SOM DE UM PIANO DO SOM DE UM VIOLINO, POR EXEMPLO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A **altura** é a frequência da onda sonora, ou seja, o número de ciclos da onda realizados em um segundo. Os seres humanos percebem essa frequência como sons agudos (aqueles com alta frequência) e sons graves (aqueles com baixa frequência). Você pode utilizar o elástico preso no copo para que os estudantes observem a diferença na frequência da vibração: se você esticar bem o elástico, quando ele for dedilhado o movimento será bem rápido, mal será possível notar o movimento acontecendo (soariam notas agudas caso fosse um violão). Se você afrouxar um pouco esse elástico, o movimento dele ficará visivelmente mais lento (soariam notas mais graves em um violão).

A **duração** é a característica relacionada ao maior ou menor prolongamento do som em determinado espaço de tempo, ou seja, é quanto tempo ele dura.

O **timbre** é a característica do som que permite identificar a fonte que o produz. É como se fosse a impressão digital do som, com suas características próprias que permitem ao ouvinte distinguir o som de cada instrumento musical ou da voz das pessoas, por exemplo. Mesmo que dois instrumentos toquem a mesma nota musical, com a mesma altura, mesma duração e mesma intensidade, é possível, ao ouvinte, diferenciar o timbre de cada um deles.

1. BUSQUE EM SUA MEMÓRIA SONS QUE VOCÊ COSTUMA ESCUTAR NO DIA A DIA E QUE TENHAM AS CARACTERÍSTICAS A SEGUIR.

Respostas pessoais.

A) SOM FORTE: Possibilidades de resposta: buzina de carro, liquidificador, moto passando.

B) SOM SUAVE: Possibilidades de resposta: passarinho, chuva fraca.

C) SOM LONGO: Possibilidades de resposta: buzina de caminhão, bife fritando na panela.

D) SOM CURTO: Possibilidades de resposta: martelada, buzina de moto.

E) SOM AGUDO: Possibilidades de resposta: passarinho, chaleira apitando, apito do guarda.

F) SOM GRAVE: Possibilidades de resposta: motor de caminhão, boi mugindo, voz do pai.

2. AGORA, VAMOS FAZER UM EXERCÍCIO DE ESCUTA PARA PERCEBERMOS ESSAS QUALIDADES DO SOM EM ALGUNS EXEMPLOS.
ESCUTE OS SONS QUE SERÃO TOCADOS E ESCREVA, NAS LINHAS CORRESPONDENTES, AS QUALIDADES QUE VOCÊ RECONHECER NELES.

ÁUDIO 1

A) GRAVE, CURTO E SUAVE.

B) AGUDO, CURTO E FORTE.

C) AGUDO, LONGO E FORTE.

D) AGUDO, LONGO E FORTE.

E) GRAVE, LONGO E SUAVE.

F) AGUDO, CURTO E SUAVE.

G) AGUDO, LONGO E SUAVE.

H) GRAVE, LONGO E FORTE.



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Depois de conversar com os estudantes sobre as características dos sons, peça a eles que tentem se lembrar de sons com as características pedidas na **atividade 1**.

Se for necessário, explique aos estudantes a diferença entre grave e agudo utilizando a voz masculina e a voz infantil: as cordas vocais de um homem adulto são maiores, portanto, vibram mais lentamente, produzindo um som mais grave do que as pregas vocais das crianças, que são menores e vibram mais rapidamente.

Na **atividade 2**, propomos um exercício de escuta e percepção auditiva para praticar a identificação das características dos sons. Coloque o **Áudio 1** e peça aos estudantes que tentem primeiro adivinhar o timbre daquele som, ou seja, qual a fonte emissora: um instrumento musical, um animal, um objeto etc. No decorrer da audição, pergunte quais são as outras características que os estudantes percebem em relação à altura, duração e intensidade. Explique que um mesmo som possui todas essas características.

Se houver algum estudante com deficiência auditiva, é possível fazer uma dinâmica de mímica, de modo que os estudantes que escutaram e identificaram o som façam mímica para que o outro tente adivinhar cada amostra.

Objeto digital

Áudio 1

Para realizar a atividade com os estudantes, solicite a eles que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Item **a**: som de tambor; item **b**: som de agogô; item **c**: som de trompete; item **d**: som de sirene de ambulância; item **e**: som de trombone; item **f**: som de grilo; item **g**: som de flauta; item **h**: som de buzina de caminhão.

Orientações

Retome a fotografia mostrada na abertura da unidade. Comente com os estudantes que todo objeto, se percutido, pode se transformar em um instrumento de percussão. Alguns produzirão mais som do que outros, e isso dependerá, além de seu próprio material, de como está sendo percutido.

Inicialmente, forme uma roda de conversa e peça aos estudantes que falem em voz alta quais objetos da sala de aula eles imaginam que poderiam produzir sons interessantes.

Então, deixe que explorem os objetos do ambiente e tentem percuti-los. Podem ser tanto os objetos pessoais, como cadernos, estojo e régua, quanto os móveis, como cadeiras, mesas etc. Comente que, normalmente, os instrumentos são percutidos com pequenos bastões de madeira, chamados de **baquetas**. Seria interessante ter à disposição algumas baquetas para que a turma pudesse ter a vivência de obter sons percussivos com elas. No entanto, essa prática pode ser facilmente repetida com os materiais disponíveis. Nesse sentido, incentive-os a buscar objetos que possam servir de baquetas, como lápis, canetas, régua, além de experimentarem percutir com as mãos.

Permita que façam essa exploração com calma, compartilhando com os colegas os sons que encontrarem.

Depois, novamente sentados em roda, converse com os estudantes sobre a experiência: Os sons os surpreenderam? Eram como esperavam? Por fim, peça a eles que desenhem, no local indicado, o objeto de som de que mais gostaram.

Para ampliar esta investigação dos timbres dos objetos do dia a dia que podem se transformar em instrumentos não convencionais, faremos outro exercício de escuta e percepção auditiva. Coloque o **Áudio 2** e peça aos estudantes que tentem adivinhar os sons. Em seguida, estimule-os a imaginar como esses sons poderiam ser incorporados à produção sonora de uma música.

TUDO SOA



MathiasTownsend

ÁUDIO 2

QUE TAL OBSERVAR ATENTAMENTE OS OBJETOS QUE COMPÕEM A NOSSA SALA DE AULA, COMO MESAS, CADEIRAS, LÁPIS E CADERNO? DE QUE MATERIAIS ELES SÃO FEITOS? CONSEGUE IMAGINAR O SOM QUE PODEM FAZER SE FOREM PERCUTIDOS?

GLOSSÁRIO

PERCUTIR: É O ATO DE PRODUZIR SOM POR MEIO DE UMA BATIDA, SEJA COM A MÃO OU OUTRO MATERIAL.

AGORA, EXPERIMENTE TOCAR ESSES OBJETOS COMO SE FOSSEM INSTRUMENTOS MUSICAIS. ELES PRODUZEM SONS? QUE TIPO DE SOM VOCÊ IMAGINA QUE ELES VÃO PRODUZIR? DESENHE NO ESPAÇO A SEGUIR, O OBJETO QUE FEZ O SOM DE QUE VOCÊ MAIS GOSTOU.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Áudio 2

Para aprofundar a exploração dos sons, peça aos estudantes que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

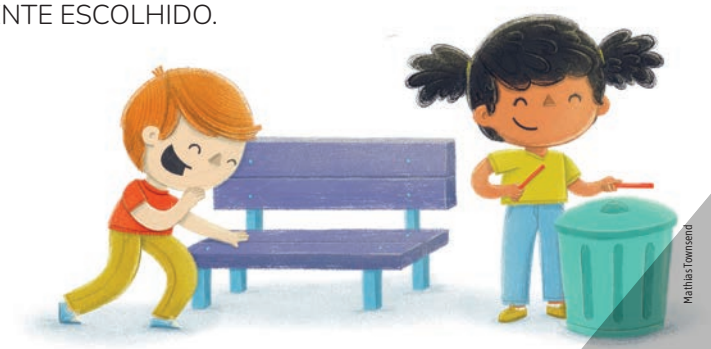
Som 1: sino; som 2: bola (futebol, vôlei, basquete etc.) sendo jogada em uma parede ou quicada no chão; som 3: toque curto que lembra um telefone tocando; som 4: buzina de veículo.

Avaliação

Observe a participação e o envolvimento dos estudantes na atividade de investigação sonora com objetos do cotidiano. É importante que, durante a prática, eles demonstrem interesse e engajamento, experimentem diferentes formas de produzir sons a partir dos objetos, estabeleçam relações entre os sons explorados e instrumentos musicais conhecidos, seja pelo timbre ou por outras características sonoras. Ao final, proponha perguntas que visem observar esses aspectos, como: Que sons você conseguiu tirar dos objetos que escolheu? Algum som que você produziu lembrou o som de um instrumento musical? Por que esse som te lembrou aquele instrumento? O que mais chamou sua atenção durante a atividade? Você teve alguma ideia diferente que gostaria de compartilhar?

AGORA, QUE TAL FAZER UMA EXPEDIÇÃO PELA ÁREA EXTERNA DA ESCOLA PARA EXPLORAR OS SONS QUE EXISTEM POR LÁ TAMBÉM?

ORGANIZEM-SE EM GRUPOS E ESPALHEM-SE PELOS AMBIENTES EXTERNOS DA ESCOLA. PROCUREM ALGUNS MATERIAIS QUE SERVIRÃO DE BAQUETAS E COMECEM A EXPLORAR OS SONS DO AMBIENTE ESCOLHIDO.


Mathias Townsend

AO FINAL DA EXPEDIÇÃO, VOLTE PARA A SALA E REFLITA: VOCÊ PRODUZIU MUITOS SONS DIFERENTES? EXISTE ALGUM MATERIAL QUE NÃO PRODUZ SOM? O SOM MUDA QUANDO VOCÊ TROCA O TIPO DE BAQUETA? DE ACORDO COM SUA PERCEPÇÃO, OS LUGARES EM QUE VOCÊ ESTEVE ERAM SILENCIOSOS OU BARULHENTOS?

REGISTRE NESTE QUADRO O RESULTADO DE SUA INVESTIGAÇÃO.

Respostas de acordo com a realização da experiência.

ÁREA	OBJETO OU ESTRUTURA	PRODUZIU SOM? COMO ERA ESSE SOM?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Para ver diferentes tipos de chocalhos e instrumentos variados do mundo todo, acesse o *site* do Museu Virtual de Instrumentos Musicais (MVIM). Esse museu reúne um acervo de instrumentos musicais de instituições brasileiras com o intuito de apresentá-los e divulgá-los de maneira dinâmica e inovadora. É um espaço interessante para explorar a diversidade imensa dos instrumentos musicais do mundo.

- MUSEU VIRTUAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2018. Disponível em: https://www.mvim.com.br/o-museu-2/. Acesso em: 26 abr. 2025.

Foco na BNCC

EF15AR16 Ao registrar as características dos sons, os estudantes entram em contato com formas de registros gráficos não convencionais para mapear os sons.

Orientações

Esta abordagem propõe uma investigação pela área externa da escola para explorar os sons que existem nesse ambiente. O primeiro passo da investigação é pedir aos estudantes que recorram à memória e descrevam as áreas externas da escola. Faça o levantamento dos locais que foram lembrados e escreva-os na lousa em colunas. Em seguida, pergunte aos estudantes os detalhes de cada ambiente, incluindo as estruturas (paredes, grades, bancadas de madeira ou alvenaria, colunas de sustentação, escadas de tijolos ou metal etc.) e os objetos que compõem o espaço (mesas de refeitório, latas, portas, bancos etc.).

Preencha as colunas correspondentes a cada espaço com os nomes dos objetos e estruturas citados pelos estudantes.

Pergunte quais desses objetos e estruturas eles acham que podem produzir um bom som de percussão e peça que tentem descrever ou reproduzir o som que imaginaram usando a voz, o corpo ou algum objeto que tenham por perto.

Depois de compartilhar coletivamente os sons que imaginaram ter cada estrutura ou objeto das áreas externas, os estudantes farão uma expedição para confirmar essas suposições. Organize a turma em grupos de acordo com os ambientes externos da escola. Cada grupo irá procurar objetos que sirvam de baquetas e ouvir os diversos sons do local.

Enquanto estiverem em cada local, eles devem fazer o registro no quadro desta página, anotando a área em que estão, o objeto ou estrutura investigado e se, ao percutir o material escolhido, ele produziu algum som e com quais características: curto, longo, grave, agudo, forte, fraco (suave), metálico ou parecido com algum outro som que eles já conheçam. Oriente os estudantes a utilizarem diferentes formas de registros para traduzir as características desses sons. Eles podem usar cores, traços e símbolos como quiserem

Não se esqueça de pedir a eles que também observem os diferentes timbres produzidos quando utilizam outras baquetas.

Por fim, peça a cada grupo que fale sobre os sons que encontrou.

Para essa prática, é importante avisar à coordenação escolar que será realizada uma investigação sonora na parte externa da escola, para que organizem um horário que não atrapalhe as outras aulas.

Orientações

Inicie perguntando aos estudantes: Como será que surgiu o primeiro instrumento musical? Ouça atentamente as hipóteses levantadas por eles. Incentive-os a formular hipóteses, levantar questões e estabelecer relações entre fatos, contextos e acontecimentos.

Não há registros precisos sobre a evolução dos primeiros instrumentos musicais, mas é certo que, ao entrar em contato com diferentes materiais, o ser humano foi percebendo que, dependendo de como os manipulava, era possível produzir sons variados. Assim, tiveram origem os primeiros instrumentos musicais, ainda bastante simples e rudimentares. Trabalhar os instrumentos de percussão com os estudantes é sempre enriquecedor porque, apesar de eles ainda não terem conhecimentos específicos ou técnicos dos instrumentos, conseguem fazer sons com facilidade e, por meio deles, descobrir as primeiras técnicas, por exemplo, produzir o som com mais ou menos intensidade, perceber a diferença entre os sons ao raspar ou ao bater, entre outras vivências.

Coloque o **Áudio 3** e peça aos estudantes que ouçam atentamente e tentem identificar o som relacionando-o à imagem do instrumento mostrada na página do Livro do Estudante. Caso haja algum estudante com deficiência auditiva em sua turma, cuide para que ele não se sinta excluído e auxilie-o no que for necessário.

Esse é um exercício de escuta que amplia as possibilidades de reconhecimento dos sons e o repertório de instrumentos musicais.

Objeto digital

Áudio 3

Para que possam conhecer o som de cada um dos instrumentos, solicite aos estudantes que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Som 1: alfaia; som 2: pandeiro; som 3: bongô; som 4: triângulo; som 5: atabaque; som 6: cuíca; som 7: xilofone; som 8: agogô; som 9: ganzá; som 10: reco-reco.

Para aprofundar

A seguir estão algumas informações sobre a classificação dos instrumentos de percussão de acordo com o modo de produção dos sons.

Membranofones

Os membranofones são instrumentos nos quais o som é produzido por meio da vibração de uma membrana esticada em algum tipo de suporte, usando mãos ou baquetas. Tambor é o nome comum dado a vários membranofones.

- Alfaia é um tambor grande e cilíndrico com pele de animal e tocado com baquetas.
- O bongô é composto de dois tambores de tamanhos diferentes e é percutido com as mãos.
- A cuíca é um tambor cujo som é produzido pela fricção do couro do instrumento.
- O atabaque é um tambor feito de madeira, percutido com as mãos ou com baquetas.
- O pandeiro também é tocado com as mãos, percutindo-se a pele e agitando-se as platinelas.

Idiofones

Os idiofones são instrumentos sem caixa de ressonância, o próprio corpo do instrumento ressoa.

- O triângulo é feito de metal e tocado com uma baqueta de metal.
- O reco-reco é tocado com baqueta, raspando-a nos sulcos.
- O agogô é composto de dois ou mais cones de ferro unidos por uma haste em forma de "U".
- O ganzá é um tipo de chocalho.
- O xilofone é feito de barras de madeira que são percutidas por baquetas.

Foco na BNCC

EF15AR14 Ao conhecer os instrumentos de percussão e trabalhar com eles, os estudantes percebem e exploram elementos constitutivos da música.

OS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO E SUAS VOZES

DESDE OS TEMPOS ANTIGOS, OS SERES HUMANOS BUSCAM SE EXPRESSAR POR MEIO DA MÚSICA. E PERCUTIR OBJETOS FOI UMA DAS PRIMEIRAS MANEIRAS DE FAZER ISSO.

A CRIAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO PROVAVELMENTE TEVE ORIGEM QUANDO NOSSOS ANTEPASSADOS EXPERIMENTARAM BATER EM OBJETOS DIVERSOS, SEJA COM AS MÃOS, SEJA UM CONTRA O OUTRO. DESDE ENTÃO, MUITOS INSTRUMENTOS FORAM CRIADOS.

1. OBSERVE OS INSTRUMENTOS A SEGUIR E MARQUE COM UM **X** AQUELES QUE VOCÊ CONHECE. Resposta pessoal.

ÁUDIO 3


In Green/ Shutterstock.com

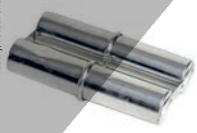
☐ ALFAIA.


Jales Valquer/ fotoarena

☐ ATABAQUE.


periskop/ Shutterstock.com

☐ BONGÔ.


christstockphoto/ Alamy/fotoarena

☐ GANZÁ.


Elena Schweitzer/ Shutterstock.com

☐ TRIÂNGULO.


Prathan Nakdontree/ Shutterstock.com

☐ XILOFONE.


Molotok289/ Shutterstock.com

☐ PANDEIRO.


Tamara Kulikova/ Shutterstock.com

☐ AGOGÔ.


Felipe Favoretto/ Fotografar Imagem

☐ RECO-RECO.


PhotoMagicWorld/ Shutterstock.com

☐ CUÍCA.

AS IMAGENS NÃO ESTÃO PROPORCIONAIS ENTRE SI

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

2. QUAIS DESSES INSTRUMENTOS VOCÊ JÁ ESCUTOU? ELES EMITEM SONS GRAVES OU AGUDOS?

Resposta pessoal.

3. VOCÊ SABE QUAIS DESSES INSTRUMENTOS SÃO TOCADOS COM BAQUETAS E QUAIS SÃO TOCADOS COM AS MÃOS?

Resposta pessoal.

PARA SABER MAIS

O XILOFONE



Prathan Nakdontree/Shutterstock.com

XILOFONE.



Bridgeman Images/Easy Medialbank

BALAFOM.

O **XILOFONE** É UM INSTRUMENTO DE PERCUSSÃO UM POUCO DIFERENTE DOS OUTROS JÁ MOSTRADOS, POIS ELE TEM VÁRIAS TECLAS DE TAMANHOS VARIADOS QUE, QUANDO PERCUTIDAS COM BAQUETAS, PRODUZEM SONS COM ALTURAS DIFERENTES.

VOCÊ SABIA QUE O PAI DO XILOFONE É O **BALAFOM**, INSTRUMENTO DE ORIGEM AFRICANA?

O BALAFOM TEM UMA ESTRUTURA DE LÂMINAS DE MADEIRA AMARRADAS POR CORDAS, COM CABAÇAS ABAIXO DAS TECLAS PARA AUMENTAR A INTENSIDADE DO SOM. ELE PODE SER DE DIFERENTES TAMANHOS E ATÉ HOJE É MUITO TOCADO EM VÁRIOS PAÍSES DA ÁFRICA.

O XILOFONE É UMA VERSÃO MAIS RECENTE DO BALAFOM. É TODO FEITO DE MADEIRA E, EM VEZ DAS CABAÇAS, TEM UMA CAIXA QUE SERVE PARA AMPLIFICAR O SOM E UM SUPORTE PARA AS TECLAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta página damos destaque para um instrumento de percussão bastante curioso, existindo até algumas versões infantis e coloridas. O termo **xilofone** deriva de duas palavras gregas antigas: *xylon* (madeira) e *phoné* (som). Trata-se de um instrumento formado por fileiras de barras de madeira resistentes de vários comprimentos, dispostas de acordo com a altura e percutidas com baquetas.

As barras de madeira resultam em um timbre suave e firme ao mesmo tempo. Do uso popular em várias culturas, passou a fazer parte de orquestras sinfônicas, por conta do seu timbre especial. A afinação e a sequência das barras variam de cultura para cultura, mas o que todos os xilofones têm em comum é o arranjo das barras em escalas, das notas graves às agudas.

Em relação à resposta da **atividade 3**, espera-se que eles identifiquem as baquetas presentes nas fotografias do triângulo, xilofone e reco-reco. No entanto, a alfaia e o agogô também podem ser tocados com baquetas. O atabaque pode ser tocado tanto com baquetas quanto com as mãos. Já os demais instrumentos são executados apenas com as mãos.

Atividade complementar

Proponha uma atividade de improvisação musical com a turma. Aproveite para usar os instrumentos de percussão disponíveis na escola. Caso não haja instrumentos, pode-se propor aos estudantes que inventem seus próprios. Vocês também podem se valer dos sons vocais, corporais ou de ambos. Talvez os estudantes não saibam o que é improvisar, mas certamente já improvisaram em várias situações, mesmo sem saber, pois o improviso, de diversas maneiras e por diferentes razões, é muito comum no cotidiano.

Improvisar musicalmente é criar durante o próprio acontecimento sonoro e musical, mesmo com alguns combinados prévios. Fazer improvisações com os estudantes é importante para que possam explorar formas de tocar, criar, inventar e reinventar possibilidades, seguindo, ao mesmo tempo, alguma organização para que o grupo todo caminhe em conjunto.

"Sinal verde, sinal vermelho" é um jogo de improvisação musical que, além de estimular a concentração e a escuta, enfatiza o som e o silêncio, opostos que estão presentes nas produções musicais.

No jogo, cada estudante escolhe o veículo que deseja ser e a fonte sonora que representará cada veículo (sons produzidos com a voz, com o corpo, com objetos ou instrumentos musicais). Será preciso, também, dois estudantes para representar os "semáforos" sonoros: um fará o som do sinal verde, e, o outro, o som do sinal vermelho. Quem não parar receberá uma multa que será decidida por todos.

Assim que o sinal **verde** tocar, todos os veículos começam a andar, ou seja, os estudantes que estão no papel de veículos devem produzir os sons simultaneamente. Assim que o sinal **vermelho** tocar, todos devem parar imediatamente. Não há combinação a respeito do tempo entre os sinais. E é nisso que reside o fator da improvisação: algumas vezes o tempo de silêncio será menor; em outras, maior.

Orientações

Aqui trabalharemos com base no conceito de **instalação sonora**. Esse tipo de criação artística tem duas características marcantes: por um lado, como toda instalação, é uma obra que usa o espaço como material, criando experiências por meio da experiência corporal do público. Por outro, também usa o som como elemento central e indispensável na sua criação e na experiência do público. Em outras palavras, une a intervenção espacial à exploração de diferentes sonoridades – indicamos no Livro do Estudante uma prática que possibilita esse início de conversa.

A respeito da pergunta feita no Livro do Estudante, espera-se que eles observem que os prédios mostrados foram utilizados como suporte para uma instalação sonora, diferentemente dos prédios que normalmente conhecemos, que não apresentam esse tipo de instalação em suas paredes externas.

Nosso principal interesse é que os estudantes desenvolvam uma percepção plástica e sonora por meio da exploração e da investigação.

Proponha uma pesquisa sobre outras instalações sonoras, de modo a ampliar o repertório dos estudantes nesse sentido. Para auxiliar neste início, busque trabalhos de artistas como *Cinerama*, de Marcelo Muniz e Cadóz Sanches, *Forty Part Motet*, de Janet Cardiff.

Para aprofundar

Caso sua escola seja no campo, com grupo de ribeirinhos ou quilombolas, aproveite a rica oportunidade de explorar as possibilidades de sons em um ambiente menos modificado pelos seres humanos quando comparado a localidades fortemente urbanizadas.

Questione sobre as sonoridades próprias de determinadas épocas do ano (estações de chuvas, de mais ventos, presença de certos animais, como aves migratórias). Busque saber a interpretação poética e musical dessas vivências.

Foco na BNCC

EF15AR01, **EF15AR15** Ao entrar em contato com obras contemporâneas, os estudantes ampliam seus repertórios e desenvolvem a sensibilidade estética, a imaginação e o entendimento da diversidade de linguagens artísticas. Conhecer exemplos de instalação sonora leva os estudantes a explorar diferentes fontes sonoras.

QUAIS SÃO OS SONS DA NATUREZA?

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR.

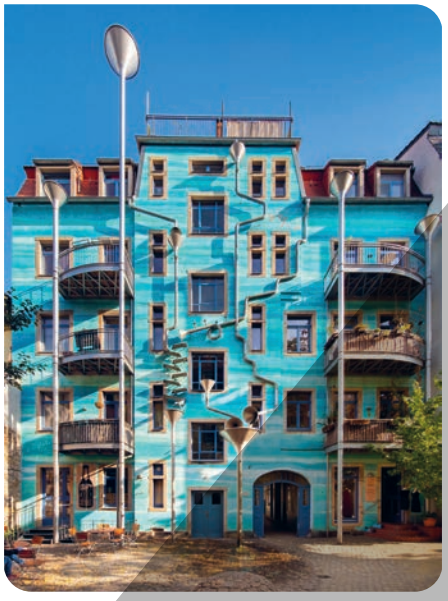


foto-select/Shutterstock.com



Jacqueline van Kerkhof/Shutterstock.com

INSTALAÇÃO SONORA PRESENTE NA PARTE FRONTAL DE UM EDIFÍCIO NA CIDADE DE DRESDEN, NA ALEMANHA, 2019. ELA FOI CRIADA PELOS ARTISTAS ANNETTE PAUL, CHRISTOPH ROSSNER E ANDRÉ TEMPEL.

- QUAL É A DIFERENÇA ENTRE ESSE PRÉDIO E AQUELES QUE VOCÊ CONHECE? Resposta pessoal.

OBSERVE OS CANOS NA PAREDE. O QUE ELES PARECEM? ESSA É UMA INSTALAÇÃO SONORA. ALÉM DE SURPREENDEREM O OLHAR, OS CANOS SÃO OBJETOS SONOROS PENSADOS PARA CAPTAR A ÁGUA DA CHUVA E REVERBERAR SEU SOM PELO ENCANAMENTO, PRODUZINDO DIFERENTES SONS.

GLOSSÁRIO

INSTALAÇÃO SONORA: OBRA DE ARTE COLOCADA EM ALGUM AMBIENTE, QUE COMBINA ARTES VISUAIS E MÚSICA. O LOCAL QUE ESSA OBRA OCUPA PODE SER, POR EXEMPLO, UMA PRAÇA, UMA SALA OU MESMO UM PRÉDIO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Infográfico clicável

Para sedimentar a compreensão dos estudantes a respeito das possibilidades de uma instalação sonora, explore com a turma este conteúdo interativo. Solicite aos estudantes que acessem o infográfico pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

ESSAS INSTALAÇÕES SONORAS PODEM SER ACIONADAS POR PESSOAS OU CRIADAS PARA INTERAGIR COM ELEMENTOS NATURAIS, COMO A CHUVA, O VENTO OU AS ÁGUAS DE UM RIO.

VAMOS FAZER UMA EXPERIÊNCIA COM O VENTO?

PESQUISE, COM A AJUDA DE UM ADULTO, OBJETOS QUE FAZEM SONS COM O VENTO E EXPERIMENTE PENDURAR ESSES MATERIAIS, POR UM FIO, EM UM AMBIENTE EXTERNO.

DICA:
UM EXEMPLO DE INSTALAÇÃO SONORA DE PENDURAR ENVOLVE UNIR ALGUNS LÁPIS POR UM BARBANTE E PENDURÁ-LOS EM UMA JANELA.

- ANOTE A SEGUIR OS NOMES DOS OBJETOS QUE VOCÊ PESQUISOU.

Resposta pessoal.

AGORA, COM OS COLEGAS, VOCÊ VAI CRIAR UMA INSTALAÇÃO SONORA A PARTIR DA SUA PESQUISA.

JUNTOS, DESCUBRAM UMA FORMA DE PENDURAR OS OBJETOS PARA QUE ELES BALANCEM AO VENTO. VOCÊS PODEM USAR BARBANTE, LINHA, ARAME ETC., E OS OBJETOS PODEM SER PENDURADOS EM UM LUGAR ADEQUADO DA ESCOLA, COMO UMA JANELA, UM GALHO BAIXO DE ÁRVORE, ENTRE OUTROS LUGARES.

EXPERIMENTEM ATÉ ENCONTRAR UMA FORMA QUE EMITA SONS QUANDO O VENTO PASSAR PELA INSTALAÇÃO!

- UMA VEZ FEITA A MONTAGEM, ESCUTE COM ATENÇÃO A INSTALAÇÃO SONORA E RESPONDA: COMO É O SOM QUE VOCÊS CRIARAM?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Auxilie os estudantes na pesquisa fazendo perguntas, sugerindo ideias, ajudando-os diretamente na busca por soluções.

Do ponto de vista da música, a exploração diz respeito às sonoridades e suas características. Incentive os estudantes com perguntas sobre como são os sons que pesquisaram: São graves, agudos ou secos? Do ponto de vista simbólico, como eles os descreveriam: estranhos, agradáveis, ardidos, alegres? Estimule a pesquisa, mas também registre, ao longo do processo, as associações simbólicas.

Do ponto de vista das artes visuais, vale explorar um lugar adequado para a instalação. Além da questão espacial, é interessante que seja um local não muito distante da vida escolar. Mesmo que as outras turmas não participem da prática, só o fato de haver uma instalação na escola já funciona como elemento formador de repertório, curiosidade e aprendizado.

Nesta atividade, a pesquisa em casa com os adultos é parte importante da prática. Há algumas sugestões no Livro do Estudante em relação a materiais que podem ser usados na montagem do projeto, mas você pode ampliá-las de acordo com a realidade da escola. Uma opção interessante é investigar a sonoridade de materiais naturais, como sementes e gravetos. Reserve um tempo para que os estudantes compartilhem o resultado da pesquisa e para que possam, em conjunto, decidir os materiais a serem usados.

Uma vez decidido o material sonoro, é hora de fazer a instalação no espaço. Juntos, descubram um modo de pendurar os objetos para que possam balançar ao vento; vocês podem usar barbante, linha, arame etc. Há muitos outros objetos que são instalados de modo pendurado, por exemplo, móbiles, mensageiros e sinos dos ventos. A ideia não é reproduzir algum deles, mas mostrar que pode ser um procedimento simples. Na hora de criar a amarração, esteja atento para que o som não fique abafado pelo material que estão usando para atar os elementos. Para que isso não aconteça, garanta que haja contato entre as superfícies quando percutidas por ação intencional dos estudantes ou de elementos naturais como vento ou gravidade. Oriente-os a experimentar até encontrar uma solução satisfatória para o material escolhido.

Investigue o local em que os objetos serão pendurados e a melhor forma de fazê-lo. É importante que você esteja alinhado com a direção da escola para determinar o tempo em que a instalação ficará exposta. Combine com a turma esses prazos.

No final, faça uma roda de conversa com os estudantes e pergunte como se sentiram e o que aprenderam durante o processo.

Foco na BNCC

EF15AR04, **EF15AR05** Ao pesquisar objetos e construir uma instalação sonora, os estudantes experimentam diferentes formas de expressão artística, fazendo uso de materiais e recursos convencionais e não convencionais. A proposta promove a experimentação artística ativa, o trabalho colaborativo entre os estudantes e a ocupação criativa dos espaços escolares, elementos essenciais dessa etapa da educação em arte.

Orientações

O Livro do Estudante apresenta uma instalação sonora feita pelo artista nigeriano Emeka Ogboh. Faça a leitura da obra com a turma, por meio da combinação da imagem com a descrição no livro. Estimule-os com a leitura a respeito dos materiais, e siga tentando imaginar, conjuntamente, como seria a experiência de estar na presença dessa instalação. É uma ótima oportunidade para reforçar o caráter deste tipo de obra, que conta com um tipo de presença e experiência que não pode ser substituída por nenhum tipo de registro. Retome a pesquisa que os estudantes fizeram sobre outras instalações sonoras e aprofunde a discussão nesse sentido, estimulando-os a relacionar o que já viram, conheceram e pesquisaram sobre esse tema, nesta unidade.

A seguir, será proposta uma prática, que dialoga diretamente com o tema da instalação sonora que vem sendo trabalhada. A instalação proposta nesta atividade visa uma interação direta com a comunidade escolar. Para facilitar o trabalho, organize as etapas antes de realizá-las com os estudantes.

Vamos realizar duas etapas: na primeira, você manuseia e organiza alguns recipientes de vidro preenchidos com água em alturas diferentes. A segunda é uma instalação na qual os estudantes farão o mesmo processo, mas com outro material: garrafas plásticas.

Recolha com antecedência alguns recipientes transparentes. Depois, encha-os de água para [illegible] tes sonoridades. Traga de casa ou verifique na própria esc[illegible] tipo de material pode ser emprestado. Caso opte por utilizar algum recipiente de vidro, todo o manuseio deve ser feito exclusivamente por você; por questão de segurança, os estudantes não devem transportar ou manusear os potes. Coloque-os, você mesmo, sobre a mesa da sala e estabeleça bem as regras de segurança antes de começar: os estudantes podem apenas percutir os diferentes recipientes, sempre sob sua total supervisão. Caso sejam de plástico, apenas organize o manuseio para ajudar na distribuição nas mesas.

ALGUNS SONS NOS TRAZEM IMAGENS

OBSERVE A IMAGEM ABAIXO. TRATA-SE DA INSTALAÇÃO DE UM ARTISTA NIGERIANO.



Museu Nacional de Arte Africana, Washington. Emeka Ogboh. 2016.

INSTALAÇÃO SONORA *MARKET SYMPHONY* [SINFONIA DO MERCADO], DO ARTISTA EMEKA OGBOH, 2016.



AMPLIAÇÃO DA ESTRUTURA CENTRAL DA INSTALAÇÃO.

GLOSSÁRIO

NIGERIANO: QUEM NASCE NA NIGÉRIA, PAÍS DA ÁFRICA.

CONHECENDO

EMEKA OGBOH (1977-) É O NOME DO ARTISTA NIGERIANO QUE CRIOU A OBRA MOSTRADA NESTA PÁGINA. ELE USA IMAGEM E SOM AO MESMO TEMPO EM SUAS OBRAS. DESSE MODO, SEU TRABALHO DESPERTA SENSAÇÕES A PARTIR DA COMBINAÇÃO DE IMAGENS E DE DIFERENTES SONS CRIADOS POR ELE NOS AMBIENTES.

- QUAIS SÃO OS OBJETOS QUE VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR NA IMAGEM DA INSTALAÇÃO? Resposta pessoal. Espera-se que o estudante seja capaz de reconhecer que é um objeto de cerâmica, e que observe e investigue a imagem em busca de elementos sonoros que, nesse caso, são os alto-falantes.

ESSA TAMBÉM É UMA INSTALAÇÃO SONORA. ELA É COMPOSTA DE DOIS OBJETOS: PRATOS DE CERÂMICA PINTADOS À MÃO E AMPLIFICADORES DE SOM OU ALTO-FALANTES.

O ARTISTA GRAVOU OS SONS DE UM FAMOSO MERCADO AO AR LIVRE QUE EXISTE NA CIDADE DE LAGOS, NA NIGÉRIA. ELE INSERIU TODO TIPO DE SOM QUE ACONTECE POR LÁ: O RUÍDO DOS CHINELOS DE QUEM PASSAVA, AS PESSOAS NEGOCIANDO, O BARULHO DOS OBJETOS BALANÇANDO NAS BARRACAS OU NAS SACOLAS DAS PESSOAS. COM ISSO, ELE CRIOU O QUE CHAMOU DE SINFONIA DO MERCADO, PORQUE ACREDITA QUE OS SONS ESPECÍFICOS DE UM LUGAR FORMAM UMA [illegible]GEM DE SONS QUE SÃO ÚNICOS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Decida com a turma se haverá algum tipo de cor na água dentro dos potes. Isso pode ser feito, por exemplo, com corante alimentício líquido ou em pó; gelatina em pó; papel crepom (nesse caso, fique atento às manchas que podem não sair de certas superfícies, como tecidos). Lembre-se de que, aqui, há dois eixos importantes: sonoridade e visualidade.

Ao preencher os potes com água, atente à quantidade, mantendo alturas variadas, de modo a criar timbres e alturas diferentes. É necessário encontrar algo que sirva de baqueta para percutir os recipientes.

Foco nos TCTs

TCT

Multiculturalismo – Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

Trazer referências de artistas africanos contemporâneos não apenas amplia o repertório artístico dos estudantes para além dos eixos mais comumente difundidos, mas também aproxima o estudante da nossa matriz cultural africana, contribuindo para a valorização dessa herança rica, plural e diversa. A presença de um artista contemporâneo ainda contribui para a quebra de estereótipos que tendem a congelar a produção artística desse continente no tempo.

O QUE EMEKA FEZ FOI DESTACAR QUE A ARTE TAMBÉM EXISTE NO DIA A DIA AO USAR PRATOS DE CERÂMICA SEMELHANTES AOS QUE OS COMERCIANTES LOCAIS UTILIZAM PARA MOSTRAR SEUS PRODUTOS. NELES, INSTALOU PEQUENAS SAÍDAS DE SOM QUE "TOCAM" OS SONS LOCAIS. QUANDO OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO ENTRAM NA SALA, OS SONS COMEÇAM A TOCAR.

VAMOS CRIAR MAIS UMA INSTALAÇÃO SONORA? DESSA VEZ, A IDEIA É CONSTRUIR UMA QUE CONTE COM A PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS DA ESCOLA PARA FUNCIONAR. REÚNA, COM OS COLEGAS, O MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE RECIPIENTES DE VIDRO E PLÁSTICO TRANSPARENTES: COPOS, JARRAS, POTES, ENTRE OUTROS.



hydebrink/Shutterstock.com

HOMEM SE APRESENTA TOCANDO EM COPOS COM ÁGUA. O NÍVEL DA ÁGUA EM CADA COPO DETERMINA UMA SONORIDADE DIFERENTE. BUDAPESTE, HUNGRIA, 2019.

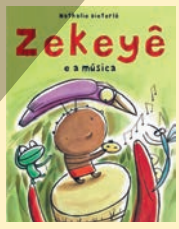
VOCÊS VÃO CRIAR UMA BANCADA COM ESSES OBJETOS PREENCHIDOS COM ÁGUA EM DIFERENTES ALTURAS. É IMPORTANTE QUE HAJA ALGO NA MESA QUE POSSA SER USADO COMO BAQUETA.

É POSSÍVEL ATÉ COLORIR A ÁGUA USANDO CORANTES ALIMENTÍCIOS OU PÓ DE GELATINA, POR EXEMPLO. NESSE CASO, PENSEM EM COMO ORGANIZARÃO AS FORMAS E AS CORES DOS RECIPIENTES.

PERISCÓPIO

PARA LER

ZEKEYÊ E A MÚSICA, DE NATHALIE DIETERLÉ (SCIPIONE, 2021). O MENINO ZEKEYÊ QUER TOCAR OS INSTRUMENTOS DO POVO DE SUA ALDEIA, MAS AINDA É MUITO PEQUENO E NÃO CONSEGUE. ENTÃO, ELE RESOLVE CRIAR O PRÓPRIO INSTRUMENTO, DANDO INÍCIO A UMA GRANDE AVENTURA.



Editora Scipione

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Depois da demonstração dos recipientes de plástico ou vidro, é hora de os estudantes trabalharem com outro material, mais seguro: garrafas plásticas de tamanhos e formatos diversos. Organize uma campanha para reuni-las. Será preciso encontrar um lugar da escola para abrigar a instalação. Se possível, busque com a turma um espaço com grande circulação de pessoas. Coloque os recipientes e organize-os, deixando que os estudantes opinem sobre a lógica visual. Você deve auxiliá-los caso haja muitas ideias diferentes; mas, de modo geral, permita que criem essa organização. Para isso, chame a atenção deles para os elementos formais: formas, cores e tamanhos dos potes e das garrafas PET.

Decida, com a direção da escola, o tempo que a instalação ficará exposta. Nos horários de maior movimento, você pode combinar com alguns estudantes um revezamento para que fiquem junto à mesa, auxiliando as pessoas e observando suas reações.

Foco na BNCC

EF15AR17 Construir a instalação sonora com recipientes preenchidos com água contribui para que os estudantes experimentem sonorizações por meio de instrumentos musicais não convencionais de forma coletiva.

Avaliação

No final, faça uma roda de conversa com os estudantes sobre todas as etapas do processo para que apontem suas dificuldades, descobertas e aprendizados. Relembre as diferenças entre sonoridades, tanto na demonstração que você fez com vidros, quanto na ação direta deles com as garrafas plásticas. Essa investigação é parte fundamental do aprendizado. Lembre-se, também, de registrar as etapas do processo, se possível, fazendo anotações e até mesmo fotografando ou filmando. Esses registros podem contribuir para o momento de avaliação, a fim de relembrar o percurso da turma.

Os estudantes devem ter compreendido que, por meio de elementos específicos, são capazes de criar sons altos, baixos, graves, agudos, fortes ou fracos. Do mesmo modo, sonoridade e visualidade podem se combinar. Revise com a turma esse conteúdo pedindo aos estudantes que falem palavras-chave que remetam ao trabalho realizado com os sons e a visualidade. Depois, cada um deve escolher uma das palavras e desenhar algo que a represente, buscando "sentir" o significado da palavra e expressá-la no papel.

Orientações

Leia o poema com os estudantes e auxilie-os nas atividades de compreensão e interpretação de texto. A letra aborda a chegada de um rei nagô, anunciada por vários instrumentos de percussão que conhecemos aqui no livro, como: tambor, bongô, reco-reco, ganzá, agogô, entre outros.

Ajude-os a identificar esses instrumentos no texto. Pode ser interessante comentar que o povo africano iorubá, antes de ser escravizado e obrigado a vir para o Brasil, era uma das muitas civilizações daquele continente que eram governadas por reis.

Compreendido o poema, converse com os estudantes sobre a estrutura dele e explique o que é um verso dentro de um poema. Esclareça que nem sempre os versos são rimados e inicie, com a turma, a identificação das rimas.

Para aprofundar

É interessante mostrar aos estudantes alguns autores de poesia infantil e de haicais, gênero de poesia com estrutura simples que pode estimulá-los a escrever poemas. Haicai ou *haiku*, é um tipo de poema curto de origem japonesa. Geralmente tem três versos, com cinco, sete e cinco sílabas poéticas, respectivamente. O poeta japonês Matsuo Bashô é tido como o autor que fez do Haicai uma forma poética de prestígio. No Brasil, Paulo Leminski foi um grande divulgador de haicais em língua portuguesa, porém ele já não seguia a regra das sílabas por verso, somente a ideia dos três versos. Se possível, veja no *link* disponível em www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37531/40213 (acesso em: 26 abr. 2025) alguns poemas de Paulo Leminski.

GIRAMUNDO

RIMAS E VERSOS



COROA, CORAÇÃO
O BATUQUE DO TAMBOR
EMBALA MEU REI NAGÔ
COROANDO NO CORTEJO
TRADIÇÃO E ESPLENDOR

A CUÍCA É ENGRAÇADA
CHORA, CHORA, SEU MENINO
O AGOGÔ É COMO SINO
É AGUDO, TEM SOM FINO

NO VAI E VOLTA DO GANZÁ
AS SEMENTES VÃO DANÇAR
NA RANHURA, RECO-RECO
A BAQUETA VAI RASPAR

E NA RODA, CAPOEIRA
CAXIXI JÁ VEM SOMAR
BERIMBAU E ATABAQUE
PRO PANDEIRO COMPLETAR

USO OS DEDOS, MÃOS E BRAÇOS
INSTRUMENTO VOU TOCAR
QUANDO TOCO, SINTO A VOLTA
DELE EM MIM, ATUAR.

POEMA PRODUZIDO ESPECIALMENTE PARA ESTA OBRA.

Marcos de Melo

O POEMA ANUNCIA O CORTEJO DE UM REI AFRICANO. ELE FALA DE ALGUNS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO QUE SÃO TOCADOS PARA ANUNCIAR ESSA CHEGADA.

1. LEIA O POEMA EM VOZ ALTA E FAÇA O QUE SE PEDE.

A) SUBLINHE OS INSTRUMENTOS CITADOS NELE.

B) CIRCULE, COM DIFERENTES CORES, AS PALAVRAS QUE RIMAM ENTRE SI.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

20

DEPOIS DE ESCUTAR, LEIA NOVAMENTE O POEMA EM VOZ ALTA PRESTANDO ATENÇÃO NOS SONS DAS PALAVRAS QUE RIMAM.

VERSOS SÃO AS LINHAS DE UM POEMA OU DE UMA CANÇÃO.

QUE TAL CRIAR SEU PRÓPRIO VERSO COM AS RIMAS QUE VOCÊ ESCOLHER?

ESCREVA VERSOS COM RIMAS NO ESPAÇO A SEGUIR. DEPOIS, FAÇA UM DESENHO PARA ILUSTRAR OS VERSOS.

Resposta pessoal.

POR FIM, COMPARTILHE SUAS PRODUÇÕES COM OS COLEGAS!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta atividade, você pode propor aos estudantes algumas formas de começar a criar versos. Por exemplo:

- escolhendo um tema para o verso (pode ser algum assunto que vocês estejam estudando ou outro do interesse deles);
- escolhendo, primeiramente, as rimas que querem incluir no poema (que rimem com o nome deles, por exemplo) para, então, definir o assunto.

Verifique o que os estudantes sabem a respeito de rimas. Busque lembrá-los de que a rima é uma semelhança sonora entre palavras, que ocorre tanto no final quanto no meio dos versos.

Para os estudantes que ainda não estiverem plenamente alfabetizados, você pode encaminhar a atividade oralmente, tanto a escolha do tema quanto as rimas para os versos.

Para começar, eles podem escrever apenas as palavras que rimam e criar o verso oralmente.

Depois, você pode ajudá-los a escrever os versos. Uma possibilidade, também, é gravar os versos que eles fizerem para que possam escutá-los depois com o intuito de auxiliá-los na escrita.

Atividade complementar

Nem sempre os estudantes reconhecem as rimas com facilidade na hora de escrever. É importante lembrá-los de que elas estão relacionadas com o som de cada sílaba.

Para ajudá-los a reconhecer os sons parecidos, você pode lembrá-los de alguns versos da tradicional canção infantil "A barata diz que tem":

A barata diz que tem sete saias de filó.
É mentira da barata, ela tem é uma só.
Ah ra rá, oh ro ró, ela tem é uma só!

Cantiga.

Vocês podem, juntos, criar rimas para a música da barata seguindo o mesmo modelo.

"A barata diz que tem _____.
É mentira da barata, ela _____."

Em seguida, cada estudante cria os próprios versos. Depois de todos terem terminado a escrita, peça a eles que leiam os versos para o restante da turma.

Para aprofundar

Nesta unidade, foram apresentados os instrumentos de percussão e suas variações. Agora, iremos estudar outro instrumento dessa família, o chocalho, com destaque para as sementes, e perceber que elas também podem produzir sons.

As sementes são muito utilizadas para fazer chocalhos, tanto aqueles de diferentes tamanhos, formatos e materiais, que são recipientes preenchidos com as sementes, quanto os que são feitos amarrando várias sementes que produzem som quando chacoalhadas.

Na imagem do Livro do Estudante, vemos um chocalho-tornozeleira feito por sementes de pequi, uma fruta típica do cerrado brasileiro, que tem uma casca dura e não muito pequena. Esse tipo de chocalho é feito para ser colocado no tornozelo e é utilizado em diferentes culturas, tanto aqui da América do Sul quanto na Ásia e na África, por exemplo. Ele é tocado quando a pessoa bate os pés no chão, geralmente acompanhando um passo de dança. Aqui no Brasil, é muito comum nas culturas indígenas, estando presente em diversos rituais onde se canta e dança.



CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

PERCUSSÃO DA NATUREZA

COMO JÁ VIMOS, OS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO FORAM INVENTADOS POR MEIO DA OBSERVAÇÃO DA NATUREZA. MUITOS ELEMENTOS NATURAIS PRODUZEM SONS APENAS POR SEREM CHACOALHADOS PELO VENTO. AS SEMENTES, POR EXEMPLO, SÃO MUITO UTILIZADAS PELOS POVOS INDÍGENAS AQUI DO BRASIL E POR OUTROS POVOS ORIGINÁRIOS ESPALHADOS PELO MUNDO.



Rita Barreto/Fotoarena

CHOCALHO FEITO COM SEMENTES DE PEQUI POR INTEGRANTE DA ETNIA KUIKURO, NO ALTO XINGU, MATO GROSSO.

UMA DAS FOTOGRAFIAS DA PÁGINA MOSTRA UM CHOCALHO DE TORNOZELO FEITO DE SEMENTES DE PEQUI. O PEQUI É O FRUTO DO PEQUIZEIRO, ÁRVORE DA REGIÃO CENTRAL DO BRASIL. ESTE TIPO DE TORNOZELEIRA DE SEMENTES É MUITO UTILIZADO NA MÚSICA INDÍGENA. AS SEMENTES SÃO AMARRADAS NO TORNOZELO DA PESSOA, E QUANDO ELA BATE O PÉ NO CHÃO, ALÉM DO SOM DA BATIDA, ELA TOCA O CHOCALHO.



Leila Melhado/iStockphoto.com

HO CAXIXI.

TAMBÉM É MUITO COMUM O USO DE SEMENTES PARA PREENCHER CHOCALHOS, COMO AQUELES FEITOS DE PALHA TRANÇADA. UM EXEMPLO É O INSTRUMENTO DE ORIGEM AFRICANA CHAMADO CAXIXI. O SOM DELE É PRODUZIDO PELAS SEMENTES QUE SÃO COLOCADAS DENTRO DE UM PEQUENO CESTO FEITO DE PALHA E OUTROS MATERIAIS VEGETAIS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

22

VAMOS CONSTRUIR UMA TORNOZELEIRA CHOCALHO!

1. PROCURE SEMENTES DE PLANTAS QUE SEJAM DA SUA REGIÃO E AVALIE O SOM QUE ELAS PRODUZEM QUANDO BATEM UMA NA OUTRA.
2. DEPOIS DE ESCOLHER AS SEMENTES, DISCUTA COM O PROFESSOR MODOS DE TRANSFORMÁ-LAS EM UM CHOCALHO.
   - SE ELE FOR DO TIPO TORNOZELEIRA, JUNTE-AS COM UM BARBANTE COM A AJUDA DO PROFESSOR.
   - SE AS SEMENTES FOREM MUITO PEQUENAS, SERÁ MELHOR COLOCÁ-LAS DENTRO DE UM RECIPIENTE FECHADO E PRODUZIR UM CHOCALHO MANUAL. PODE SER USADO, NESSE CASO, UMA CABAÇA, UM CESTO DE PALHA OU UM RECIPIENTE OCO DE MADEIRA.
3. CASO VOCÊ NÃO ENCONTRE SEMENTES ADEQUADAS PARA FAZER UM CHOCALHO, É POSSÍVEL FAZER UM PARECIDO REUTILIZANDO MATERIAIS QUE SERIAM DESCARTADOS.
   - O CHOCALHO NO ESTILO TORNOZELEIRA PODE SER PRODUZIDO UNINDO, COM BARBANTE, TAMPINHAS DE GARRAFAS PLÁSTICAS OU LACRES DE LATAS DE ALUMÍNIO, POR EXEMPLO.
   - O CHOCALHO MANUAL PODE SER FEITO AO SE COLOCAR GRÃOS DE ARROZ, FEIJÃO OU PEDRAS DENTRO DE EMBALAGENS PLÁSTICAS, COMO AS DE IOGURTE.

UTILIZAR EMBALAGENS E TAMPINHAS É UMA MANEIRA DE DAR UMA NOVA FUNÇÃO PARA OS MATERIAIS PLÁSTICOS QUE IRIAM PARA O LIXO!



Mar de Palha

TORNOZELEIRA CHOCALHO FEITA DE BARBANTE, FITA E TAMPINHAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Para a proposta de construção de um chocalho (tornozeleira ou de mão), se possível, faça uma pesquisa com os estudantes sobre alguns tipos de sementes típicas da sua região. Se na escola não tiver um espaço arborizado, avalie a possibilidade de se fazer um passeio até um parque ou até mesmo uma praça para coletar as sementes locais e testarem seu som na produção dos chocalhos. Se só encontrarem sementes pequenas, é possível pensar nelas para colocar no interior de um chocalho tipo caxixi. Nesse caso, é possível pegar embalagens pequenas , como as de iogurte, e utilizá-las como o recipiente no qual serão colocadas as sementes. Outra possibilidade é produzir chocalho no estilo tornozeleira, utilizando tampinhas de garrafas PET para substituí-las. Para fazer a tornozeleira com tampinhas, é necessário que você ou um adulto responsável pelos estudantes realize a tarefa de furá-las no meio para passar uma linha ou cordão. Pode-se usar um prego aquecido para furar as tampas – com um prego mais grosso, fica mais fácil de passar o cordão. Junte algumas tampinhas em um cordão, o qual deve ficar preso em um elástico, que será a base para amarrar os cordões de tampinhas. Se não for possível construir uma tornozeleira para cada estudante, faça apenas algumas de forma coletiva e depois passe por toda a turma para que possam experimentá-las e bater o pé no chão para escutar o som que é produzido, de preferência acompanhando alguma música.

Se possível, consulte o vídeo indicado, que traz um passo a passo para aprender a fazer o chocalho-tornozeleira.

- TUTORIAL para confecção de um cocalho de pé. [*S. l.*], 7 fev. 2021. 1 vídeo (ca. 9 min.). Publicado pelo canal Professora Agnes Schmeling. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JbWKsWboQvc. Acesso em: 16 jul. 2025.

Foco nos TCTs

TCT

Meio Ambiente – Educação ambiental

Ao participarem da construção de uma tornozeleira chocalho, feita com sementes ou materiais reutilizados, os estudantes desenvolvem o pensamento criativo e sustentável, conectando arte, natureza e o cuidado com o planeta de forma sensível.

Orientações

Relembre com os estudantes quais as características que vimos no início da unidade: **altura** (se o som é grave ou agudo), **duração** (se é curto ou longo), **intensidade** (se é forte ou suave) e **timbre** (que é como se fosse a impressão digital do som e varia de acordo com a fonte sonora).

Para retomar essas características dos sons, os estudantes irão fazer uma atividade prática que envolve a produção de sons corporais.

Antes de dividi-los em duplas, faça uma brincadeira explorando sons corporais como as palmas, batidas no peito, estalos de dedos, batidas nas coxas, pés batendo no chão; bem como as muitas possibilidades de sons que podem ser produzidos com a voz. Nessa abordagem, além da função cotidiana de comunicação pela fala, a voz será utilizada ludicamente para reproduzir outros sons, como os de animais, carros, motos, instrumentos musicais etc. Muitas vezes, para fazer esse tipo de som, não são utilizadas as palavras, mas somente a voz, e essa exploração será interessante para a atividade.

Em seguida, separe os estudantes em duplas e peça a eles que se alternem. Primeiramente, um deles fará um som usando o corpo ou a voz, e o outro irá registrar no Livro do Estudante as qualidades do som que escutou; depois, há a inversão de papéis, e quem escutou faz o som e o outro faz as anotações.

Incentive os estudantes a serem criativos e a variarem o máximo possível na produção de sons, de modo a tornar mais rica a amostragem das (propriedades) que os sons podem ter.

REVENDO O QUE APRENDI

1. VIMOS QUE OS SONS TÊM QUALIDADES QUE OS CARACTERIZAM. VOLTE AO INÍCIO DA UNIDADE PARA LEMBRAR ESSAS QUALIDADES E ESCREVA O QUE DESCOBRIU.

Resposta: duração; altura; intensidade; timbre.

2. EM DUPLAS, VAMOS RELEMBRAR AS QUALIDADES DO SOM.

- PRIMEIRO, UM ESTUDANTE ESCOLHERÁ UM SOM PARA FAZER COM A VOZ OU OUTRAS PARTES DO CORPO, COMO PALMAS, MÃOS BATENDO NAS PERNAS, NO PEITO. USEM A IMAGINAÇÃO!
- DEPOIS, UM COLEGA IRÁ ESCUTAR O SOM E ESCREVER ABAIXO QUAIS QUALIDADES ELE TEM.
- EM SEGUIDA, A DUPLA DEVE TROCAR AS POSIÇÕES: QUEM ESCUTOU, ESCREVE, E QUEM ESCREVEU, ESCUTA. LEMBRE-SE DE FAZER SONS DIFERENTES DO QUE SEU PARCEIRO FEZ; PROCURE VARIAR. Respostas pessoais.

SOM 1: _____

SOM 2: _____

SOM 3: _____

SOM 4: _____

SOM 5: _____

SOM 6: _____

SOM 7: _____

SOM 8: _____

SOM 9: _____

SOM 10: _____

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

24

3. CITE AS CARACTERÍSTICAS QUE FAZEM COM QUE OS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO SEJAM CONSIDERADOS DE UM MESMO GRUPO.

Os instrumentos de percussão são aqueles que precisam ser percutidos para produzirem algum som. Eles podem ser percutidos com as mãos ou usando baquetas.

4. OBSERVE AS IMAGENS DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS.


AGCuesta/ Shutterstock.com

SAXOFONE.


Dmitriy Osiyev/ iStockphoto.com

CHOCALHO.


alma_pl/ iStockphoto.com

FLAUTA DOCE.


Fernando Favoretto/ Criar Imagem

RECO-RECO.


Chromakey/ Shutterstock.com

GUITARRA.


Fernando Favoretto/ Criar Imagem

CAVAQUINHO.


Nikandphoto/ Shutterstock.com

CLARINETE.


Wei Ming/ Shutterstock.com

VIOLINO.


Ricardo Fernandes/DP/D.A Press

TAMBOR (ALFAIA).

AS IMAGENS NÃO ESTÃO PROPORCIONAIS ENTRE SI

A) CIRCULE OS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO.

B) QUAL É A DIFERENÇA ENTRE O MODO DE PERCUTIR DE CADA UM DOS INSTRUMENTOS QUE VOCÊ CIRCULOU?

O chocalho deve ser chacoalhado para produzir som. O reco-reco deve ser raspado com uma baqueta. O tambor (alfaia) deve ser percutido [illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta unidade, os estudantes puderam conhecer alguns instrumentos de percussão, entender como o som é produzido neles, e o que os diferenciam de outros instrumentos musicais.

Nesta página, há imagens de instrumentos das diferentes famílias: cordas, sopro e percussão. Os estudantes devem observar e tentar reconhecer quais são os instrumentos de percussão. É interessante perguntar a eles o que veem de diferente nos outros instrumentos e por que estes não são de percussão. No caso, o cavaquinho, o violino e a guitarra são instrumentos de cordas, em que as cordas emitem o som; e a flauta doce, o clarinete e o saxofone são instrumentos de sopro, que emitem som quando alguém sopra através deles.

Peça aos estudantes que apontem a diferença entre o modo de produção do som em cada um dos instrumentos de percussão que foram circulados. Cada um deles tem um modo de ser percutido, seja chacoalhado, raspado ou golpeado.

Tente lembrar com os estudantes quais outros instrumentos eles conhecem. Retome as imagens mostradas no tópico **Os instrumentos de percussão e suas vozes** e peça a eles que agrupem os instrumentos aos que aparecem nesta página. No tópico citado, são mostrados os instrumentos a seguir.

- Alfaia, triângulo, xilofone e agogô: percutidos com a baqueta.
- Atabaque, bongô, pandeiro e cuíca: percutidos com as mãos.
- Ganzá: percutido ao ser agitado, chacoalhado com as mãos para produzir o som.
- Reco-reco: percutido ao ser raspado com a baqueta.

Orientações

A atividade propõe a observação da fotografia de uma escultura sonora, feita por Adriano Castelo Branco (1980-), e o resgate de abordagens trabalhadas nesta unidade.

Se possível, antes de fazer as atividades com os estudantes, assista aos vídeos do artista disponíveis em: https://adrianogregorio.wixsite.com/adrianocastelobranco/mascaras-soneticas-videos (acesso em: 16 jul. 2025). Desse modo, você conhecerá melhor o trabalho do artista e entenderá como as esculturas sonoras funcionam, antes de abordar esses objetos com os estudantes.

Ao explorar o conteúdo desta página, oriente-os a analisar com atenção a imagem mostrada no Livro do Estudante e a responder individualmente às perguntas.

Se foi possível mostrar vídeos das apresentações do artista, questione se os estudantes perceberam os movimentos de Adriano ao percutir um tambor e tocar uma corda que passa de cima a baixo (verticalmente) em toda a extensão da máscara. Pergunte também se reconheceram os materiais e elementos que formam a máscara.

Para aprofundar

Assim como as instalações sonoras, as **esculturas sonoras** são outro tipo de obra que propõe o diálogo entre as artes visuais e a música. Elas são um tipo de arte interativa em que o autor ou o espectador manipula a obra produzindo sons.

Aqui, os estudantes vão observar a obra de Adriano Castelo Branco, artista visual, educador [illegible] experimental de instrumentos musicais. Suas pesquisas, criações e [illegible] partilhamentos artísticos integram as artes visuais, a música e a poesia, transformando-se em esculturas, *performances* e instalações sonoras.

5. VAMOS EXPLORAR A IMAGEM A SEGUIR.



Marisa Quintal

MÁSCARA SONORA CRIADA PELO ARTISTA ADRIANO CASTELO BRANCO.

A) Resposta pessoal. Espera-se que o estudante seja capaz de reconhecer que é um objeto tridimensional que se parece com uma máscara ou um personagem, mas que também produz som e pode ser um instrumento. As respostas do tipo "não sei" podem disparar novamente a discussão sobre o hibridismo presente nesse trabalho: elementos de som, pintura e tridimensionais.

B) Resposta pessoal. Observe se o estudante consegue perceber que existe uma corda que o artista está tocando com uma mão, e com a outra toca um tambor. O estudante também pode ter outras hipóteses sobre a produção sonora por meio dessa escultura.

C) Resposta pessoal. Espera-se que o estudante reconheça bolinhas e uma raquete de pingue-pongue, argolas, madeira, uma placa de metal, um tambor e plástico.

A) O QUE VOCÊ ACHA QUE É O OBJETO MOSTRADO NA FOTOGRAFIA?

B) ESSE OBJETO PARECE FAZER ALGUM SOM?

C) VOCÊ RECONHECE ALGUM DOS MATERIAIS COM QUE FOI FEITA ESSA ESTRUTURA? QUAIS?

NÃO SÃO SÓ AS INSTALAÇÕES SONORAS QUE REÚNEM AS ARTES VISUAIS E OS SONS; TAMBÉM EXISTEM AS **ESCULTURAS SONORAS**, COMO ESSA DA IMAGEM.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Por fim, inicie uma roda de conversa para escutar as impressões dos estudantes a respeito das perguntas. O que a maioria respondeu em cada item? Será que já viram alguma escultura antes e reconhecem esta obra da foto como uma escultura?

Retome com os estudantes o conceito de escultura: uma das linguagens das artes, que ocupa o espaço tridimensionalmente. Ela pode ser esculpida, ou seja, produzida por meio da retirada de material de um bloco sólido como madeira ou pedra, por exemplo, ou modelada e construída, quando se adicionam ou se manipulam materiais para essa construção. É interessante fazer uma comparação entre as esculturas que ficam em museus, em que não se pode tocar, e a escultura retratada na página, que foi feita para ser tocada.

6. AGORA, CRIE E DESENHE SUA IDEIA DE ESCULTURA SONORA. NÃO SE ESQUEÇA DE DAR UM NOME À SUA CRIAÇÃO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

A proposta é que, a partir do desenho feito pelos estudantes, eles sejam convidados a colocar a ideia em prática. A experiência demandará que percebam os elementos separadamente para depois elaborar como será possível uni-los em uma escultura que ainda gere som. É uma oportunidade de junção de todos os pontos trabalhados até aqui.

Antes de iniciar os projetos, que podem ser em grupo ou individuais (como você julgar melhor para sua turma), faça a provocação: O que difere as esculturas sonoras de um instrumento musical feito com os mesmos materiais? Esse tipo de escultura pode ser chamado de **máscaras sonéticas** e **criaturas instrumentosas**.

É importante apontar, neste momento, que há um cuidado estético com as esculturas. Elas não são somente instrumentos musicais nem apenas máscaras ou criaturas (bonecos); são as duas coisas juntas. Observe cada objeto e perceba que eles têm pelo menos duas características em sua construção: a forma e as sonoridades que podem gerar.

Avaliação

Observe o envolvimento dos estudantes ao longo de todo o processo da atividade. É importante considerar o interesse e a participação demonstrados em todas as etapas que envolvem a criação da própria escultura, desde as respostas às perguntas, até o desenvolvimento da ideia no papel e a escolha dos materiais para a sua construção, caso ela ocorra. Deve-se observar também a capacidade de experimentar, tomar decisões criativas e utilizar os sons do cotidiano de forma coerente com a proposta.

Orientações

O objetivo desta atividade é que os estudantes façam um desenho que deve ser visto como um exercício de imaginação, pois requer a elaboração de uma escultura que é ao mesmo tempo uma criatura e um equipamento sonoro. A figura também poderá ser utilizada como etapa inicial para que possam fazer suas próprias esculturas sonoras inspiradas pelo trabalho de Adriano Castelo Branco.

Estimule os estudantes a pensar como os objetos vão compor o resultado final: tubos longos podem ser usados como nariz, por exemplo, dando um toque de humor à criatura. Objetos que podem vibrar quando soprados, se usados como orelha, proporcionarão um elemento-surpresa para a criatura. Siga chamando a atenção para os elementos das duas linguagens. Desse modo, o resultado será mais rico e interessante.

Arranje vários tipos de materiais e deixe-os disponíveis aos estudantes. Você pode encontrá-los no sucatário, caso haja um na escola, e também pedir com antecedência aos estudantes para que comecem a separar materiais, em suas casas, que possam ser utilizados na construção das esculturas. Embalagens plásticas, de madeira ou de alumínio, que normalmente iriam para a reciclagem, podem ser muito úteis. Pedaços de tubos de PVC, conduíte, arame e muitos outros materiais podem ganhar novo significado nas esculturas sonoras. Baseie-se nas obras de Adriano Castelo Branco.

Cada estudante ou grupo poderá escolher, entre esses materiais, o que deseja usar para criar sua escultura. A ideia pode surgir dos itens disponíveis, ou o projeto da escultura pode ser pensado primeiro e só depois os estudantes buscarem o material necessário para executá-lo. Caso sua escola esteja no campo ou em uma comunidade quilombola, aproveite para trabalhar com elementos naturais, como cascas, folhas, couros, plumagens, madeiras diversas, rochas etc., inclusive aprofundando a proposta de criar esculturas que, elaboradas com elementos naturais, imitem sons da natureza, como águas de rio ou da chuva, vento, canto de animais etc.

UNIDADE 2

ARTE NO DIA A DIA


Pixote Mushi/Arquivo do artista

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

28

Objetivos

- Localizar as linguagens das artes visuais e da música.
- Examinar o desenho pelo autorretrato e o desenho dos colegas.
- Praticar diferentes traços e linhas ao compartilhar desenhos, desde o processo de criação.
- Investigar práticas que exploram composições bidimensionais, tridimensionais e a combinação entre elas.
- Formular os conceitos de alteridade, diversidade e diferença e refletir sobre eles.
- Valorizar a diversidade e discutir questões antirracistas.

Pré-requisitos

Para realizar as propostas desta unidade, é esperado que o estudante seja capaz de perceber a arte nos mais diferentes espaços e locais, além de reconhecer o "eu" e o "outro", de modo a perceber-se de forma individual e em grupo, na comunidade de que faz parte e em sua turma, aprendendo a respeitar as diferenças e a conviver com a singularidade de cada ser. É importante que eles identifiquem os objetos de acordo com as propostas sugeridas na unidade, descrevam suas características e imaginem novas possibilidades de uso para eles. Os estudantes também devem ser capazes de utilizar as palavras como forma de expressão artística.

Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 3, 4, 6, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competência específica de Arte: 1, 3, 4 e 5.

Habilidades: EF15AR01, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR22.

Dimensões da Arte: Criação, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão.

Sugestão de leitura

- BARBOSA, A. M. (org.). *Ensino da arte*: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Neste livro, a pesquisadora Ana Mae Barbosa apresenta um panorama da educação das artes no Brasil no período de 1930 a 1948 e nos propõe reflexões sobre a atualidade a partir dessa perspectiva histórica.

Glossário dos termos do livro

Abordagem triangular: conceito central no ensino da arte desenvolvido por Ana Mae Barbosa, que visa integrar três dimensões do conhecimento em arte: ler, fazer e contextualizar.

Ensino tecnicista: abordagem educacional centrada na execução de técnicas e habilidades manuais padronizadas, com foco na repetição.

- No caminho de sua casa até a escola ou até o mercado, você vê muros pintados, postes de luz com desenhos ou casas coloridas?
- Em sua opinião, tudo isso poderia ser arte? Por quê?
- Você sente que está cercado de arte no seu dia a dia?



Pixote Mushi, *Corte da quebrada*, 2023. Grafite na Praça Céu das Artes, Diadema, São Paulo.

CONHECENDO

Pixote Mushi (1984-) é um artista visual de São Paulo. Ele se expressa de diferentes formas, entre as quais estão as intervenções artísticas nas cidades, na forma de pintura em muros, fachadas de casas e outras estruturas nas ruas. Essa obra est[illegible] Paulo, e celebra a diversidade d[illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Antes de mostrar a imagem para os estudantes, é importante que você mesmo faça a leitura dela. Criar ou ampliar o hábito de analisar com atenção a obra apresentada nesta etapa inicial do trabalho com o livro é fundamental para que você consiga aprofundar as reflexões sobre ela com a turma. Explore com os estudantes a simetria e a geometrização das figuras do mural, reforçada pelas cores.

Converse com eles sobre o nome do mural e as figuras retratadas; perceba se notam que há destaque na valorização da diversidade de penteados da comunidade negra retratada. Peça que descrevam o que veem, e a partir da nomeação desses elementos, eles terão mais clareza para se aprofundar na leitura da imagem. Caso haja estudantes com deficiência visual, estimule a turma a descrever para esse colega o que veem. Essa estratégia integra toda a turma na aproximação com a obra. Você pode fazer algumas perguntas a mais para reforçar essa aproximação, por exemplo, se os estudantes se identificam com o mural, ou pedir que relacionem a obra à sua vida, indicando os sentimentos despertados por ela. Incentive os estudantes a pensarem sobre que sentimentos essa arte desperta neles.

Respostas

- A primeira pergunta diz respeito a como os estudantes percebem a arte urbana no cotidiano. Os caminhos sugeridos são a escola, o mercado e a casa, mas você pode ampliar. Veja se há coincidências nas respostas, se eles viram a mesma pintura ou se interessaram por alguma em comum. A arte urbana abarca mais do que o grafite. Há os lambe-lambes e adesivos, além de formas e cores diversas. Há também os cartazes comerciais, que compõem a cultura visual de uma comunidade, mas ocupam lugares bem diferentes. Se alguém trouxer esse exemplo, pergunte o porquê de se aproximar das outras manifestações trazidas e problematize a função da publicidade e suas diferenças com a arte, aproveitando a chance para propor essa reflexão. Tente buscar também, com os estudantes, manifestações da cultura popular presente em seus cotidianos.
- É possível que alguns estudantes não vejam o grafite como arte, porque é feito direto nas ruas. Antes de seguir na discussão, lembre-se de que o conceito de arte varia bastante conforme a época e o contexto e nem todas as pessoas compartilham do mesmo olhar. Muitos discursos sobre arte que encontramos cotidianamente são, inclusive, ligados a pensamentos que faziam sentido séculos atrás, mas que continuam sendo tomados como único modo de ver arte. Inicie essa discussão com leveza, buscando mais reflexão do que respostas assertivas.
- A terceira pergunta busca saber tanto a proximidade dos estudantes com a arte como a compreensão do que entendem por arte, sendo um desdobramento da pergunta anterior. Muito do que pensamos ser arte pode ser somente recursos estéticos de consumo, ao mesmo tempo que há próximo a nós manifestações artísticas que não são vistas desse modo, como grupos de arte urbana ou ligados a tradições de dança, música, dramatização e artes visuais da comunidade em que vivem.

Orientações

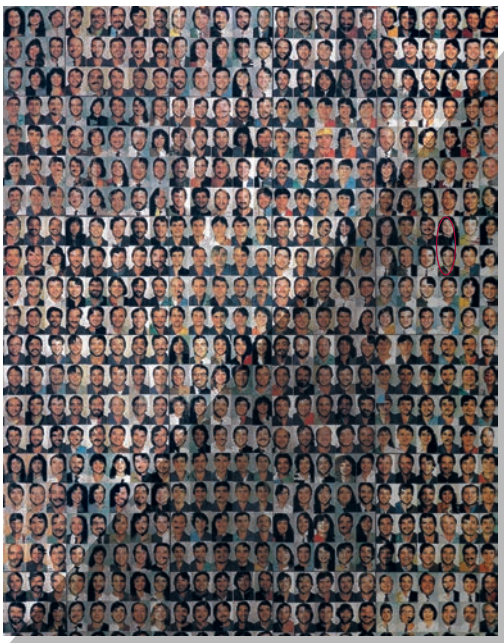
Esta prática trabalha o conceito de **alteridade**, que é a percepção de que há pessoas diferentes, com outras visões de mundo. Essa consciência pode ser trabalhada no sentido da ampliação de olhares, passando pela empatia, mas também pelo respeito à diversidade de olhares, de pensamentos, de modos de viver. É importante lembrar que exercer alteridade não significa aceitar qualquer tipo de preconceito ou discurso de ódio. Esteja atento para mediar situações nesse sentido, se for o caso. A ideia é discutir, por meio de uma experiência de criação artística, as singularidades que envolvem o conjunto de pessoas da comunidade. Estimular a alteridade promove o respeito às subjetividades e à existência plena do outro.

Em sua obra, o artista Otávio Roth aborda, com frequência, conteúdos ligados aos direitos humanos. Na produção mostrada nesta página, a combinação de rostos evidencia a diversidade de uma comunidade. Aproveite o tema como disparador para assuntos como respeito às diferenças. Cada grupo tem elementos culturais e ancestrais comuns, mas somos únicos em nossa diversidade. Pergunte aos estudantes, utilizando as famílias e a turma como as células comunitárias, o que identificam de comum e o que identificam como único ou específico deles mesmos, como um exercício de alteridade.

Do ponto de vista da linguagem artística, esta abordagem inicial será encaminhada para o trabalho com o **desenho**, especificamente o desenho de observação. Esta é uma [illegible] interessante e que pode ser retomada em vários momentos, já que [illegible] percepções e emoções no papel por meio do desenho é uma das bases da expressividade individual e da aproximação com o fazer artístico.

Nesse tipo de atividade, você pode ajudar os estudantes incentivando-os a observar detalhes da imagem específica que será desenhada, e não uma imagem genérica de olho, por exemplo. Há grande diferença entre desenhar uma "imagem" do que seja um olho e observar as características particulares daquele olho. Alguns são voltados para cima, outros para baixo; arredondados ou amendoados; mais alongados ou mais curtos etc. É válido usar as diferenças, tanto para afirmar as subjetividades quanto a prática do desenho.

EU + OUTRO = NÓS



Otávio Roth

Otávio Roth. *Face a face*, 1992. Colagem fotográfica, 8 m × 6 m (detalhe).



Otávio Roth

Ampliação de um recorte da obra.

CONHECENDO

Otávio Roth (1952-1993) nasceu na cidade de São Paulo e, ao longo de sua carreira, dedicou-se a mostrar, por meio da arte, ideias importantes, como o respeito ao próximo e a busca por um mundo melhor. Muitas de suas obras foram pensadas como uma proposta de convidar o público a participar da criação ao lado dele.

Se você olhar essa imagem bem de perto, vai perceber que cada retrato é formado pela metade do rosto de duas pessoas.

O artista Otávio Roth recortou fotos e fez combinações de dois rostos diferentes para formar cada pequena imagem.

Quando vemos a imagem por completo, imaginamos uma multidão. Mas, ao observar os detalhes, passamos a pensar em cada pessoa e em como podemos dialogar, nos conectar e nos completar quando estamos juntos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

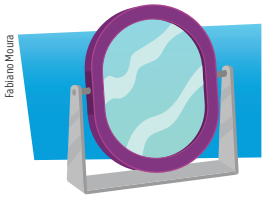
O artista Otávio Roth usou a colagem como escolha de técnica para este trabalho. Busque imagens de outros artistas que sejam adequadas à faixa etária dos estudantes e que contemplem essa técnica. Separe imagens de revistas ou jornais antigos, ou, ainda, imagens bem diferentes entre si que podem ser impressas. Incentive os estudantes a criar uma nova imagem a partir da combinação destas já prontas. Peça que criem seres a partir da combinação de figuras de seres existentes. Eles podem misturar elementos do corpo de pessoas, animais, objetos etc. Estimule a criatividade e auxilie no manejo da tesoura. Evite figuras muito pequenas.

AUTORRETRATO E RETRATO

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

Você acredita que a maneira como nos vemos é diferente de como os outros nos enxergam? Vamos fazer **retratos** e **autorretratos** para descobrir?

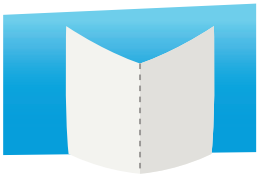
Autorretrato é um retrato que fazemos de nós mesmos.


Fabiano Moura

Espelho.



Papel sulfite.



Feita a divisão da folha, faça o desenho de seu rosto em uma metade dela. A outra metade será ilustrada pelo seu colega.



Após completar a ilustração de seu próprio rosto, entregue a folha dobrada ao seu colega, de modo que ele veja somente a metade em branco, onde ele desenhará.

MATERIAL:

- 1 folha de papel sulfite;
- 1 espelho (pode ser um para a turma toda).

COMO FAZER

1. Dobre a folha sulfite ao meio, conforme o modelo.
2. Fique na frente do espelho e observe seu rosto.
3. Faça um desenho somente da metade (esquerda ou direita) de seu rosto – seu autorretrato – na folha dobrada. Neste momento, escreva seu nome na parte de baixo da folha.
4. Convide um colega para fazer a outra metade de seu retrato! Ele vai usar a parte da folha que está em branco, mas sem olhar o que você desenhou. Depois, é a sua vez de completar o desenho do colega. Não se esqueça de observar os olhos, as sobrancelhas, o nariz, a boca, enfim, todos os detalhes do rosto do colega.
5. Por último, abra sua folha e veja como ficou o desenho de seu rosto.
   - Que diferenças você notou entre como você se percebe e como o colega percebe você?

Resposta pessoal. Espera-se que o estudante possa perceber que as escolhas de representação envolvem seu olhar particular e a maneira como decide representar algo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Essa atividade requer uma orientação mais direcionada e detalhada, portanto, é importante que você esteja atento às necessidades dos estudantes. Na primeira etapa, distribua folhas de papel dobradas ao meio e garanta que eles desenhem a metade do seu próprio rosto somente do lado direito da folha. Se achar necessário, prepare as folhas antes, criando na folha aberta o contorno do rosto inteiro, de maneira simétrica. Outra ideia é fazer uma linha horizontal na altura dos olhos, de ponta a ponta da folha, para que os estudantes consigam inserir os elementos do rosto com mais facilidade. Caso haja estudantes com deficiência visual na turma, você pode colar um barbante no lugar desta linha, de modo a auxiliá-lo no mapeamento deste rosto. Neste momento, peça aos estudantes que escrevam o próprio nome na parte de baixo da folha, de modo a saber posteriormente quem fez qual parte do desenho.

Nessa etapa, é importante os estudantes usarem espelhos. Leve e compartilhe alguns espelhos ou peça aos estudantes que tragam de casa, ou, ainda, você pode improvisar e usar um espelho de algum ambiente da escola.

Quando a primeira etapa estiver concluída, confira se o nome de cada estudante está anotado na folha de papel, para facilitar a segunda etapa. Desse modo, você garante que, ao final, cada estudante possa abrir a folha e encontrar as duas versões de seu retrato.

Na segunda etapa, organize os estudantes em dois turnos: metade da turma será desenhada e a outra vai desenhar. Depois é só inverter. Confirme o nome do estudante a ser retratado para que o colega possa completar a outra metade do rosto da pessoa certa.

Avaliação

Depois de prontos os desenhos, reserve um momento para a troca de ideias e retome a observação feita da obra do artista Otávio Roth, relacionando-a com a produção dos estudantes. Peça que compartilhem como foi a experiência de se ver e de ver o outro. Encaminhe a conversa para a questão das diferenças entre mim e o outro (alteridade) e ajude-os a entender que é fundamental perceber essas diferenças para que possamos respeitá-las.

Busque valorizar o traço do estudante por sua singularidade, e não pela semelhança com o real. Qualquer tipo de crítica nesse sentido não ajuda no desenvolvimento da linguagem, ao contrário, cria estigmas e muitas vezes interrompe a liberdade, que é fundamental na aquisição dessa fluência. Reforce com clareza para a turma que, assim como as pessoas têm características físicas e culturais diversas – o que as torna únicas –, também ocorre com o traço de cada um.

Procure uma forma de expor os autorretratos na sala para que os estudantes observem o desenho de cada colega.

Esteja atento, neste momento, para evitar qualquer tipo de ridicularização, estigmatização ou *bullying*. Caso isso aconteça, converse diretamente com os envolvidos e redirecione o foco, chamando a atenção para as qualidades do retratado e de como não devemos julgar a aparência das pessoas, pois também não apreciamos que nos julguem.

Objeto digital

Infográfico clicável

Para auxiliar os estudantes no entendimento da prática proposta, o recurso digital traz um passo a passo aliando figuras e textos. Solicite que os estudantes acessem o infográfico pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Orientações

Seguindo a proposta desta unidade, que busca uma aproximação das artes tendo como base o cotidiano do estudante, são apresentadas as obras do artista Victor Nunes. Elas evidenciam essa possibilidade de maneira bastante clara, pela simplicidade e pelo humor. Oriente os estudantes na observação das obras, pedindo que atentem aos detalhes das composições de Victor Nunes. Elas serão usadas como inspiração para a prática proposta.

Do ponto de vista da linguagem artística, o desenho será trabalhado de uma perspectiva também simbólica e associativa. Trabalharemos, ainda, a percepção de formas geométricas e orgânicas. Os objetos serão pontos de partida para os desenhos que serão criados a seguir.

A ARTE NO MEIO DA VIDA



Vitor Nunes/Arquivo do artista

Victor Nunes. *Cotidiano tesouras*, 2012. Técnica mista sobre papel. 10,0 cm × 13,3 cm.



Vitor Nunes/Arquivo do artista

Victor Nunes. *Cotidiano hastes*, 2017. Técnica mista sobre papel. 10,0 cm × 13,3 cm.

O artista Victor Nunes usa objetos do dia a dia para criar suas obras. Ele começa com o objeto para depois pensar no desenho. No caso das tesouras, por exemplo, fica fácil imaginá-las como olhos ou rodas de uma bicicleta. Você já pensou em usar objetos para criar imagens?

CONHECENDO

Victor Nunes (1949-) é um artista que usa em seus trabalhos diversas linguagens, como as artes visuais e a música. Nas artes visuais, a técnica que o fez conhecido foi a criação de vários desenhos a partir de elementos do dia a dia, combinando pedaços ou juntando diversos objetos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

32



Victor Nunes/Arquivo do artista

Victor Nunes. *Cotidiano wafer*, 2014. Técnica mista sobre papel. 10,0 cm × 13,3 cm.

1. Entre as obras de Victor Nunes mostradas no livro, escreva o nome daquela que mais chamou a sua atenção.

Resposta pessoal.

2. Com a ajuda de um adulto, procure um objeto que seja importante para você ou que o represente. Pode ser um objeto que traz uma memória importante ou que te lembre de algo que você gosta de fazer.

De volta à sala de aula, forme dupla com um colega e troque temporariamente seu objeto com ele. Ponha o objeto dele sobre uma folha de papel e, inspirado na obra de Victor Nunes, tente criar um retrato que pareça com o colega.

Observe atentamente a forma do objeto. Se for redonda, você pode representar um dos olhos ou um botão da camisa, por exemplo. Se for um cubo, pode ser um bolso ou um brinco.

Solte a imaginação, mas é importante que o desenho seja feito observando atenciosamente o seu colega.

Não se esqueça de assinar o seu desenho!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

O desafio da atividade é unir forma e significado. Para facilitar essa tarefa, é importante que, antes do desenho propriamente dito, os estudantes formem uma roda para contar o que os levou a eleger aqueles objetos. As narrativas dessa identificação os ajudarão nas escolhas formais do desenho nas etapas seguintes.

Após a primeira rodada de conversa, é hora de distribuir os objetos e formar as duplas. Repetimos o procedimento da primeira prática desta unidade: metade desenha, metade é desenhada, e depois os papéis se invertem. Com o objeto e a folha de papel em mãos, auxilie-os chamando a atenção para a forma de cada objeto e use esse dado para elaborar elementos do desenho. Evite que usem o objeto de maneira literal. A ideia é subverter o significado em razão da forma, ou seja, a partir das formas criadas no contato com o objeto é que os significados serão imaginados. Chame a atenção deles para as formas: se são predominantemente círculos, quadrados, retângulos, triângulos etc., ou se trata-se de algo sem forma definida, o que chamamos de forma orgânica.

É importante lembrar que a prática propõe a ilustração de um retrato criativo do colega. O estudante que está desenhando deve prestar atenção tanto nas características físicas quanto subjetivas do outro para criar e compor seu desenho. Talvez um levantamento entre as duplas, em uma conversa, ajude nesse processo. Um estudante que gosta de futebol, por exemplo, pode ser retratado com algum elemento que lembre essa característica.

O estudante cego pode ser incluído com uma vivência tátil do rosto do colega e do objeto, com a diferença de que neste caso é aconselhável que o objeto seja afixado no papel com fita para não se deslocar no processo.

Concluídos todos os desenhos, registre-os em fotografia, usando seu celular ou alguma câmera da escola. Busque incluir os estudantes no processo e, caso seja possível, proponha um desdobramento da atividade envolvendo uma exposição virtual dos registros. Você pode, também, imprimir os registros fotográficos, deixando-os no corredor externo à sala de aula para que outras turmas vejam as criações. É importante lembrar que os ambientes virtuais devem ser acessados apenas sob sua supervisão. As fotografias serão a única forma de registro, uma vez que os objetos serão retirados dos desenhos e retornarão com os estudantes que os trouxeram. Atente para não colocar em destaque ou valorizar os trabalhos que você julgar "melhores". Esse tipo de destaque pode surgir como um elogio, um comentário ou uma fala direcionada à turma; então, lembre-se de que esse tipo de situação pode desestimular alguns estudantes no processo de exploração, aquisição e exposição de conhecimento artístico.

Foco na BNCC

EF15AR01 Utilizar diferentes objetos do cotidiano de forma a ressignificá-los em um retrato contribui para que os estudantes ampliem sua capacidade de simbolizar, além de cultivar o imaginário deles.

Orientações

Observe o trabalho de Daniel Normal com a turma e leia as perguntas feitas no Livro do Estudante. Ouça as respostas dos estudantes para as questões e busque ligar as práticas de retrato realizadas a esta obra, também um autorretrato. Explore as especificidades de como ele combina imagens de celular e elementos da face, tendo os dispositivos presos no seu rosto de maneira física.

Em relação à pergunta da **atividade 1**, os estudantes podem relacionar a obra ao uso excessivo do celular no dia a dia, a ponto de esses aparelhos fazerem parte de nós. Em uma análise mais profunda, os celulares poderiam se relacionar à forma como mostramos nosso rosto e nossa identidade pelas telas, em fotos e vídeos. Todas as interpretações são válidas.

Na **atividade 2**, eles podem citar: o fato de a máscara ter sido feita com celulares, as partes do rosto projetadas nas telas (olhos, nariz, boca), a ideia de um rosto fragmentado ou "misturado", o contraste entre a pele real do artista e a imagem digital exibida nas telas, as formas geométricas criadas pelos celulares sobrepostos, entre outras características.

Aproveite e discuta a respeito do uso do celular, e de como o hábito de nos vermos ou nos reconhecermos por ele tem sido cada vez mais comum, problematizando o uso excessivo do aparelho e propondo um pensamento crítico sobre o assunto.

A prática proposta na página seguinte vai dialogar com o senso de comunidade que vem sendo trabalhado ao longo desta unidade.

O exercício proposto tem muitas nuances. Siga uma etapa por vez, retomando os aprendizados e propondo reflexões em cada [illegible].

O primeiro passo é nomear a turma. Parece simples, mas para que seja significativa, é importante que os estudantes se sintam representados. Inicie uma conversa e incentive todos a participar, de modo a procurarem, juntos, elementos que os conectam. Pode ser um lugar da escola onde todos gostam de ir, algo que compartilham sempre no lanche ou mesmo algum tipo de planta ou animal que, por alguma razão, faz parte da vida coletiva da turma.

É bastante provável que surjam várias sugestões. Auxilie-os na organização destacando as que mais se repetem e faça uma votação. O exercício da escuta e da fala democráticas é a base para os estudantes exercitarem respeito, tolerância e cidadania; encoraje essas posturas.

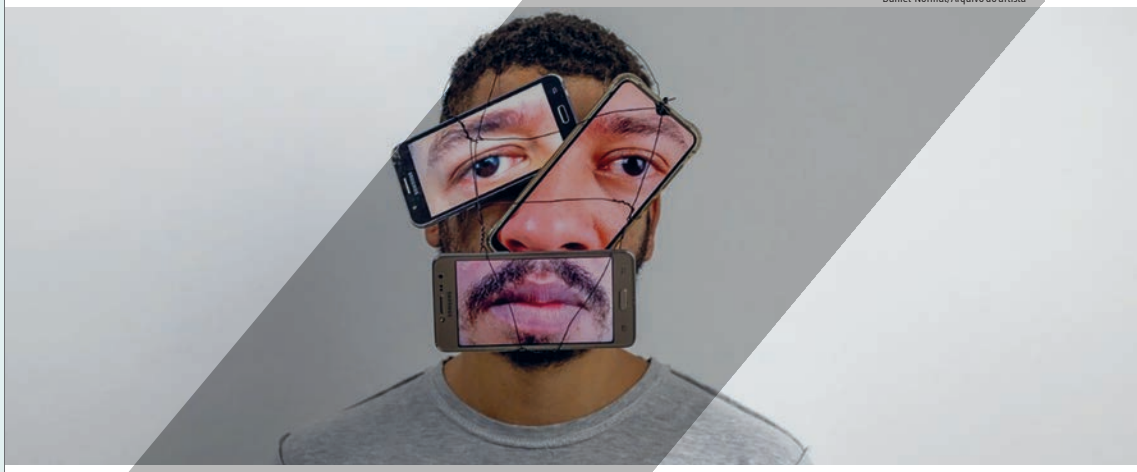
SER E PERTENCER

Há muitas maneiras de dizer quem somos: nosso nome, o bairro onde moramos, o sobrenome que indica que somos parte de uma família, a escola em que estudamos.

Quando percebemos que somos parte de uma comunidade, nos sentimos mais fortes, pois não estamos sozinhos. Contudo, ao mesmo tempo que somos parte de um grupo, também temos nossas características individuais.

Vamos explorar a imagem a seguir. Ela mostra uma máscara feita pelo artista Daniel Normal (1992-).

Daniel Normal/Arquivo do artista



Daniel Normal. *Sem título*, 2020. Série Facetas, fotoperformance, 42 cm × 59,4 cm. Obra mostra o artista usando uma máscara produzida com associação de telas de aparelhos celulares formando partes do rosto.

1. O que você acha que a imagem transmite? Resposta pessoal.
2. Que características você observa nela? Resposta pessoal.
3. Crie uma história para essa máscara e conte-a a um colega.

CONHECENDO

Daniel Normal é um artista e arte-educador paulistano. A fotografia desta página mostra um exemplo de uma série de trabalhos em que ele usou materiais [illegible]ados para criar máscaras e propor que pensemos sobre nossas identidades e diversidades. Além das máscaras, o artista trabalha com desenho e pintura.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco nos TCTs

Cidadania e Civismo – Educação em direitos humanos

TCT

O conteúdo apresentado propõe o fortalecimento de valores como respeito, empatia, solidariedade e participação social, partindo das vivências cotidianas dos estudantes em suas famílias, escolas e comunidades. Dessa forma, o estudante é estimulado a reconhecer sua identidade e seu lugar no mundo, valorizando tanto o que o torna único quanto o que o conecta a outras pessoas. Essa compreensão fortalece a noção de pertencimento a uma coletividade, especialmente no contexto da família, da escola e do bairro, que são os primeiros espaços de socialização.

Para aprofundar

Esta prática busca fazer uma amarração das propostas anteriores ao juntar os conteúdos abordados e estimular a percepção da identidade de grupo. Seguimos trabalhando com a composição, preferencialmente tridimensional, de acordo com os materiais que você tiver à sua disposição.

A criação é coletiva e usa elementos que geram o sentimento de pertencimento ao grupo. Depois de terem visto a si mesmos e ao colega de turma, agora verão a si mesmos na perspectiva de quem participa e compõe fundamentalmente uma comunidade específica.

Essa é uma boa oportunidade para abordar questões de diversidade com uma perspectiva positiva: é a diferença e singularidade de cada um que enriquece as relações e ações do grupo. Não tenha receio de falar sobre diferenças, é um ótimo caminho para estimular o respeito à diversidade.

Você já observou as próprias características e as dos outros. Agora, vamos dar um passo além: Como você vê sua turma?

Ela é composta de pessoas bem diferentes, mas há algo que une todos vocês. O que será? Converse com os colegas e, juntos, descubram qual pode ser essa característica.

Depois, usem a máscara de Daniel Normal como inspiração para criar um objeto que mostre a identidade da turma, mas atenção: procurem usar materiais pouco convencionais, como objetos que seriam descartados, para imaginar algo novo.

Primeiramente, escolham um nome para a turma de vocês. Ele pode estar relacionado a alguma coisa que há na escola, no bairro ou mesmo a algo de que todos gostem.

4. Que nome foi escolhido?

Resposta pessoal.

Agora é hora de construir um objeto que represente esse nome. Converse com os colegas e o professor sobre o tamanho, a altura, a cor e o formato dele. Imaginem que o objeto pode representar uma bandeira, mas em vez de ser feita com pintura ou desenho, será construída com objetos.

5. Que materiais vocês podem usar? Embalagens vazias e limpas podem ser ótimos materiais de construção! Escreva aqui a lista dos materiais escolhidos:

Resposta pessoal.

Então, mãos à obra! Lembre-se de que, nesta proposta, é necessário trabalhar em colaboração com os colegas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

O segundo passo é projetar a construção coletiva do objeto proposto. Converse com a turma sobre como será o objeto que vai simbolizar a turma: tamanho, cor, forma etc. Lembre-se de que a construção deve dialogar com o nome escolhido. Por exemplo, se o nome escolhido for *goiabeira*, a turma pode construir uma árvore frondosa e com frutos. O nome escolhido pela turma é que vai ditar a construção e suas escolhas. Parta, portanto, do nome para as sugestões de como representar a construção, dando exemplos ou dicas se necessário. Em seguida, decidam os materiais que serão necessários: objetos de descarte, papéis de gramaturas e cores diversas, cola, tesoura, tintas, papelão etc. Dependendo do tamanho do conjunto final, uma estrutura em material mais firme, como arame, por exemplo, pode ser útil.

Caso escolham usar materiais descartáveis, peça com antecedência às famílias que contribuam com objetos que seriam descartados, já higienizados.

O terceiro passo é a montagem. No dia de construir o objeto, separe os materiais que serão utilizados. Se o processo envolver muitas etapas e se sua turma for grande, você pode formar três equipes: uma fica responsável pela estrutura, outra pela cobertura e a terceira pela pintura, por exemplo.

Trabalhar com muitos estudantes ao mesmo tempo pode ser desafiador. Caso você mesmo precise montar uma estrutura tridimensional, ouça e aproveite as sugestões dos estudantes a respeito do que usar e como fixar os elementos no conjunto. Uma vez feita a base, vocês podem optar por cobrir os materiais pensando em homogeneizar a textura, por exemplo. Isso pode ser feito com fita ou pedaços pequenos de papel fino, como de jornais e revistas, colados em várias camadas.

Por último, com tudo seco, a turma deve escolher as cores que vão estar no resultado final, e o grupo escolhido faz a pintura. Se possível, sempre deixe a obra criada na sala de aula para simbolizar as relações de aprendizado, afeto e reflexões construídas ao longo de todo o ano letivo.

Foco na BNCC

EF15AR04 A construção de um objeto coletivo e a escolha de diferentes materiais para compô-lo levam os estudantes a experimentar formas diversas de expressão artística, fazendo uso de recursos e técnicas não convencionais.

Atividade complementar

Você pode partir da relação criada entre os objetos e seus símbolos e identidade para fazer imagens e distribuir entre todos da turma. Uma sugestão é utilizar a técnica de **isogravura**, ou gravura em isopor. Peça aos estudantes que façam um desenho numa placa lisa de isopor, utilizando palitos de dente, de modo a representar a imagem da turma, feita na última atividade. O resultado deste desenho pode ser impresso várias vezes, apenas aplicando tinta com um rolinho e decalcando a imagem, como um carimbo. Assim, a turma terá uma imagem que pode ser replicada e compartilhada entre todos.

A ARTE PODE ESTAR EM QUALQUER LUGAR

Logo na abertura da unidade, vimos como a arte pode estar presente em qualquer lugar, em nossa vida cotidiana, no espaço em que vivemos, nos ambientes que frequentamos ou visitamos. O teatro também é uma arte que pode acontecer em nosso dia a dia, fora do espaço do palco.

Você se lembra de alguma situação de sua vida que pareceu sair de uma peça teatral? Pode ser um conflito com o irmão, uma brincadeira com os colegas, uma viagem familiar, uma festa etc.

Conte essa situação à turma! **Quem** eram os personagens? **Onde** ela aconteceu? **O que** aconteceu?

Faça um desenho do lugar, dos personagens e do que aconteceu.

PERISCÓPIO

PARA LER



A vida é um palco, de Heloisa Prieto (SM Educação, 2015). Apresenta três amigos que descobrem que suas brincadeiras podem se transformar em uma peça teatral. Você já pensou que a vida pode ser como um teatro?

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Acompanhe o trecho a seguir.

> O mundo inteiro é um palco
> E todos os homens e mulheres
> não passam de meros atores.
> Eles entram e saem de cena
> E cada um no seu tempo
> representa diversos papéis.
>
> Citado em: PERET, L. E. N. Queer Shakespeare (epígrafe). *Revista Periódicus*, Salvador, n. 2, p. 1, nov. 2014/abr. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12895. Acesso em: 14 ago. 2025.

Essa frase é um trecho da peça *Do jeito que você gosta*, escrita por William Shakespeare (1564-1616), e reflete sobre a ideia de que a vida cotidiana das pessoas é também uma forma de teatro. Você pode ler a frase aos estudantes para ajudar a contextualizar o assunto. Conte a eles que William Shakespeare foi um importante autor teatral inglês, cuja obra influenciou profundamente o teatro como o conhecemos hoje. Questione os estudantes: Como vocês interpretam a afirmação de que a vida é um palco? O que acontece no mundo, em nossa vida, que se parece com uma peça teatral? Nesse momento é interessante refletir com os estudantes como tudo que nos acontece no dia a dia são situações que poderiam ser as mesmas que acontecem nos teatros, isto é, são histórias, conflitos, acontecimentos que poderiam se transformar em peça. O teatro é inspirado na vida, no que nos acontece mesmo quando o teatro não trata de acontecimentos reais.

A seção **Periscópio** indica o livro *A vida é um palco*, de Heloisa Prieto. Se tiverem a possibilidade de ler a história, será bem interessante para aprofundamento dessa ideia de que os acontecimentos da vida poderiam ser parte de um espetáculo teatral.

Para enriquecer a conversa, fale sobre o que costuma acontecer no teatro: a história, os personagens, o cenário, os conflitos. Pergunte a eles se tudo isso ocorre em suas vidas: Quem são os personagens? Quais são os cenários? Que tipos de ações acontecem? Ajude-os a entender que, ao comparar a prática teatral com a vida cotidiana das pessoas, os personagens somos nós; e nossa casa, as ruas, escolas, toda a cidade, são os cenários. As ações se passam o tempo todo: entre os membros das famílias, com os amigos e colegas, com outras pessoas nas ruas, e das mais diversas formas. Todos nós passamos por situações engraçadas, outras tristes, assustadoras etc. Também quando brincamos, nos "transformamos" em personagens, imaginamos outros lugares, objetos tornam-se outras coisas, inventamos histórias e situações; ou seja, representamos ao brincar.

Na vida, não há uma plateia sentada nos assistindo, mas muitas pessoas acompanham nossas histórias, de certa forma, assistindo a tudo o que acontece com a gente. Então, o que difere nosso dia a dia do teatro?

Com essa pergunta, deixe que os estudantes expressem suas ideias sobre as diferenças e por que nossa vida pode ou não ser comparada à prática teatral. A intenção não é gerar uma reflexão profunda sobre o tema, visto que estamos falando com crianças pequenas, mas apenas levantar alguns argumentos sobre o tema. Você pode ajudá-las nessa reflexão fazendo perguntas: O teatro é igual à vida? Qual é a diferença? O que tem no teatro que não tem na vida real? O que tem na vida real que não tem no teatro?

Mais uma vez, não vamos chegar aqui na profundidade do assunto, mas é possível apontar que no teatro, como em toda linguagem artística, existe espaço para o irreal, o imaginário, além da intencionalidade do artista.

A VIDA É UM PALCO

Pense em uma pessoa de sua família que poderia ser personagem de uma peça teatral.

Tente lembrar de alguém com características que você ache interessantes! Ele pode ser muito engraçado, muito bravo, alguém que conta muitas histórias, que é bem quieto ou muito barulhento.

Quem poderia ser um personagem bem legal? Depois de pensar em alguém conhecido, crie um personagem com características parecidas com as dele. Por exemplo: você escolhe sua avó, que é engraçada e conta muitas piadas. Seu personagem será uma pessoa engraçada, que também pode contar piadas, mas pode ser um menino, uma adolescente, ou o que você quiser.

Em casa, peça a ajuda de um adulto para escrever as características do personagem. Em seguida, faça um desenho do personagem de acordo com as características que você descreveu e lhe dê um nome.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

Depois, como complemento da atividade, os estudantes podem brincar de interpretar esses personagens. Faça uma votação da história favorita da turma e peça aos estudantes que a encenem. Você pode optar pela produção de uma só narrativa com a turma toda, ou orientar que formem grupos de acordo com a quantidade de personagens desenvolvidos; neste caso é desnecessária a votação e cada grupo escolhe a história que preferir.

Para iniciar, podem fazer um jogo de mímica, situação em que os colegas devem adivinhar as características do personagem que será representado por quem o criou.

Orientações

O mundo é, de fato, um espaço em que acontecem histórias e situações que se assemelham muito ao teatro. Encaminhe a atividade da página anterior com os estudantes, deixando-os contarem as situações de suas vidas que poderiam se transformar em peças de teatro. Peça que registrem com um desenho a situação escolhida, destacando quem eram os personagens e onde eles estavam. Isso irá ajudar a entender quem seriam os personagens e qual seria o cenário, caso essa fosse uma situação teatral.

Para realizar as propostas da página, auxilie-os a identificar diferentes características de familiares ou outras pessoas do convívio deles. É comum que sigam o caminho mais óbvio e se concentrem em detalhes físicos, mas reforce que esse não é o foco, bem como saliente a necessidade de fazer qualquer descrição de forma respeitosa, cuidando para que não falem de forma pejorativa sobre as diferentes características das pessoas.

O ideal aqui é trabalhar com características de personalidade: alguém muito divertido e engraçado; alguém que fala muito rápido e alto; que costuma ficar muito bravo; uma pessoa tímida; alguém bem expansivo etc. são muitas as características, e a ideia não é tentar imitar o familiar ou o colega, mas destacar um traço marcante dele para servir de referência para a criação de um personagem.

Foco na BNCC

EF15AR19, **EF15AR22** A proposta incentiva os estudantes a observar pessoas próximas e transformá-las em personagens. Assim, eles percebem que o teatro pode surgir das situações e relações do dia a dia, desenvolvendo a criatividade e a expressão artística. Ao imaginar características como o jeito de falar, o jeito de andar ou se expressar, o estudante pode explorar diversas possibilidades de voz e movimento, criando um personagem único e original.

Orientações

Divida o espaço da sala de aula entre palco e plateia: onde irão acontecer as cenas e onde ficarão os estudantes que irão assisti-las.

Coloque alguns objetos no palco. Um de cada vez, os estudantes devem ir até o palco, pegar um objeto, mexer nele um pouco para ter uma ideia de como torná-lo outra coisa e fazer alguma ação com ele. Se o objeto foi transformado em microfone, por exemplo, o estudante vai gesticular e cantar com ele. É importante que durante a proposta eles não falem.

Peça à plateia que tente adivinhar no que o objeto se transformou depois de cada apresentação. Cada estudante pode usar apenas um objeto. Vá retirando os mais usados à medida que eles forem se apresentando.

Avaliação

Por fim, converse com a turma sobre como foi fazer a atividade e estimule os estudantes a refletirem sobre o processo criativo e expressivo envolvido: Quais dificuldades encontraram para transformar o objeto? Foi mais desafiador imaginar uma nova função para o objeto ou expressar isso de forma clara para a plateia? O que ajudou vocês a comunicar melhor essa nova função? Foi a expressão corporal, os gestos, a expressão facial? Vocês sentiram que a improvisação exigiu colaboração, escuta e atenção aos colegas?

Durante a conversa final, incentive a escuta atenta e o respeito às falas dos colegas, valorizando diferentes formas de participação. Observe o engajamento dos estudantes ao longo da proposta: Como se envolvem na criação? Como utilizam o corpo e a expressão facial para comunicar suas ideias? Como reagem às improvisações dos colegas? Como participam da discussão coletiva?

Foque o processo criativo, a disposição para experimentar, o uso da imaginação e a colaboração entre os estudantes.

TRANSFORMANDO OBJETOS DO COTIDIANO

Na imagem desta página, a criança está interagindo com uma colher de pau. Será que esse objeto está sendo empregado para a mesma função em que é utilizado no dia a dia?

Nas páginas anteriores, foram apresentadas obras do artista Victor Nunes, que utiliza objetos do cotidiano em seus trabalhos. Uma tesoura, por exemplo, transformou-se em óculos, roda de bicicleta, bico de galinha.

Agora, você vai transformar a função de um objeto durante um jogo de improvisação teatral. O professor irá disponibilizar um objeto que ficará no espaço definido por vocês, onde as improvisações vão acontecer. Quem entrar na cena deve pegar o objeto, mexer nele um pouco até imaginar outra função para ele. Você deverá fazer uma ação com esse material, transformando-o em outra coisa. Quem está assistindo deve tentar adivinhar no que o objeto foi transformado. Por exemplo: o professor deixa no chão uma caneta. Um colega entra em cena, pega a caneta, imagina uma nova função para ela e passa a utilizá-la para "escovar os dentes". Pronto, a caneta virou uma escova de dentes.

Nesse exercício, o que vale é a criatividade! Sabemos que não é possível escovar os dentes com uma caneta, mas, ao realizar os gestos com o objeto, enfatizando a expressão corporal e facial, quem assiste conseguirá enxergar o novo objeto que foi imaginado.



Mathias Townsend

DICA

Pense em maneiras bastante expressivas de usar o objeto para demonstrar aos colegas em que ele foi transformado. É a sua ação que irá transformar esse objeto!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

No teatro, a transformação é fundamental! Nós nos transformamos, transformamos os lugares onde estamos e também os objetos que usamos. Com a imaginação, qualquer coisa pode virar outra. Uma cadeira pode virar um carro ou um carrinho de sorvete; uma caixa pode ser uma cama, uma casa ou uma árvore.

O que concretiza a transformação é como os atores, ou estudantes, se relacionam com os elementos cênicos disponíveis. Quando se confere outro significado a um objeto e de fato há convicção nessa ação, a plateia passa a acreditar também. Se um ator empurra uma cadeira e começa a vender sorvetes, naturalmente a plateia verá que aquela cadeira já não é uma cadeira, mas, sim, um carrinho de sorvete.

O exercício dessa capacidade de fantasiar, de imaginar, é fundamental para o desenvolvimento da criatividade e expressão artística dos estudantes.

Foco na BNCC

EF15AR18 A atividade estimula os estudantes a explorarem diferentes formas de manifestação do teatro em contextos variados. Por meio da improvisação com objetos, os estudantes vivenciam histórias dramatizadas, desenvolvem a capacidade de simbolizar e reconhecem o teatro como parte do cotidiano.



Mathias Townsend

Agora, forme um grupo com os colegas e utilize as carteiras da sala de aula para criar um ambiente, como um cenário.

Vocês podem montar uma casa, um ônibus, uma cerca, uma montanha, qualquer coisa que imaginarem.

Depois, juntos, inventem uma cena e a representem nesse cenário que vocês montaram com as carteiras!

Escreva como foi a cena criada pelo seu grupo a seguir.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Agora, o objetivo é criar cenários com as carteiras da sala de aula, fazendo novamente um exercício de transformação de um objeto, mas agora alterando também o espaço.

Organize a turma em grupos. Cada grupo deve decidir um lugar para seu cenário, que será caracterizado usando apenas as carteiras da sala de aula. Elas podem servir para simplesmente demarcar os espaços ou para "construir" locais. Os estudantes podem, por exemplo, usar carteiras diferentes e cada uma será o espaço de uma casa ou um comércio, ou podem amontoar muitas carteiras para formar um castelo ou o que imaginarem. Se a sala for muito pequena e não for possível a divisão em grupos, forme apenas dois, plateia e improvisadores, de modo que cada grupo tenha sua vez. Oriente-os para que trabalhem em equipe e movimentem os móveis com cuidado. Se vocês tiverem caixas grandes de papelão, podem usá-las também.

Concluídos os cenários, peça que improvisem uma cena que aconteça nesse cenário criado. Enquanto um grupo faz a cena, os demais serão a plateia. Depois alterne. Auxilie-os a compreenderem as características do cenário, que será simbólico e não realista, já que será construído com carteiras. Para que a plateia consiga visualizar esse cenário, é importante que os personagens dos improvisadores se relacionem com o cenário e os elementos presentes nele. Se construírem um carro, por exemplo, devem movimentar o volante, a marcha, sentar nos bancos etc., de modo que a ação deles faça sentido no ambiente criado.

Foco na BNCC

EF15AR20, **EF15AR21** Ao experimentarem o trabalho colaborativo, explorando gestos, ações do cotidiano e a criatividade, os estudantes exercitam a teatralidade, a expressão corporal e a narrativa criativa, além de desenvolverem o trabalho em grupo e a valorização de diferentes ideias e formas de expressão. Ao criar um cenário para a peça, ressignificando espaços e objetos, os estudantes exercitam a imitação e o faz de conta.

Avaliação

Ao finalizar, conversem sobre a experiência e observem se os grupos deram a mesma função às carteiras ou as transformaram em coisas muito diferentes. A plateia conseguiu perceber no que as carteiras se transformaram?

Avaliem também se as cadeiras, que agora se transformaram em cenário, foram utilizadas durante a cena, ajudando a contar a história.

Neste momento do livro, os estudantes devem ter desenvolvido a percepção do quanto a vida cotidiana se mistura com as artes e do quanto podemos ressignificar objetos e ações cotidianas nas criações artísticas. Verifique se, durante o processo, eles conseguiram relacionar situações e pessoas de sua vida a cenas e personagens teatrais. Observe também as estratégias usadas pelos estudantes para imaginar e criar mesmo sem utilizar objetos reais.

Orientações

Aproveite a imagem do trabalho de Marilá Dardot para conversar com os estudantes a respeito da possibilidade de a arte ser feita com algo simples. Seguimos investigando a arte presente no cotidiano, ao longo deste livro, e este é um exemplo que vale a pena ser destacado.

A simples sobreposição de um objeto na grama pode gerar diferenças de tonalidades. A criação, neste caso, está em usar o tempo, o Sol e a grama, e a interação bioquímica entre esses componentes como matéria-prima.

Articulação interdisciplinar

Língua Portuguesa

Ciências da Natureza

Esta seção propõe um trabalho de intersecção entre Artes Visuais e a Língua Portuguesa por meio da rima, que é um dos elementos do poema. Embora alguns estudantes ainda possam estar no processo de aquisição de leitura, trabalhamos a sonoridade da palavra, algo familiar e próximo deles.

Do ponto de vista plástico, criaremos módulos que representam conjuntos de palavras que rimam entre si para possibilitar reordenações e criações livres.

Além disso, trabalhamos o conceito e a prática de criação de uma instalação, como já visto na unidade de música com as instalações sonoras. O resultado da prática vai gerar uma interferência direta em algum lugar da escola, de modo a transformar o cotidiano de quem habita aquele ambiente. Será algo efêmero, com duração definida e terá a data da qual uma instalação.

Pergunte aos estudantes por que eles acham que a grama abaixo das letras ficou de outra cor. Você pode fazer perguntas sobre o processo ou até mesmo um experimento similar, com letras de papelão com um peso em cima, por exemplo. Conduza uma investigação experimental das relações entre Sol, sombra e alteração da coloração da grama. Em Ciências da Natureza, eles aprenderão que a coloração verde está envolvida no processo de fotossíntese, meio utilizado pelas plantas para produzir seu próprio alimento (energia).

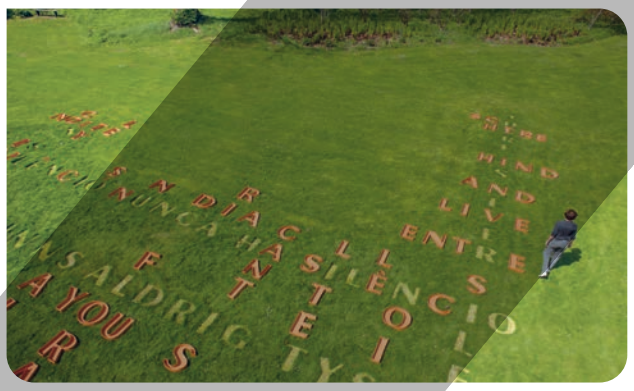
GIRAMUNDO

DESENHOS EM RIMA

A arte pode estar em muitos lugares. Vamos explorar a imagem a seguir. Você consegue imaginar como a artista Marilá Dardot (1973-) fez esta obra?

Nesta composição, a artista usou letras modeladas em cerâmica colocadas em um gramado bem verde para formar palavras.

Depois de alguns dias de sol, ela retirou algumas letras e a grama que ficou por baixo da cerâmica está mais clara que o resto, porque sem a luz as folhas perderam a intensidade de seu verde. Assim, ela conseguiu criar palavras misturando as letras formadas pelas peças de cerâmica com as letras que surgiram na grama desbotada. Nessa obra, Marilá Dardot uniu três elementos: a palavra, as artes visuais e a natureza.



Marilá Dardot/Arquivo da artista

Marilá Dardot. *No silêncio nunca há silêncio*, 2013. Setenta e nove letras de cerâmica sobre gramado. Instituto Inhotim, Brumadinho, Minas Gerais.

- Escreva as palavras que você identificou na fotografia.

Respostas possíveis: dia, silêncio, entre, nunca, há, ria (verbo rir), lê (verbo ler), oi.

Vamos construir palavras em um espaço da escola?

A ideia é fazer um jogo de rimas usando caixas de papelão. Busque um lugar bem visível e espaçoso para que todos da escola possam participar.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Para mais informações sobre a artista Marilá Dardot e sua galeria instalada no Instituto Inhotim, acesse o *site* do museu indicado a seguir. Se possível, compartilhe com a turma essas informações, mostrando outras imagens de trabalhos da artista.

- MARILÁ DARDOT. *In*: PORTAL INSTITUTO INHOTIM. Brumadinho, 2013. Disponível em: https://www.inhotim.org.br/acervos/filtros/?artista=3594. Acesso em: 25 abr. 2025.

Foco na BNCC

EF15AR05 Explorar espaços da escola para construir palavras no jogo de rimas leva os estudantes a experimentar a criação em artes visuais de modo coletivo e colaborativo.



Coletivo Tralha/Arquivo do grupo

Instalação *Encaixes*, do Coletivo Tralha, 2017. Trabalho realizado com caixas. Sesc Paraty, Paraty, Rio de Janeiro.

Para criar esse jogo, você vai pedir caixas de papelão vazias para os adultos da sua casa. Providencie o maior número de caixas que puder, de qualquer tamanho. Depois, na sala, pinte as caixas ou as cubra com papel para deixá-las prontas para a atividade.

Agora está tudo pronto para juntar a turma e brincar de encontrar grupos de palavras com a mesma rima. Uma pessoa diz uma palavra, e as outras tentam dizer algo que rima com ela. Façam isso até que ninguém saiba mais nenhuma rima.

Vocês vão fazer isso várias vezes até conseguirem diversos conjuntos de rimas. Copie todas elas no caderno.

O professor vai escrever as palavras e distribuí-las pela turma. Você e os colegas devem colar uma palavra em cada face das caixas, variando as rimas. As caixas ficarão parecidas com um dado, mas haverá palavras no lugar da indicação de quantidade em cada face do dado.

Depois de prontas as caixas, vocês devem colocá-las juntas em algum lugar da escola em que todos possam mexer nelas e brincar de criar conjuntos de [illegible]

CONHECENDO

O **Coletivo Tralha**, formado pelos artistas Anderson Rei (1976-) e Matheus Giavarotti (1976-), usa materiais simples, como caixas, para propor jogos que falem sobre a cidade, explorando palavras e pensamentos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Depois de completado o processo, converse com a turma a respeito da experiência. Colha as impressões e troquem reflexões sobre a atividade e o aprendizado. Quais foram os maiores desafios no processo de encontrar as rimas? É fácil entender a semelhança de sonoridade no final das palavras? Investigue se houve aquisição de um novo conhecimento para alguns na turma. Se perceber que sim, lembre-se de retomar esta aquisição em outras ocasiões, de maneira a reforçar o aprendizado.

Se possível, peça a eles que criem outras maneiras de usar as caixas, com dinâmicas e regras diferentes. A partir disso, você conseguirá avaliar se eles de fato assimilaram os conteúdos, tanto de língua portuguesa quanto de artes visuais, no sentido da apropriação do espaço em instalações lúdicas.

Orientações

A aproximação da Arte com a Língua Portuguesa, nessa atividade, ocorre de modo bastante livre, exploratório. Inicialmente, dê um tempo aos estudantes para coletarem as caixas. Quanto mais caixas, melhor. As diferenças de tamanho podem gerar um resultado interessante. É necessário homogeneizar as caixas antes de usá-las, recobrindo-as com tinta, por exemplo, já que as cores podem interferir na leitura.

A próxima etapa é a de levantamento de sons e rimas. Relembre o conceito de rima e aproveite para reforçar que os sons devem soar semelhantes no final da palavra, independentemente das letras usadas. Se possível, retome a seção **Giramundo** da Unidade 1 e o trabalho com rima feito naquele momento.

Faça a atividade das rimas com os estudantes e vá anotando as palavras, em grupos, na lousa. Por fim, passe-as para um papel ou imprima em tiras para os estudantes colarem nas caixas. Outra ideia é deixar que a própria turma copie as palavras no papel.

O objetivo é criar, com as caixas, estruturas semelhantes a um dado de seis faces: em cada face deve haver uma palavra de uma "família" diferente de rimas, seja colada, desenhada, seja pintada. Dessa forma, as caixas serão unidas como em um jogo de dominó, combinadas pelas rimas.

Concluída a elaboração, os estudantes devem levar as caixas para o espaço destinado à apresentação. Eles podem explicar a brincadeira e convidar os colegas para participar. Se possível, fotografe alguns resultados da instalação.

Converse com a direção da escola e decidam a viabilidade do uso de um espaço comum, de modo que toda a escola possa brincar e interagir com o jogo das palavras e suas possibilidades de montagem. Pode ser interessante deixar a instalação nesse espaço por uma semana. Se não for possível, deixe por um dia inteiro. O importante é envolver a comunidade escolar na criação coletiva da turma.

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

SOMOS MUITOS E DIVERSOS!



Moisés Patrício/Arquivo do artista

Aceita?, de Moisés Patrício. Fotografia e materiais diversos, 18 cm × 18 cm.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Esta seção aborda o encontro da linguagem das artes visuais com temas de cidadania. Mantendo as ideias de diversidade e identidade que embasam este volume, chamamos a atenção dos estudantes para a diferença. O primeiro passo na promoção de uma cultura de respeito e pertencimento é reconhecer as diferenças, especialmente se o fizermos de maneira positiva. O conceito de equidade é fundamental para pensar em uma sociedade mais justa. Quando falamos em igualdade, não se trata de homogeneização, ao contrário: o intuito é afirmar a diferença e conviver com ela por ser algo que fortalece cada indivíduo em razão da origem, cultura familiar e importância.

Promova, não apenas nesta prática, mas ao longo do ano, conversas a respeito da sensação de pertencimento e de visibilidade, tão caras a uma sociedade mais cidadã.

O artista Moisés Patrício criou, entre outros trabalhos, uma série de fotografias que é alimentada constantemente com novas imagens. Esse tipo de procedimento, que lida com a repetição para afirmar a unicidade de cada obra, pode ser também um recurso plástico interessante a ser desenvolvido.

É importante ficar atento a eventuais expressões e caracterizações estereotipadas, em especial no que se refere às etnias. O combate ao racismo começa pela valorização da cultura afro-brasileira, antes de mais nada. É fundamental que artistas negros de múltiplas linguagens sejam trabalhados para a formação [illegible] da turma.

Mostre as imagens de Moisés Patrício aos estudantes. Esse trabalho opera na lógica da repetição e oferece ao público uma imagem, uma ideia, um conceito, um sonho. Converse com eles a respeito do que o artista propõe nessa sequência. A experiência de olhar as imagens e verbalizar o que elas parecem trabalha a **polissemia**, ou seja, a possibilidade de uma obra de arte ter múltiplos significados, construídos com a história de vida de quem a observa. Nesse sentido, deixe que a interpretem livremente, estimule o aprofundamento e outras percepções, sem, entretanto, direcionar demais a apreciação, ao menos no primeiro momento.

Para preparar a prática, que começa com o olhar para a obra de Moisés Patrício, dê um tempo para que todos reflitam sobre qual imagem irá simbolizar a gratidão às pessoas que cuidam deles e ser pintada em suas mãos. Portanto, a pergunta "O que você recebeu de mais precioso de sua família?" pode ser um bom ponto de partida.

Foco nos TCTs

Multiculturalismo – Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

As questões levantadas pelo artista Moisés Patrício reconectam os estudantes às suas matrizes culturais afrodiaspóricas, valorizando seu legado.

CONHECENDO

Moisés Patrício (1984-) é um artista que nasceu e vive na cidade de São Paulo. Seus trabalhos falam de identidade, pertencimento e diversidade, explorando elementos da história latina, africana e afro-brasileira.



Rodrigo Dionisio/Folhapress

O artista Moisés Patrício em São Paulo, São Paulo, 2016.

Você já reparou nos colegas de sala? Notou como todos são diferentes?

Cada pessoa tem uma origem, uma história e uma família com a qual passou pelas mais diversas experiências. Somos todos diferentes, e é isso que nos torna únicos.

Reconhecer e aceitar as diferenças é importante para que todos se sintam bem em qualquer espaço.

Há vários modos de viver em comunidade. É muito diferente viver em uma cidade grande, em uma cidade pequena, em uma aldeia indígena, em uma comunidade quilombola. Portanto, é fundamental que respeitemos as diferenças entre as pessoas e seus modos de se organizar em diversas comunidades.

GLOSSÁRIO

Pertencimento: sensação que uma pessoa vivencia ao fazer parte de um grupo que compartilha características de identidade cultural e social e de história de vida.

Observe as imagens criadas pelo artista Moisés Patrício. Em cada uma delas, ele fotografa a palma da mão aberta, oferecendo algo.

A mão significa um gesto de doação do artista. Quando pergunta "aceita?", ele quer saber se nós estamos abertos tanto para as coisas de que gostamos quanto para aquelas de que não gostamos.

Vamos fazer algo parecido? Pense no que sua família, ou adultos responsáveis por você, ofereceram para que você se tornasse quem é hoje, sendo único e importante na comunidade em que vive.

Em seguida, utilize tinta guache de várias cores para pintar na palma da sua mão um símbolo que represente o que você recebeu de importante dessas pessoas.

Conte aos colegas a história de seu símbolo.

PARA SABER MAIS

COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Quilombolas são pessoas que moram em uma comunidade formada por netos e bisnetos de negros que foram escravizados no Brasil. Essas famílias moram há muitos anos nos lugares em que, no passado, eram fazendas onde seus avós e bisavós escravizados trabalhavam e para onde eles foram depois de fugir da escravidão ou serem libertados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Encaminhe a abordagem até o momento da pintura. Dê liberdade para que usem cores e texturas variadas. Sugira uma imagem simples, que tenha força no conjunto, estimulando, dessa forma, as associações simbólicas. Se alguém quiser representar o amor como o legado da família, por exemplo, pergunte que imagem poderia estar associada a esse amor, em vez de sugerir de modo direto um coração. A diversidade de signos associados a um mesmo significado pode também ser rica e surpreendente na turma.

Foco na BNCC

EF15AR06 Pintar o símbolo escolhido na palma da mão e conversar com os colegas sobre sua criação levam os estudantes a alcançar sentidos plurais.

Orientações

Oriente os estudantes a observarem com atenção a obra de Anu Tuominen. A escolha das saboneteiras nos faz pensar imediatamente que são sabonetes dentro de cada uma delas; no entanto, os objetos presentes são pedras. O item **a** da **atividade 1** tem resposta pessoal, mas os estudantes podem responder que, visualmente, as pedras têm cores e formatos muito semelhantes aos de sabonetes, o que causa confusão e leva a essa comparação.

Em seguida, peça aos estudantes que reúnam todos os lápis que puderem. Não importa o estado deles, se estão muito apontados ou desgastados, as características individuais funcionarão bem no conjunto.

Decidam como montar a obra: pode ser uma organização cromática que lembre o prisma do arco-íris, por exemplo, ou uma linha crescente; podem ainda explorar os contrastes ou fazer uma linha que lembre uma paisagem montanhosa. O importante é tornar visível aos estudantes as escolhas e a consequência visual delas. Do mesmo modo que nas outras atividades, a exploração proporciona mais aprendizado do que uma simples explicação sem experimentação de ideias diferentes.

Aproveite e aborde as diferenças entre os lápis do conjunto como uma boa metáfora para a diversidade: cada lápis é importante por suas características únicas e tem seu papel e importância fundamental no conjunto.

Essa etapa de revisão reforça dois olhares para a arte: a presença da arte em nosso dia a dia e a p[illegible] criação artística com objetos cotidianos. Nas páginas anteriores, tr[illegible] com composições tridimensionais. As práticas a seguir finalizam esta série usando objetos determinados para aprofundar os principais elementos abordados.

REVENDO O QUE APRENDI

1. Nesta unidade, estudamos como a arte pode estar ligada ao nosso dia a dia e como nos vemos sozinhos e em conjunto.
Vamos explorar a imagem a seguir. A artista Anu Tuominen (1961-) produz obras com objetos do cotidiano, combinando as cores para criar formas que pareçam interessantes e que nos façam olhar as coisas de outro modo.



© Tuominen, Anu / AUTVIS, Brasil, 2025.

Anu Tuominen. *Amanhecer à beira-mar*, 2007. Saboneteiras com pedras do Oceano Ártico.

a) Você consegue identificar quais objetos são esses dentro das saboneteiras? Imagine que você pegue cada um deles com as mãos: Eles teriam semelhança com os sabonetes? Quais? Suas formas também são parecidas?

b) Vamos exercitar o nosso olhar? Para começar, usaremos algo simples, que faz parte de nossa vida na escola: lápis!

Reúna-se com os colegas para juntarem todos os lápis que puderem. Vale qualquer tipo: pequeno, sem ponta, lápis grafite ou de cor, novo ou antigo. O mais importante é a quantidade! Depois, separem os lápis por cores e criem um mural por algumas horas. Você já tinha pensado em usar os lápis desse modo para fazer uma criação artística?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

44

2. Vimos também como pode ser divertido e, ao mesmo tempo, um desafio imaginar outros usos para os objetos do dia a dia. Nossa imaginação é infinita, e, por isso, podemos imaginar e recriar modos de pensar a vida e nossa relação com o mundo.



Mathias Townsend

a) Sente-se em círculo junto aos colegas e coloquem uma cadeira no meio da roda: ela será o personagem desta atividade.

b) Agora você vai imaginar que a cadeira é um personagem qualquer (um paciente no consultório do dentista, um cliente no cabeleireiro, uma pessoa no restaurante etc.). Não conte para ninguém qual personagem você imaginou. Entre em cena e se relacione com esse personagem: utilize gestos e expressões diversas. Com essas informações, os colegas devem tentar adivinhar em qual personagem a cadeira se transformou.

c) Em seguida, a proposta é transformar os nossos corpos em objetos. Pense em um objeto e não conte para ninguém. Imagine que você é esse objeto! Como você é? Como é sua textura? Qual seria a sua pose? O que esse objeto faz? Qual é sua função? Como você poderia mostrar essa função com seu próprio corpo?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Esta atividade retoma conteúdos centrais da unidade, como a observação do cotidiano, a imaginação e a capacidade de ressignificação dos objetos. O objetivo é trabalhar, de forma lúdica, a expressividade corporal e a criação simbólica, fundamentais para o desenvolvimento da linguagem artística e da empatia.

Na primeira parte da proposta da **atividade 2** (item **a**), organize os estudantes em círculo e coloque uma cadeira no centro. Explique que ela será o personagem principal da brincadeira. É importante estabelecer regras claras desde o início, promovendo o respeito mútuo e evitando imitações ofensivas. Esse momento pode ser enriquecido com uma breve conversa sobre o papel da arte na criação de personagens e na transformação de objetos em elementos expressivos.

No segundo momento (item **b**), cada estudante será convidado a entrar em cena e interagir com a cadeira como se ela fosse um personagem específico, que deve manter em segredo. Os colegas devem adivinhar qual personagem está sendo representado. Essa dinâmica estimula a atenção aos gestos e expressões corporais, desenvolvendo habilidades de comunicação não verbal e observação. Valorize a diversidade de interpretações, reforçando que não há respostas erradas, mas diferentes modos de ver e de representar.

Na terceira parte (item **c**), a proposta se aprofunda com a transformação simbólica do próprio corpo em um objeto. Oriente os estudantes a escolher um objeto e representá-lo com o corpo, sem revelar qual é. Estimule-os a explorar postura, movimento e função do objeto imaginado. Esse exercício amplia a compreensão do corpo como meio de expressão artística e convida à reflexão sobre o papel simbólico dos objetos no cotidiano.

Se houver estudantes com deficiência, especialmente visual, é possível adaptar a atividade com apoio de mediação oral e descrição das ações por colegas ou por você. O importante é garantir que todos participem da encenação, seja por meio da *performance*, seja na tentativa de adivinhar ou descrever as ações.

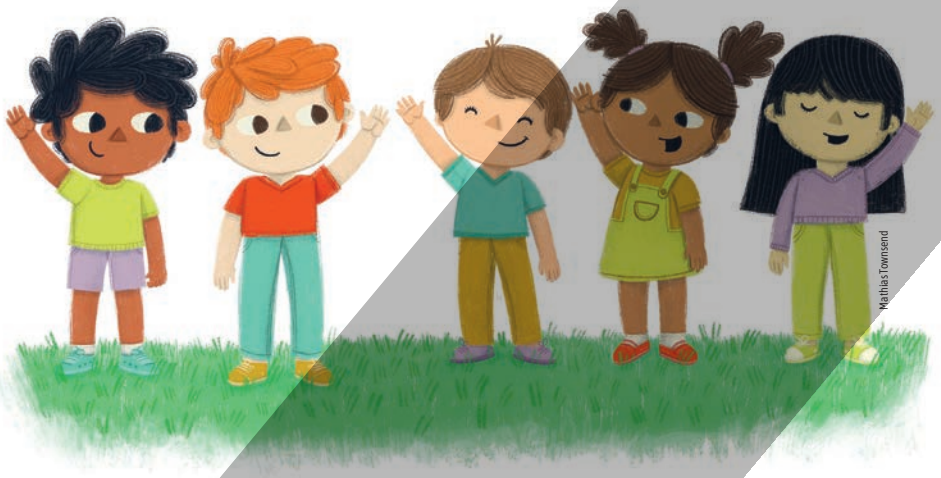
Orientações

Nessa revisão, continuamos o diálogo com Língua Portuguesa, mas trazendo o corpo para o centro da brincadeira. Os estudantes vão criar associações entre palavra e gesto, exercitando a memória e a percepção. Você pode propor a prática em etapas para facilitar a compreensão e aumentar aos poucos o desafio.

Faça uma rodada só com uma palavra e o gesto correspondente. Escolha um estudante para começar dizendo uma palavra e criando um gesto que a represente. O próximo colega deve repetir a palavra e o gesto do anterior e dizer uma nova palavra que rime com a primeira, criando também um novo gesto que se relacione a essa palavra. O desafio está em lembrar a palavra e o gesto criados pelos colegas anteriores.

A brincadeira desperta a atenção dos estudantes para as semelhanças entre sons e para a capacidade de criar gestos que representem as palavras escolhidas. O gesto associado ao som os ajuda na compreensão dessa relação. Mantenha o espírito lúdico, não há problema algum se alguém se confundir. Se notar algum estudante com dificuldades, peça aos colegas que o ajudem para estimular a empatia e a cooperação.

3. Aprendemos nesta unidade a relação entre as artes visuais e a Língua Portuguesa, criando uma instalação de rimas. Vamos fazer agora uma rima de palavras que envolve gestos!



Mathias Townsend

a) Forme um círculo com toda a turma. O primeiro colega deve dizer uma palavra em voz alta e criar um gesto que combine com ela. Ele pode falar, por exemplo, "roda" e girar os braços, como se estivesse imitando uma roda girando. O próximo colega repete a palavra e o gesto do anterior e, em seguida, diz uma nova palavra que rime com a primeira, inventando também um novo gesto. Seguindo o exemplo, ele pode dizer "sacola" e fazer um gesto como se estivesse segurando uma sacola. A brincadeira continua dessa forma até que todos tenham participado.

b) Com a ajuda dos colegas e do professor, escreva nas colunas abaixo as palavras que vocês rimaram. Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

46

4. Nesta unidade, refletimos sobre o que nos faz sentir parte de uma comunidade. Conversamos também sobre diversidade e como é importante sermos respeitados pelo que nos faz únicos e por nossas diferenças. Agora, vamos refletir sobre como nosso país pode ser uma grande família formada por nossos antepassados. Vamos olhar com mais atenção para os ancestrais africanos e para tudo o que eles nos deixaram. Para isso, faremos algo diferente: uma roda que também é um jogo de troca de saberes! Vamos lá? Desenhe algo que você saiba sobre a cultura africana e coloque em uma caixa. Depois que todos colocarem os desenhos nela, sorteie uma imagem e conte o que sabe ou gostaria de saber sobre o assunto. Pode ser uma lenda, uma música, uma história, o que quiser! Em seguida, desenhe abaixo o que mais gostou nessa troca de saberes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Depois da reflexão sobre antirracismo e diversidade proposta na seção **Construir um mundo melhor**, é hora de aprimorar o repertório dos estudantes.

A ideia é basicamente fazer dois tipos de levantamento: por um lado, que repertório os estudantes têm a respeito da cultura africana e afro-brasileira e, por outro, o que gostariam de conhecer mais desse assunto. Nesse momento, sua participação nas duas instâncias é essencial; esteja atento para romper estereótipos ou informações incorretas com tranquilidade. Do mesmo modo, é hora de cuidar para que, caso haja alguma associação pejorativa, seja imediatamente rompida. O respeito a todo tipo de crença também é fundamental. Pergunte o que eles já conhecem ou viram. Pode ser uma memória familiar, uma lenda, um desenho animado, uma história ouvida de um livro.

Do mesmo modo, anote o que eles têm curiosidade de saber. Essas informações vão ajudá-los a mapear referências que podem complementar a formação deles ao longo do ano. Lembre-se de que há muitos modos de se aproximar de uma matriz cultural: culinária, tradição oral, imagens, filmes, lendas, histórias etc. Alimente seu próprio repertório para, em seguida, compartilhar com a turma o que considerar adequado à faixa etária.

Avaliação

Espera-se que, ao final desta unidade, o estudante tenha ampliado sua percepção sobre a multiplicidade e a diversidade que nos constituem, reconhecendo que é justamente essa diversidade que torna possível o aprendizado do ser, do estar e do conviver com o outro, de forma respeitosa, em cada espaço.

Como encerramento, proponha aos estudantes uma autoavaliação reflexiva. Explique que este é um momento importante para que eles pensem sobre o que aprenderam, como participaram das atividades e o que perceberam sobre si mesmos ao longo do percurso. Eles devem se avaliar em relação aos conteúdos apresentados até aqui, que foram:

- perceber a arte no seu dia a dia;
- o autorretrato;
- a arte no cotidiano pelo uso de objetos;
- a percepção do eu e da turma como um conjunto;
- a observação da arte em qualquer local;
- a transformação de objetos do cotidiano;
- o uso de palavras e da rima como forma de expressão artística;
- e a diversidade em razão da singularidade de cada indivíduo.

Sinta-se livre para organizar os conteúdos da forma que for pertinente à sua turma. Escreva todos esses termos na lousa e solicite aos estudantes que se avaliem em cada um deles. Ajude-os nesse processo de reflexão propondo perguntas como: O que mais me chamou sua atenção neste conteúdo? Qual desses temas você explorou com mais facilidade? Por qual motivo? Em qual aspecto você sentiu mais dificuldade? Em que ponto você percebe que evoluiu? Como você pode continuar se expressando por meio da arte e da linguagem?

Peça que registrem suas reflexões individualmente em uma folha avulsa e as entreguem para você.

UNIDADE 3

MEU CORPO NO NOSSO GRUPO



Tetra Images/Alamy/Fotoarena

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objetivos

- Relembrar movimentos simples relacionados a danças que envolvem o corpo todo.
- Perceber-se parte de um todo, isto é: perceber a presença dos colegas que compartilham o ambiente escolar e os traços da cultura local na qual se está inserido.
- Reconhecer elementos das culturas africana, indígena e europeia na cultura brasileira.
- Compreender a coletividade por meio da dança e a cumplicidade com o grupo de pessoas próximas.
- Conhecer alguns cortejos e algumas danças de roda.
- Relacionar a origem das manifestações da cultura popular brasileira aos elementos de outras culturas que contribuíram para sua formação.
- Experimentar a marcha e os deslocamentos para frente e para trás, bem como giros no eixo e deslocamentos circulares em grupo.

Pré-requisitos

Para realizar as propostas desta unidade, é importante que os estudantes reconheçam seu corpo e suas partes, desenvolvendo uma consciência corporal adequada à sua faixa etária.

Espera-se ainda que sejam capazes de identificar algumas formas geométricas. Será enriquecedor se tiverem lembranças de danças que já presenciaram, especialmente danças de roda; se tiverem noções da importância da comunicação com o grupo do qual fazem parte e com o mundo ao redor; e se já tiverem vivenciado experiências de coletividade por meio de danças e brincadeiras.

Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5

Competências específicas de Arte: 1, 3, 7, 8 e 9

Habilidades: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17, EF15AR24, EF15AR25

Dimensões da Arte: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão.

48

Sugestão de leitura

- SODRÉ, M. *A ciência do comum*: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2015.

Nesse livro, Muniz Sodré propõe um deslocamento da visão tradicional que foca apenas o indivíduo, apresentando uma nova forma de pensamento que considera uma perspectiva de mundo mais coletiva. Ele valoriza aspectos como o corpo, os sentidos, a festa e a convivência entre as pessoas.

Glossário dos termos do livro

Comum: o que é vivido coletivamente; base para práticas educativas que rompem com o individualismo e reconhecem o valor do compartilhado.

Comunidade de sentimento: conexão sensível e afetiva entre pessoas, medida pelo corpo e pela cultura.

Corporeidade: modo como o ser humano se expressa, conhece e se relaciona com o mundo por meio do corpo.

Festa: mais do que celebração, é compreendida como prática social e cultural que ativa a memória, o corpo e o pertencimento coletivo.

Ubuntu: palavra de origem africana que expressa a ideia de que "eu sou porque nós somos"; valoriza o coletivo, a solidariedade e o pertencimento.



Pessoas descalças sentadas [illegible] e [illegible] fotografia, 2013.

Pés, dedos, pernas e algumas mãos. Aqui também podem ser nomeadas partes de menos destaque, como tornozelos, canelas e dedos das mãos, bem como as roupas.

- Quais partes do corpo aparecem na imagem?
- Alguma vez você já se sentou em roda dessa forma?
  Resposta pessoal.
- Você conhece alguma dança que é praticada em roda?
  Resposta pessoal.

CONHECENDO

Você já ouviu falar em **Ubuntu**? Essa palavra se refere a um modo especial de pensar e viver de muitos povos da África. Ubuntu quer dizer algo como: "Eu sou porque nós somos." Isso pode ser interpretado como uma postura de crescimento e aprendizagem coletiva, em que todos da comunidade estão incluídos, ajudando, cuidando e respeitando uns aos outros. Essa ideia valoriza o grupo, a amizade e o respeito às diferenças.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta unidade, vamos explorar o corpo do estudante como um todo, destacando, primeiramente, os pés, nosso principal ponto de contato com a terra. São eles que nos sustentam e nos ajudam a caminhar, brincar e descobrir o mundo.

Conduza a audiodescrição da imagem como uma estratégia de promover a inclusão e a participação de todos os estudantes. Ainda que não haja estudantes com deficiência na turma, é essencial desenvolver práticas pedagógicas inclusivas, pois elas contribuem para a formação de uma sociedade mais justa e acolhedora para todas as pessoas. Caso haja estudantes com baixa visão ou cegos, sugira que a turma execute a posição mostrada na fotografia conforme você a descreve.

Uma das possibilidades para a audiodescrição é a seguinte: a imagem mostra um grupo 20 pessoas sentadas lado a lado no chão de terra em círculo, mas somente os pés estão visíveis na imagem. Todas estão com as pernas esticadas à frente e os pés descalços, de modo que formam uma roda. A composição transmite um sentido de união e igualdade, com todos participando de forma equivalente da atividade.

Explore a fotografia com os estudantes. Em seguida, proponha que criem uma versão da imagem com a participação de todos da turma. Pode ser que queiram reproduzir a foto de outras formas: com as mãos, com os joelhos, com as cabeças ou ainda por meio de desenhos ou colagens. Pergunte: Quantos detalhes podemos observar na foto? A sensação é de agrupamento ou separação? Como são as roupas? As pessoas parecem se sentir incomodadas ou tranquilas nessa formação? Na sua região, como as pessoas expressam a ideia de proximidade e de compartilhamento? Elas dão as mãos, ficam lado a lado, se abraçam?

Busque investigar a relação dos estudantes com a parte do corpo que está em evidência na imagem, perguntando, por exemplo, que tipo de atenção eles dedicam aos pés. Pergunte: Você já sentiu um sapato ficar apertado porque o pé cresceu? Já pisou no chão quente? O que você usa para cortar as unhas dos pés? Costuma andar mais calçado ou descalço?

Essas perguntas não têm uma resposta certa e, aliadas às três feitas no Livro do Estudante, podem ajudar a desenvolver leituras a respeito do conceito de **Ubuntu**.

Ubuntu é um conceito filosófico de origem bantu, presente em diversas culturas da África Subsaariana. Seu significado ultrapassa a tradução literal, conectando-se a valores como ética, dignidade humana, coletividade, solidariedade e respeito mútuo. A expressão "eu sou porque nós somos" sintetiza essa visão de mundo, que reconhece o outro como parte essencial da construção de si.

Trabalhar essa ideia com os estudantes favorece o desenvolvimento de atitudes cooperativas e inclusivas, em sintonia com práticas pedagógicas que valorizam a diversidade e os saberes de matriz africana.

Respostas

- Em relação à resposta da segunda pergunta, espera-se que os estudantes compartilhem lembranças de situações que já tenham vivenciado, tanto em brincadeiras dentro e fora da escola quanto em danças. Procure explorar as experiências e os conhecimentos prévios dos estudantes.
- Na terceira pergunta, os estudantes poderão citar, por exemplo, a ciranda. Aproveite o momento para ampliar o repertório da turma e mencionar outros exemplos, como o coco de roda, o jongo, o samba de roda, as danças circulares de tradições europeias ou africanas, entre outras.

BRINCAR, GIRAR E RODAR

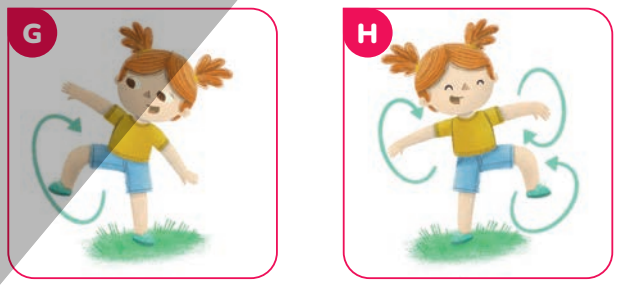
Antes de começarmos a brincar juntos, precisamos despertar nosso corpo e deixá-lo pronto para se mexer! Assim, podemos nos divertir sem nos machucar.



Estender os braços para cima. Expandir o peito. Equilibrar-se em um pé só.



Rodar a cabeça. Girar o tronco. Girar os braços.



Girar uma perna e depois a outra. Girar os braços e as pernas.

Ilustrações: Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Professor, conduza a atividade criando um ambiente seguro e acolhedor, encostando mesas e cadeiras nas paredes da sala. Esta proposta tem como objetivo preparar o corpo dos estudantes para o movimento de forma divertida e segura, promovendo consciência corporal, equilíbrio e coordenação motora. Ao mesmo tempo, favorece o acolhimento das diferenças e o fortalecimento do grupo.

Convide os estudantes a formarem uma roda, ou, se for melhor, peça que fiquem intercalados, virados de frente para a lousa. Explique que eles vão "acordar o corpo" com movimentos leves, como um convite para brincar.

Apresente cada movimento com calma. Use as ilustrações como referência visual e realize os movimentos junto aos estudantes. Incentive a imaginação deles, buscando fazer comparações simbólicas, como:

a) estendam os braços para cima como se pudessem tocar o céu;
b) expandam o peito, abrindo os braços para entrar a luz do sol;
c) equilibrem-se em um pé só, como uma garça ou flamingo;
d) rodem a cabeça suave e lentamente, como se ela fosse uma bola de boliche;
e) girem o tronco como se cada um de vocês fosse uma roda-gigante;
f) girem os braços como se fossem hélices de avião;
g) girem uma perna no ar, como se estivessem desenhando círculos;
h) girem os braços e as pernas como se fossem marionetes ou robôs dançarinos.

Caso haja estudante com mobilidade reduzida, adapte os movimentos para garantir a participação de todos. Proponha variações dos gestos que possam ser realizadas de acordo com as possibilidades de cada estudante, como movimentos com os braços, expressões faciais ou, se necessário, com o apoio de um colega ou de um adulto (auxiliar de sala), respeitando sempre o conforto e a vontade de cada um.

Agregue à prática as sugestões dos estudantes, abrindo espaço para que demonstrem os movimentos de aquecimento que conhecem. Em seguida, continue incentivando a exploração dos movimentos por meio de imagens lúdicas, perguntando, por exemplo: Vamos ser árvores crescendo bem alto? Vamos girar como um pião? Vamos flutuar como astronautas na Lua? Avalie quais movimentos feitos antes foram percebidos nas intenções de ser parte de uma árvore, um pião ou um astronauta a flutuar pelo espaço. Incentive a participação também por meio de sons, gestos, mãos, desenhos no ar ou até verbalizações, valorizando a expressão singular de cada estudante.

Aproveite o momento para celebrar a diversidade, reforçando que cada corpo é único e todos os jeitos de se mover são válidos. O importante é brincar junto e com respeito.

Foco nos TCTs

TCT

Saúde

Reforce com os estudantes que mover e exercitar o corpo deve ser um hábito para toda a vida, pelos inúmeros benefícios à saúde. No entanto, cada um deve respeitar seus limites, fazendo os movimentos no próprio ritmo e sem exageros. O essencial é que entendam, na prática, a medida certa de esforço, associando o movimento ao cuidado e à alegria.

UMA RODA EM MOVIMENTO

ÁUDIO 4

A **ciranda** é uma dança de roda. Que tal experimentar essa dança?

- Façam uma roda de mãos dadas com os colegas. Todos devem ficar virados de frente para o centro da roda.
- O professor irá colocar uma música. Siga o ritmo utilizando seu pé esquerdo, fazendo com ele uma pisada forte e uma fraca. Sinta o ritmo e comece a pisar sem sair do seu lugar.
- Aos poucos, no tempo forte da música, procure pisar um pouco à sua frente e, no tempo fraco da música, volte a pisar no lugar ou um pouco atrás. Acompanhe o ritmo com o grupo, sinta o seu corpo balançar para frente e para trás.
- Quando todos estiverem se movendo juntos, em vez de pisar bem à sua frente, pise um pouco para seu lado direito. Você vai perceber que a roda toda vai começar a girar.

Aproveite para se divertir cantando, dançando e sentindo que você faz parte de um grupo que está dançando ciranda!



Galeria Jacques Ardies, São Paulo

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mara D. Toledo. [illegible], 2[illegible]. [illegible] cm × 50 cm.

Orientações

Organize a turma em um espaço amplo, no qual seja possível formar uma grande roda com todos de mãos dadas, voltados para o centro. Coloque o **Áudio 4** para auxiliar no desenvolvimento da proposta.

No início da atividade, conduza a turma em um aquecimento rítmico com os pés, marcando a pulsação da música: uma pisada forte com o pé esquerdo, seguida de uma mais leve com o pé direito. Com o corpo ainda no lugar, os estudantes podem começar a balançar contando um tempo forte e três tempos fracos, sempre alternando as pernas. Quando a maioria dos estudantes do grupo estiver sincronizada ao ritmo da canção, oriente-os a levar o pé esquerdo um pouco à frente, em direção ao lado direito do próprio corpo. Esse movimento, ao ser realizado em conjunto, desencadeia o giro da roda em sentido anti-horário, de forma orgânica e integrada. A construção de uma roda coesa favorece a experiência sensorial do ritmo e da circulação do movimento, promovendo a percepção do corpo no espaço e sua relação com os outros.

Incentive o grupo a formar rodas menores ou maiores ao se aproximar ou se afastar do centro, ou, ainda, explorar diferentes qualidades vocais, como cantar bem alto ou bem baixinho.

Estudantes com mobilidade reduzida podem participar marcando o ritmo com outras partes do corpo, como braços, mãos, cabeça ou até mesmo com o olhar. O importante é garantir que cada estudante participe com conforto e segurança, respeitando seus limites e singularidades.

Após a dança, sente-se com os estudantes em roda e retome a conexão entre o conceito e as práticas do Ubuntu e da ciranda, destacando que ambos celebram a união e o respeito.

Objeto digital

Áudio 4

Para desenvolver esta prática com os estudantes, peça a eles que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Cirandeiro

Cirandeiro, cirandeiro ó
A pedra do teu anel brilha mais do que o Sol
Ô cirandeiro, cirandeiro ó
A pedra do teu anel brilha mais do que o Sol

Mandei fazer uma casa de farinha
Bem maneirinha que o vento possa levar
Oi, passa Sol, oi passa chuva, oi passa vento
Só não passa o movimento do cirandeiro a rodar

Achei bom e bonito, meu amor brincar
Ciranda maneira
Vem cá cirandeira, vem cá cirandar
Achei bom e bonito, meu amor brincar
Ciranda faceira
Vem cá cirandeira, vem me namorar

Cantiga popular.

Foco na BNCC

EF15AR09, **EF15AR10**, **EF15AR13**

Vivenciar danças em roda, como a ciranda, contribui para o reconhecimento e o uso consciente das partes do corpo no movimento dançado, além de proporcionar experiências com diferentes direções e orientações espaciais. A proposta que envolve a ciranda possibilita aos estudantes reconhecer e apreciar uma expressão musical tradicional brasileira, compreendendo seu ritmo, função social e presença no cotidiano. A atividade também estimula a apreciação crítica, ao refletirem sobre como a música expressa identidades e formas de convivência.

Orientações

Trabalhe com os estudantes o conteúdo da página e verifique se chegam à compreensão da possível relação dos movimentos da dança com seu nome.

É comum que, em uma dança de roda, seja feita uma associação a pessoas girando de mãos dadas, como nas cirandas. No marabaixo, porém, não é assim. As pessoas dançam girando no próprio eixo ao mesmo tempo em que dão pequenos passos para a frente. Assim, as mãos ficam livres ou seguram a saia, no caso das dançarinas. De modo geral, as danças de roda enaltecem o espírito comunitário.

Para aprofundar

As danças populares foram estudadas profundamente pelo historiador da cultura popular brasileira Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Natural do Rio Grande do Norte, esse pesquisador destacou em seus escritos o entusiasmo dessas práticas seculares no Brasil, que se expressam no movimento rítmico de um passo de dança. As festas populares brasileiras são conhecidas pela animação e tradição fortes. Cada manifestação traz a história de sua origem.

Sobre as origens da dança do marabaixo, sabe-se que ela veio do Mazagão, no Marrocos. Chegou ao Brasil trazida por africanos escravizados e passou a ser praticada nos estados do Amapá e do Amazonas como uma manifestação lúdico-religiosa relacionada ao catolicismo popular afro-amazônico, que rende homenagens a vários santos padroeiros, à Santíssima Trindade e aos orixás.

Na prática da dança, as pessoas levam, em procissão, a imagem do santo padroeiro da comunidade até a frente da igreja; lá, eles dançam em roda ao redor dos músicos. Os cantos são entoados por todos, desde a procissão puxada pelos músicos à frente até a roda em que eles se posicionam no centro. As letras lembram acontecimentos do passado e são formas de oração. Alegres ou lamentosas, são compostas de elementos da ancestralidade.

Objeto digital

Áudio 5

Para proporcionar melhor compreensão do estilo musical aqui estudado, peça aos estudantes que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

GIRAR E BALANÇAR

INFOGRÁFICO CLICÁVEL ÁUDIO 5



Ubiraja na Machado/Olhar Imagem

Dança típica das festividades do Ciclo do Marabaixo. Macapá, Amapá, 2015.

Você já entrou no mar? Se sim, você deve ter sentido que, mesmo quando ele está calmo, é difícil ficarmos parados. O movimento constante das águas arrasta a areia do chão e também faz o corpo balançar no ritmo das ondas.

Nos estados do Amapá e do Amazonas, na Região Norte do Brasil, há uma dança que lembra o movimento que o corpo faz ao entrar no mar: é o **marabaixo**. Nessa dança, as mulheres giram segurando suas saias e os homens fazem movimentos com os braços, indicando que protegem as parceiras e o grupo. Os pés vão sempre arrastando no chão.

Trata-se de uma expressão cultural afro-brasileira dessas localidades e, portanto, faz parte das tradições das comunidades afrodescendentes da região. É passada dos mais velhos para os mais novos. Desse modo, os jovens reúnem-se para ensaios e apresentações. Nos dias de festa, as pessoas se encontram nas ruas, cantam e caminham até chegarem a uma igreja. Lá, formam uma roda e dançam juntos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Transcrição

Música instrumental inspirada no marabaixo.

Objeto digital

Infográfico clicável

Para ampliar o repertório dos estudantes a respeito das danças em roda, solicite a eles que acessem o infográfico pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Foco nos TCTs

Multiculturalismo – Educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras TCT

Ao vivenciar as danças propostas, os estudantes reconhecem e valorizam a diversidade cultural brasileira, fortalecendo o respeito às suas diferentes matrizes.

Foco na BNCC

EF15AR24, EF15AR25 Ao conhecer a história do marabaixo, os estudantes valorizam o patrimônio cultural nacional ao experimentar essa dança popular de matriz africana.

- A palavra **marabaixo** parece ser formada pela junção de duas outras palavras. Agora, que tal brincar com as palavras e inventar novos nomes de danças combinando diferentes termos?

Resposta pessoal.

Nesta dança, os músicos ficam no centro e os dançarinos caminham em volta, fazendo a roda girar. Vamos experimentar!

Metade da turma vai ao centro para bater palmas: serão os músicos. A outra metade irá dançar e deve acompanhar as orientações a seguir.

- Forme uma roda de mãos dadas com os colegas. Todos devem ficar virados de frente para o centro da roda.
- Solte as mãos e vire-se para a direita. Você verá as costas de quem está à sua direita.
- Ao som de uma música, sinta o ritmo e comece a balançar como se estivesse no mar.
- Imagine que você está na praia e convide seu corpo a sentir o balançar das ondas do mar. Arraste os pés no chão e vá caminhando para a frente com todo o grupo a fim de fazer a roda girar.
- Caminhe com passos pequenos e alterne-os com giros.

Aproveite para se divertir cantando, dançando e olhando nos olhos de quem está na roda com você. Brincar e dançar sozinho é bom, mas com os colegas fica muito mais divertido!



João Marcos Rosa/NITRO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

EF15AR08, **EF15AR11** Dançar o marabaixo permite que os estudantes experimentem e apreciem essa manifestação cultural, ampliando sua percepção e seu repertório corporal. A prática também favorece a criação e o improviso, possibilitando tanto a expressão individual quanto a construção coletiva e colaborativa, o que contribui para uma apropriação mais efetiva dos códigos da dança.

Orientações

Para simular o batuque dos músicos, os estudantes podem usar palmas ou fazer percussão nas coxas. Se a escola tiver instrumentos de percussão, eles também podem ser usados. Coloque novamente o **Áudio 5** para acompanhar a proposta.

Se houver estudantes com deficiência auditiva, auxilie-os para que participem da proposta. Estimule o uso das vibrações do som como forma de percepção rítmica. Eles podem ficar descalços ou de meias, próximo a uma fonte sonora, como um tambor ou o grupo batendo palmas, sentindo as vibrações pelo corpo. Um colega pode apoiar, sinalizando mudanças de ritmo ou movimento.

Forme uma roda com os estudantes na sala de aula com carteiras afastadas, na quadra ou no pátio. Inicialmente, eles podem dar as mãos para formar o círculo, mas logo devem soltar e virar-se para a direita. A roda irá girar no sentido anti-horário.

Deixe que caminhem balançando o corpo como se brincassem no mar. Para inspirar o movimento, mostre imagens ou vídeos das ondas e convide-as a imitar com o corpo: Vamos fazer um movimento que se parece com as ondas do mar! Com os pés no chão e o corpo relaxado, inicie um leve impulso pelos joelhos, deixando o movimento subir pelo quadril, pela coluna e pelo peito, de forma contínua e fluida, como uma onda que percorre todo o corpo. Esse balanço deve ser suave e contínuo.

Após uma volta completa, oriente a inserir um giro no meio do caminho. Depois, dois giros: um no início e outro no meio. Quando a roda estiver dividida em quatro partes, o desafio será realizar quatro giros, sem interromper o movimento coletivo. Com mais segurança, o grupo poderá criar variações livres.

Os passos e gestos do marabaixo são simples e acessíveis a todas as idades. O mais importante é que todos participem, contribuindo para a fluidez da roda.

Ao final, convide os estudantes a lavar as mãos e o rosto e a beber água. Esse momento de cuidado pode abrir uma conversa sobre os líquidos que circulam no corpo e no planeta. De forma lúdica, explique que o sangue leva oxigênio, a linfa ajuda na defesa contra doenças, e a água liberada pela urina ajuda a limpar o corpo. Assim como os rios mantêm a vida fluindo na Terra, nosso corpo também precisa de água para funcionar bem. Dança e hidratação se conectam no cuidado com a vida.

Orientações

Observe a imagem atentamente com os estudantes. Dê a eles um tempo para uma leitura individual, permitindo que observem com calma e percebam, aos poucos, o que ela apresenta. Caso haja estudantes com dificuldades na visão, convide voluntários para descrever a imagem, incentivando a inclusão e a construção coletiva da percepção. A partir das observações dos estudantes, busque estabelecer conexões com as informações sobre a manifestação apresentada no Livro do Estudante.

Nos desfiles de congada, os grupos realizam um cortejo pelas ruas até o local da celebração. É importante distinguir procissão e cortejo. O termo **procissão** envolve o acompanhamento de imagens de santos em andores decorados. Já no **cortejo** da congada, o grupo caminha de forma organizada, mas sem andores.

Cada região adapta a congada a seus contextos. Os grupos costumam ser formados pelas guardas de Moçambique, do Congo e pelo reinado – núcleo da celebração que representa a continuidade e a ligação com as origens. Os participantes de destaque na comunidade do congado são eleitos reis, rainhas e membros da corte. Eles assumem a responsabilidade de honrar os elementos históricos e religiosos. Um momento importante da festa é a coroação de novos reis, que remete aos reis africanos e mantém viva a tradição comunitária. A coroa é passada de um reinado a outro, selando o compromisso de preservar essa memória coletiva.

Nas fotografias do Livro do Estudante não aparecem esses participantes, pois o foco está na dança das guardas, e o modo de andar dos reis e rainhas é mais contido que o das guardas. No entanto, pode ser interessante estimular os estudantes a investigarem a dramatização ritualística do cortejo como um todo.

ALINHAR PASSOS E GESTOS

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

ÁUDIO 6



César Diniz/Pulsar Imagens

Guarda de Moçambique na congada durante a Festa de São Benedito. Guaratinguetá, São Paulo, 2012.

1. Você conhece a festa da imagem? Já participou de uma celebração popular como essa? Resposta pessoal.

2. As pessoas parecem estar em formação em linha reta ou em roda?
O grupo parece estar mais em linha reta do que em formação circular.

3. Como as pessoas estão vestidas? O que carregam nas mãos?
As pessoas vestem roupas brancas com fitas alaranjadas. Na cabeça, usam chapéu de marinheiro. Elas seguram bastões alaranjados.

A **congada** é uma festa celebrada em diversas regiões do país. Ela tem origem afro-brasileira e mistura elementos da religiosidade africana e católica. Cada região tem seu jeito especial de celebrá-la. Na foto da Festa de São Benedito, o grupo dança o Moçambique de Bastão, uma das danças realizadas nessa festa. Nessa dança, todos se movem juntos, como se fossem um só. Eles caminham seguindo o ritmo dos tambores com passos fortes no chão. Os bastões ou espadas nas mãos deixam a dança ainda mais animada, misturando os sons dos pés e das mãos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Áudio 6

Para proporcionar melhor compreensão do estilo musical que apoia a dança aqui estudada, peça aos estudantes que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Música instrumental inspirada na congada.

Objeto digital

Infográfico clicável

Para ajudar os estudantes a perceberem como a dança faz parte da cultura de diferentes povos, solicite a eles que acessem o infográfico pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Foco nos TCTs

TCT

Cidadania e Civismo - Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso

A congada é também um espaço de valorização das pessoas idosas. Ao escolher reis e rainhas, geralmente idosos, a comunidade reconhece sua sabedoria, experiência e papel essencial na preservação das tradições. A eles cabe organizar a festa, orientar os mais jovens e transmitir os saberes ancestrais. Essa prática expressa respeito e admiração, fortalece os vínculos entre gerações e promove a cidadania por meio do convívio e da valorização da diversidade etária.

UMA DANÇA DE LUTA E PROTEÇÃO

Na congada, desfilam pelas ruas pessoas vestidas de reis, rainhas, princesas e seus batalhões, conhecidos como **guardas**. As guardas mais famosas são a do Congo e a de Moçambique.

A dança realizada por esses dois tipos de guarda apresenta elementos semelhantes e diferentes. Vamos conhecê-los um pouco melhor?



Marco Antonio SA/Pulsar Imagens

Congada de Ilhabela na Festa de São Benedito, em Ilhabela, São Paulo, 2011.

	GUARDA DO CONGO	GUARDA DE MOÇAMBIQUE
SEMELHANÇAS	Nas duas guardas, um capitão usa um apito para organizar as danças em linhas, seguindo o ritmo da música.	
DIFERENÇAS	Abre caminhos para os reis.	Protege os reis.
	Os participantes se organizam em filas, saltando de um lado para o outro. Eles fazem movimentos rápidos [illegible].	Os participantes se organizam em linhas, lado a lado. Eles não saltam. Caminham dobrando os joelhos, como se o corpo fosse entrar na terra.
	O símbolo é a espada.	O símbolo é o bastão.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Na congada, as guardas são formadas por grupos que desempenham funções simbólicas e narrativas dentro da festa, e todos os personagens têm papéis definidos. Os participantes, como o rei, a rainha, príncipes, caciques, crianças (os "conguinhos"), embaixadores, secretários e guerreiros, caminham, encenam, cantam e dançam em homenagem aos santos padroeiros.

A guarda do Congo se desloca com movimentos rápidos, ágeis e saltitantes. Sua função é abrir caminho para a passagem do reinado. O movimento corporal é leve e se projeta "para cima", destacando-se pela vivacidade. Os congadeiros desse grupo geralmente utilizam espadas e tamboris como adereços.

Já a guarda de Moçambique atua acompanhando e conduzindo o reinado. Seus integrantes caminham com passos mais pesados e firmes, próximos ao chão. O movimento é menos saltitante e mais contido em relação à guarda do Congo. Os bastões são os adereços característicos desse grupo. Essas distinções refletem não apenas diferentes qualidades de movimento, mas também funções simbólicas diversas dentro do cortejo.

Para você mostrar os movimentos das danças da congada, sugerimos dois recursos para compartilhar com os estudantes. Uma delas é assistir, com a turma, a um vídeo de apresentação de congada. A outra é descrever e demonstrar você mesmo, professor, as movimentações características de cada guarda, convidando os estudantes a imitarem. Dessa forma, por meio da vivência corporal, eles poderão perceber diferenças no uso do peso, do espaço, nos gestos e nas intenções dos movimentos, enriquecendo seu repertório com as formas de dançar.

Para aprofundar

O Moçambique Estrela Guia é um grupo tradicional mineiro que integra o universo das congadas. Sua atuação é marcada pela valorização da ancestralidade africana, da religiosidade popular e da força coletiva das manifestações tradicionais. As apresentações do Moçambique Estrela Guia combinam música, dança, canto e símbolos sagrados, como bandeiras, estandartes e instrumentos de percussão. Os integrantes dançam em formação, entoam louvações e conduzem os mastros com imagens de santos, formando um espetáculo carregado de sentido espiritual, identidade e pertencimento. Para mais informações, acesse o link a seguir.

- MOÇAMBIQUE estrela guia – Percursos da tradição. [*S. l.*], 2020. 1 vídeo (7:45 min). Publicado pelo canal Sesc São Paulo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WkkyafPqbAc. Acesso em: 23 ago. 2025.

Avaliação

Nesta proposta, acompanhe o desenvolvimento dos estudantes ao longo do processo, observando o que mais chamou a atenção deles a partir dos elementos presentes na ciranda, no marabaixo, na congada e nas danças tradicionais orientais apresentadas no infográfico. O objetivo é verificar se os estudantes conseguem identificar e diferenciar, com base na vivência e na observação, os movimentos característicos das danças, os locais onde elas acontecem e a função da coletividade nestas manifestações. Como forma de registro, os estudantes podem desenhar o que ficou mais forte para eles e escrever palavras ou frases curtas que expressem o que sentiram e perceberam durante as aulas e nas ocasiões em que dançaram. Esse tipo de atividade ajuda a consolidar os aprendizados e valoriza a expressão pessoal de cada um.

Orientações

Trabalhe o conteúdo da página e encaminhe os estudantes à compreensão de que em Pernambuco existem duas manifestações culturais com o nome maracatu. Embora possuam algumas coisas em comum, são diferentes em diversos aspectos. O maracatu nação, também chamado de maracatu de baque virado, é feito na zona urbana, e o maracatu rural, conhecido também como maracatu de baque solto, está na zona rural do estado. Cada um tem suas características particulares, sua instrumentação, sua estrutura, e são bem diferentes, o que nos leva a perceber que possivelmente a paisagem afeta diretamente a cultura. Enquanto na zona urbana sua origem é africana, na zona rural, o maracatu de baque solto tem origem indígena e conta com a presença do caboclo de lança, que traz em sua dança os movimentos dos trabalhadores rurais.

Objeto digital

Áudio 7
Áudio 8

Para os estudantes terem contato com a sonoridade dos maracatus, solicite a eles que acessem os áudios pelos ícones clicáveis disponíveis no Livro Digital do Estudante.

Áudio 7

Transcrição

Música inspirada no maracatu rural.

Áudio 8

Transcrição

Música inspirada no maracatu nação.

Para aprofundar

O maracatu nação é uma manifestação artística da cultura popular carnavalesca da região metropolitana do Recife, em que um cortejo real desfila pelas ruas acompanhado de um conjunto musical percussivo. É o mais antigo ritmo afro-brasileiro. Em sua origem, assim como na congada, era praticado pelas irmandades religiosas de negros e igualmente tem a tradição da encenação do desfile de reis e rainhas do Congo. É acompanhado exclusivamente por instrumentos de percussão, além de cantos tradicionais ou criados pelo grupo.

Para se aprofundar na complexa e interessante cultura do maracatu, sugerimos a visita às páginas indicadas a seguir.

NO RITMO DO MARACATU

ÁUDIO 7 ÁUDIO 8



Ricardo Teles/Pulsar Imagens

Apresentação do grupo Maracatu Estrela de Ouro, em Aliança, Pernambuco, 2015.



Adriano Kirihara/Pulsar Imagens

Apresentação do grupo Maracatu Nação Estrela Brilhante, em Recife, Pernambuco, 2024.

Você já viu alguém dançando o **maracatu**?

No maracatu, são dançadas e tocadas músicas em que a mais forte característica é a **percussão**. Existem dois tipos de maracatu: o **rural** e o **nação**.

Ambos têm alguns instrumentos em comum, todos eles de percussão: a caixa (ou tarol), o gonguê e o mineiro (ou ganzá).

Além destes, no maracatu nação também é usado o abê (ou agbê ou xequerê) e as alfaias, que são tambores grandes e graves.

Já no maracatu rural são usados a poica, um tipo de cuíca, o trombone e o trompete, instrumentos de sopro feitos de metal.

Escute os áudios 7 e 8 para perceber a diferença entre os ritmos do maracatu rural e do nação.

O **maracatu nação** está relacionado às nações de maracatu ligadas às religiões de terreiro, enquanto o **maracatu rural** surgiu sendo praticado pelos trabalhadores do campo, principalmente nas zonas de produção de cana-de-açúcar.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- MARACATU. *Cultura-PE*, Recife, [20--]. Disponível em: https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/cultura-popular-e-artesanato/cultura-popular/manifestacoes/maracatu/. Acesso em: 6 abr. 2025.
- DANÇAS BRASILEIRAS – Maracatu Nação. Instituto Brincante. YouTube, [*s. l.*], 30 mar. 2020. Disponível em: https://youtu.be/3TsHLNHZokA?si=eKgVwW9Gf_ANP8Pr. Acesso em: 23 abr. 2025.
- DANÇAS BRASILEIRAS – Maracatu Rural – Instituto Brincante. YouTube, [*s. l.*], 30 mar. 2020. Disponível em: https://youtu.be/o1kBMrHgCrE?si=bnLFjXNAuigw7IAK. Acesso em: 23 abr. 2025.

Conheça alguns instrumentos musicais utilizados no maracatu nação.


YinYang/iStockphoto.com

Caixa de guerra.


Ricardo Fernandes/DPA/DA Press

Alfaia.


MIGUEL G.SAAVEDRA/Shutterstock.com

Abê.


christockphoto/Alamy/Fotoarena

Ganzá.


Hassan Felipe dos Santos

Gonguê.

As imagens não estão proporcionais entre si.

Observe as imagens dos instrumentos e tente imaginar os sons que eles produzem. Podem ser sons abafados ou estridentes; graves, médios ou agudos; suaves ou fortes.

- Escute o áudio 9 e repare nos sons da caixa de guerra e da alfaia, ambos são considerados tambores. Circule em **vermelho** a imagem do tambor com som mais forte.

ÁUDIO 9

- Como deve ser o som do ganzá? Note que ele é feito de metal.
  Um som agudo e estridente.
- Você conhece os materiais com que são feitos os abês?
  Resposta pessoal. Conduza a observação dos estudantes para que percebam que eles são feitos de cabaça e miçangas.

PERISCÓPIO

PARA LER

Maracatu, de Sonia Rosa, com ilustrações de Rosinha Campos (Pallas, 2006). Em forma de poesia e cores, o livro busca mostrar as características e o encanto de uma apresentação de maracatu.



Editora Pallas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Áudio 9

Para desenvolver esta prática com os estudantes, solicite a eles que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Instrumentos do maracatu nação. Alfaia. Caixa de guerra. Ganzá. Gonguê. Abê.

Orientações

Observe com os estudantes as imagens dos instrumentos e comente o tamanho de cada um e os materiais de que são feitos. É importante que eles compartilhem suas hipóteses sobre os sons que cada instrumento produz. Em seguida, coloque o **Áudio 9** para que possam verificar se o que imaginaram corresponde ao que estão ouvindo. Peça que, na primeira escuta, prestem atenção aos diferentes timbres dos instrumentos. Depois, reproduza o áudio novamente, dessa vez com os olhos fechados, e incentive-os a compartilhar novamente suas impressões. Esse exercício de ouvir com os olhos fechados é bastante eficaz, pois favorece uma escuta mais atenta e sensível aos detalhes sonoros.

O som mais grave é o da alfaia. A caixa, por ser menor, tem um som médio-agudo. Podemos identificá-la pelo som da esteira, uma tira feita de fios de aço zincado que fica presa paralelamente à pele inferior do instrumento e que vibra a cada toque na pele superior. O ganzá e o abê são bem mais agudos; podemos reconhecê-los pelo chacoalhar das sementes e miçangas. O gonguê tem um som médio, identificado pela sonoridade do ferro.

A cabaça pode ser um elemento desconhecido e interessante para conversar com a turma. Trata-se do fruto de uma planta que, quando cortada, seca e limpa por dentro, é usada como recipiente para armazenar água ou comida ou para construir instrumentos, incluindo o abê.

Retome o estudo das propriedades do som, sobretudo o conceito de altura, que será bastante útil neste momento. Em seguida, explore as imagens e os textos sobre os instrumentos:

A **alfaia** (ou **bombo**) é um tambor grande feito tradicionalmente do tronco oco de uma palmeira. É o instrumento mais grave do conjunto. Instrumentos grandes como este produzem ondas sonoras que vibram mais lentamente, por isso produzem sons graves.

A **caixa de guerra** (somente **caixa**, ou **tarol**) é um tambor menor, com corpo de madeira ou metal. O som é produzido quando se percute com as baquetas a pele, produzindo um timbre bem característico.

O **gonguê** é feito de metal e assemelha-se a uma campana de sino, mas sem o pêndulo; o som percute ao se golpear a campana com uma baqueta.

O **abê** (**agbê**, ou **xequerê**) é um instrumento feito com uma cabaça grande vestida com uma trama de miçangas trançadas e está presente em diversas cerimônias das religiões afro-brasileiras e na musicalidade nacional.

O **ganzá** (ou **mineiro**) é um chocalho cilíndrico de metal ou madeira preenchido com sementes ou outros materiais.

Na orquestração dos instrumentistas está o **mestre batuqueiro**, um regente que usa um apito para indicar os diferentes toques de acordo com cada música, que são chamados de **baques** entre os participantes.

Foco na BNCC

EF15AR14 Reconhecer os instrumentos utilizados nas apresentações de grupos de maracatu contribui para que os estudantes percebam os elementos constitutivos da música.

Orientações

Coloque o **Áudio 10** e escute a toada com a turma. Ela é antiga e bastante tradicional, e foi regravada por diversos artistas, entre eles a célebre cirandeira Lia de Itamaracá (1944-). Peça aos estudantes que prestem atenção à letra e à melodia.

Instigue-os a verbalizar o que diz a letra, bem como a cantar a música acompanhando-a.

Depois que os estudantes tiverem respondido à **atividade 1**, converse com eles sobre o que compreenderam da letra da música. Explique que, na África, também havia muitos reis e rainhas, e que essa música anuncia a coroação de uma rainha. Em relação às perguntas feitas no Livro do Estudante, estimule a turma a usar a imaginação para descrever a figura da rainha. Incentive-os a pensar em suas roupas, expressões e o que ela representa para o povo. Oriente os estudantes a ouvirem as ideias dos colegas com atenção e a se expressarem com respeito, valorizando as diferentes ideias e formas de sentir a música. Pergunte se, na gravação ouvida, perceberam se todos os instrumentos tocavam ao mesmo tempo ou se, em alguns momentos, apenas alguns estavam presentes. Questione também se notaram que os tambores acompanham o canto, seguindo o mesmo ritmo da voz. Explique que esses elementos fazem parte do que chamamos de **arranjo musical**. Se possível, é importante que os estudantes experimentem cantar o coro e se revezem no papel do mestre para que compreendam melhor como funciona a toada.

Para aprofundar

As letras das toadas do maracatu (também chamadas de loas) trazem temas ligados à procedência africana e aos personagens do cortejo, assim como aos baques e instrumentos utilizados.

Em geral, o mestre é quem puxa as toadas, ou seja, ele começa cantando, e o coro repete o trecho ou canta a próxima parte.

É interessante você procurar, na internet, gravações de grupos tradicionais do maracatu-nação: Maracatu Estrela Brilhante, Nação Porto Rico e Maracatu Elefante. Pesquise vídeos de cortejos para observar com mais detalhes as roupas usadas pelos participantes, ver como dançam e ouvir a intensidade do som dos batuqueiros.

Nas toadas de maracatu nação, é comum haver uma divisão entre o mestre batuqueiro, que canta sozinho, e o coro, que responde ao canto na sequência. Leia, abaixo, a letra de uma toada de maracatu nação muito antiga e famosa em Pernambuco.

GLOSSÁRIO

Coro: grupo de pessoas cantando juntas.

Mestre batuqueiro: pessoa que dita o ritmo do grupo, seja conduzindo a cantoria ou os batuqueiros do maracatu.

Nagô: pessoa que fala iorubá, língua de um povo que veio de algumas regiões da África para o Brasil.

Toada: são as canções do maracatu, também conhecidas como loas. São canções simples formadas por estrofes e rimas.

Nagô

Nagô, nagô,
Nossa rainha
já se coroou.
Nagô, nagô, nagô,
Nossa rainha
já se coroou.

Domínio público.



Intueri / Shutterstock.com

1. Resposta pessoal. Por ser uma canção do maracatu, essa rainha seria bela e estaria enfeitada com cores vivas. Pelo tom alegre e festivo, imagina-se que o nagô ficaria feliz e celebraria a coroação da rainha.

1. A música traz uma notícia a um nagô: a rainha foi coroada! Como você imagina que é essa rainha? O nagô ficaria triste ou feliz com essa notícia?

ÁUDIO 10

2. O que você sente ao ler a letra dessa canção? Use uma folha de papel à parte para desenhar ou escrever o que sente.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Áudio 10

Para os estudantes conhecerem a toada "Nagô", solicite a eles que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Nagô

Nagô, nagô,
Nossa rainha
já se coroou

Nagô, nagô, nagô
Nossa rainha
já se coroou

Domínio público.

Agora que você já conheceu algumas características das toadas de maracatu, vamos tocar! Que tal fazer alguns instrumentos?

TAMBOR

Você pode usar uma lata, um balde ou uma caixa de papelão duro.

TAMBOR GRAVE

Você pode usar caixas ou latas maiores que as usadas para o tambor. Quanto maior for o recipiente, mais grave será o som!



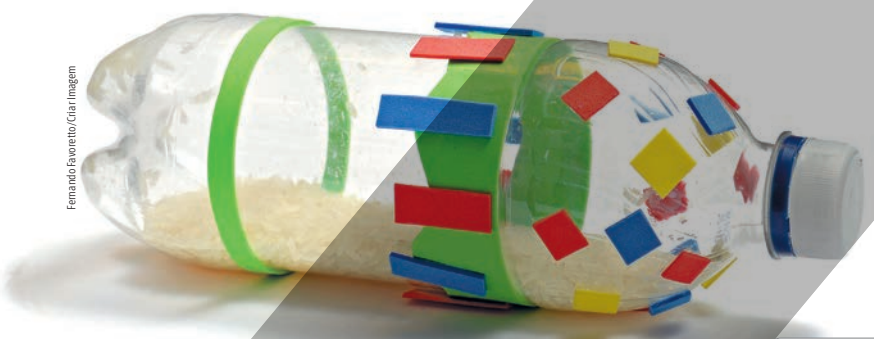
Fernando Favoretto/Criar Imagem

Tambor artesanal.

CHOCALHO

Pode ser feito com qualquer garrafa PET (grande ou pequena) ou até mesmo com um copo. Encontre algum material para colocar dentro do recipiente, como sementes, areia ou pedras pequenas. Por último, tampe com a própria tampa da garrafa ou com fita adesiva para que fique bem fechado.

Você sabia que o ganzá é um tipo de chocalho?



Fernando Favoretto/Criar Imagem

Chocalho artesanal.

As imagens não estão proporcionais entre si.

BAQUETAS

Você pode usar palitos de churrasco, de sorvete ou qualquer vareta de madeira.

Busque usar materiais que seriam descartados. Reutilizar materiais [illegible] o planeta!

ATENÇÃO

Se sua baqueta tiver pontas, peça ajuda ao professor para retirá-las.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Para fazer esse acompanhamento com os instrumentos, propomos a montagem de um ou dois tambores e de um chocalho de forma bem simples.

O tambor pode ser feito de latas, baldes ou caixas de papelão grosso. O ideal é serem maiores para que o som seja mais grave, mais similar ao som das alfaias. Os menores terão o som mais agudo e podem representar a caixa.

Qualquer vareta de madeira ou palito serve como baqueta.

Os chocalhos podem ser confeccionados com garrafas PET, com qualquer potinho ou copo plástico e até com tubos de papelão.

Os estudantes precisarão de algum material para colocar dentro do recipiente escolhido: grãos variados, areia, pedrinhas, sementes etc. Então, é necessário providenciá-lo previamente. Depois, é só tampar bem o recipiente e o chocalho estará pronto. Uma dica é ir enchendo aos poucos o recipiente e ir testando o som para chegar ao resultado mais sonoro. Ele não deve estar nem muito cheio nem muito vazio.

Outra ideia é procurar, na sala de aula ou na escola, objetos sonoros que possam ser utilizados como instrumentos musicais. Essa busca será direcionada para possíveis substitutos dos instrumentos tradicionais do maracatu nação (alfaia, caixa, gonguê, agbê e ganzá). Essa escolha pode ser orientada pelo timbre (se o objeto ou instrumento é tocado com baquetas, como os tambores, se é de ferro, como o gonguê, ou se é um tipo de chocalho) e pela altura dos sons (ou seja, se é grave ou agudo).

Nesta atividade, a intenção é que os estudantes brinquem e ouçam os colegas tocarem juntos, sem a expectativa de uma execução fiel.

Foco nos TCTs

Meio Ambiente - Educação ambiental

TCT

Ao construir instrumentos musicais de forma artesanal, os estudantes são incentivados a refletir sobre o consumo consciente e a reutilização de recursos, valorizando práticas sustentáveis no cotidiano escolar.

Avaliação

Observe se os estudantes reconhecem as diferenças entre os tipos de danças apresentados, identificando aspectos como ritmo, instrumentos, figurinos e movimentos característicos; a relação de cada uma delas com o contexto (urbano ou rural), e se demonstram compreensão sobre os instrumentos musicais utilizados em cada manifestação, seus sons e funções. Se julgar adequado, selecione alguns elementos para representar uma das festividades estudadas. Disponibilize instrumentos, tecidos, materiais recicláveis, de papelaria e outros elementos que estimulem a criação dos estudantes. Se possível, coloque uma música característica da festividade e peça a eles que criem um ambiente divertido e característico da dança.

Foco na BNCC

EF15AR15, **EF15AR17** A proposta de construir instrumentos com materiais reutilizáveis, como latas, garrafas PET e palitos de madeira, permite que os estudantes explorem fontes sonoras diversas do cotidiano, reconhecendo timbres, intensidades e características de instrumentos não convencionais. Além disso, ao utilizarem esses instrumentos em atividades práticas, como toques, batidas e improvisações, os estudantes são incentivados a experimentar criações sonoras coletivas, desenvolvendo expressividade, criatividade e colaboração.

Orientações

Antes da atividade, sugerimos fazer um breve levantamento com a turma de objetos com formas bem definidas, estimulando a memória imediata dos estudantes. Por exemplo:

- Círculo: prato, pneu, relógio de parede, botões.
- Retângulo: régua, janela, dominó, barra de chocolate, caderno, folha de papel, computador, celular.
- Triângulo: placas de trânsito, fatia de *pizza*, instrumento musical triângulo, blocos de montar.
- Esfera ou cilindro: bola de gude, latas, copos, rolos.

Leia a atividade proposta na página com os estudantes e, em seguida, oriente-os a analisar os objetos presentes na sala de aula. Convide-os a observar com atenção e a experimentar, com o próprio corpo, como poderiam representar essas formas com gestos ou posturas.

Para estudantes cegos ou com baixa visão, proponha que façam o percurso acompanhados por um colega ou pelo próprio professor. Durante a caminhada, o parceiro pode descrever os objetos encontrados e auxiliar no toque e no reconhecimento das formas, promovendo uma participação sensorial e inclusiva. O diálogo e a troca fortalecem a percepção coletiva e o cuidado mútuo.

Terminada essa etapa, organize uma pequena volta pela escola. Essa saída pode ser feita com todos juntos, em um mesmo trajeto guiado por você, ou de forma mais livre, com tempo determinado e sinal sonoro (tambor, assobio ou sino) para marcar o início e o fim. Incentive os estudantes a observarem não apenas os objetos evidentes, mas também os inusitados e os já conhecidos, e que tentem representar com o corpo as formas identificadas.

Por fim, convide os estudantes a transformar formas estáticas em movimentos dançantes, explorando a criatividade, a expressividade e as possibilidades do corpo em movimento.

GIRAMUNDO

O CORPO NA DANÇA E AS FORMAS

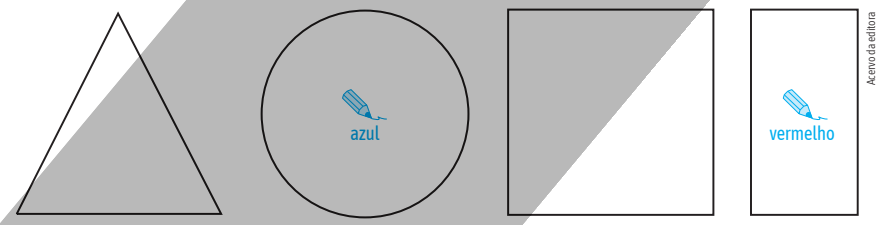
Algumas danças que vimos são circulares, outras são executadas com os participantes dispostos em linha, são formações mais retas.

Nas danças de roda, as pessoas se organizam lado a lado, todas viradas para um mesmo ponto, formando um círculo.

Nos cortejos, as pessoas se organizam em filas, ao lado, na frente ou atrás de alguém, e todas vão na mesma direção, lembrando a forma de um retângulo.

1. Desenhe **ondas azuis** na figura que se parece com a formação da dança do marabaixo.

2. Trace **linhas vermelhas** na figura que se parece com os desfiles de congada e de maracatu.



Acervo da editora

3. Escreva o nome de objetos ou móveis da sala de aula que tenham os formatos descritos a seguir.

- Círculo

Respostas dependerão do que houver na sala: relógio de parede, ventilador, borracha etc.

- Retângulo

Respostas dependerão do que houver na sala: carteiras, lousa, janela etc.

4. Agora, dê uma volta pela escola e investigue mais formas pelo espaço. Procure itens que se pareçam com outras figuras geométricas, como o **triângulo** e o **quadrado**.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Articulação interdisciplinar

Matemática

A proposta de dança que convida os estudantes a observarem e a tocarem objetos da sala de aula e da escola é uma excelente oportunidade para criar conexões com a Matemática, especialmente no estudo das formas geométricas. Ao explorar o formato, o tamanho e o contorno dos objetos com o corpo e os sentidos, as crianças entram em contato, de forma concreta e sensível, com noções de formas planas (como quadrado, círculo, triângulo) e formas espaciais (como cubo, esfera, cilindro). Essa vivência pode se tornar ainda mais rica com um projeto interdisciplinar entre Artes e Matemática, caso deseje aprofundar essa relação, favorecendo descobertas sobre o corpo, o espaço e as formas.

EU FORMO, NÓS FORMAMOS

As formas geométricas estão por todos os lados: nos objetos do dia a dia, na maneira com que nos organizamos fisicamente – seja em roda, em fila única ou em fileiras – e em muitas outras partes da nossa vida. Vamos imitar as formas com o nosso corpo?

1. Deixe o corpo redondo como uma bola. Depois, deixe-o reto como uma porta.

a) Qual foi a forma mais fácil de fazer?

Resposta pessoal.

b) Desenhe seu corpo nas duas formas.

Resposta pessoal.

2. Agora, forme dupla com um colega.

a) Façam juntos a forma de um círculo. Depois, tentem fazer juntos um retângulo. Que figura foi mais simples fazer em dupla: o círculo ou o retângulo?

Resposta pessoal.

b) Quais outras formas podem ser feitas com a ajuda do colega?

Resposta pessoal.

3. O próximo desafio é construir figuras com todos os colegas da turma usando linhas retas e curvas. No caderno ou em uma folha avulsa, desenhe os movimentos e da qual você mais gostou.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Prepare a sala de aula afastando mesas e carteiras de modo a garantir o espaço central vazio. Peça aos estudantes que ajudem nos preparativos dessa organização. Convide a turma a começar se espreguiçando e comente que podemos representar diferentes formas com nosso corpo. Peça que demonstrem qual é a forma de nosso globo ocular (redondo).

Proponha à turma alguns questionamentos: Como poderia ser representada, com todo o corpo, uma forma parecida com a forma dos nossos dentes? Seria um paralelepípedo? Quais detalhes eles podem ajustar nas posições das mãos para que o corpo pareça ainda mais com essa forma? Vá perguntando e pedindo que respondam corporalmente, sem interromper a ação para conversar.

Em seguida, proponha a exploração das formas em duplas. Se a atividade estiver fluindo bem e os estudantes demonstrarem engajamento, amplie gradualmente para trios e, depois, quartetos, incentivando a colaboração e a criação coletiva. Durante o processo, pergunte: Que forma parece ser mais fácil de fazer em cada agrupamento?

Finalmente, o desafio é construir em grupo uma forma que será sorteada. Escolha ou sorteie uma forma geométrica, desenhe-a na lousa e dê o contexto aos estudantes (redondo como o Sol, retangular como a plataforma de um trem etc.). Dê um tempo a eles e vire-se de costas ou saia da sala enquanto criam a forma pedida. Geralmente, um minuto é suficiente, mas faça ajustes no tempo de acordo com a necessidade. Lembre a todos que a forma pode ser feita com o corpo deitado no chão, sentados ou em pé.

Avaliação

A avaliação pode ser realizada durante a proposta ao observar como os estudantes se envolvem, individualmente e em grupo, na criação de movimentos inspirados nas formas geométricas. Após as práticas indicadas no Livro do Estudante, organize trios e proponha que pensem juntos em movimentos corporais relacionados às formas e tentem desenhá-los em uma folha. Em seguida, promova uma conversa com a turma sobre qual forma foi mais fácil para realizar os movimentos: sozinhos, em dupla ou coletivamente. Você poderá identificar o que os estudantes já compreendem, quais estratégias utilizam e onde encontram mais dificuldades. Tais dificuldades funcionam como indicativos de conteúdos que precisam ser retomados ou aprofundados ao longo das próximas aulas, uma vez que o aprendizado é um processo contínuo e em construção.

Orientações

Coroar a diversidade cultural é valorizar o patrimônio imaterial. Cada indivíduo entra em contato com o patrimônio imaterial desde o nascimento, ainda que inconscientemente. Assim, a proposta desta seção é a realização de uma entrevista para que os estudantes tenham contato com a infância de alguém de sua família (ou de um adulto responsável por ela) por meio das memórias vividas por essa pessoa.

Articulação interdisciplinar

História

Ainda que o conceito de patrimônio imaterial seja aprofundado nos anos seguintes, é possível despertar desde cedo a consciência de que cada pessoa carrega consigo um pedaço dessa herança cultural. Por meio do afeto e da escuta, os estudantes se conectam com modos de vida que ajudam a formar sua identidade, fortalecendo os laços familiares, a diversidade e o respeito pelas experiências do outro.

Foco nos TCTs

Cidadania e Civismo - vida familiar e social TCT

Ao convidar os estudantes a entrevistar as pessoas sobre lembranças da infância, abrimos espaço para reconhecer e valorizar o patrimônio imaterial – aquele que se perpetua nas histórias, nas memórias, nas músicas, danças, festas e saberes transmitidos entre gerações.

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

COROANDO A TRADIÇÃO FAMILIAR

Há pessoas de todas as idades participando de cirandas e cortejos, afinal a cultura faz parte da nossa identidade e das tradições familiares.

Vamos pesquisar a cultura e a tradição das pessoas que moram conosco?

Entreviste um dos membros mais antigos de sua família para saber como foi a infância dessa pessoa. Caso não consiga entrevistar um familiar, procure um vizinho mais velho do seu bairro ou da comunidade escolar.

Siga o roteiro de perguntas a seguir e peça a ajuda de um adulto para registrar as respostas no caderno.

- Nome completo.
- Data de nascimento.
- Local de nascimento.
- Como era sua casa na infância?
- Qual era sua comida preferida?
- Como eram suas roupas?
- Do que você brincava?
- Quais cantigas você aprendeu?
- Como você dançava?
- Há mais alguma coisa que você gostaria de compartilhar?

Peça ao entrevistado que lhe ensine algo único, como um gesto de alguém querido, por exemplo. Depois, faça um desenho no caderno mostrando o que você mais gostou de descobrir.



Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Apresentação do grupo Associação Cultural de Congada e Moçambique de Guaratinguetá, São Luiz do Paraitinga, São Paulo, 2013.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

62

Agora, sentados em roda, cada um vai contar o que aprendeu. Lembre-se dos detalhes do que você aprendeu com o entrevistado e compartilhe com os colegas como foi a entrevista. Se preferir, você pode cantar uma música, representar ou, ainda, demonstrar com gestos ou movimentos momentos marcantes nessa experiência.

As tradições mudam de acordo com a época, o país e os costumes familiares. Pense nisso ao ouvir as lembranças do entrevistado.



Créditos: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, São Paulo, Diego Shutterstock.com

Família de imigrantes japoneses no Brasil em 1902.

Expressar algo de sua tradição familiar é valorizar e perpetuar suas origens. Esse aprendizado, agora, está em sua mente e em seu corpo.

Registre aqui uma das apresentações dos colegas que chamou sua atenção. Pode ser porque foi parecida com a sua ou porque foi bem diferente.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Incentive os estudantes a realizarem um levantamento de informações e acontecimentos de antes do nascimento da pessoa escolhida para ser entrevistada. Podem trazer objetos, músicas marcantes, ferramentas de trabalho, receitas, lembranças de festas, danças, brinquedos e brincadeiras. Para ampliar esse olhar, mostre à turma a fotografia de uma família de imigrantes japoneses no Brasil, em 1902. Pergunte se eles conhecem histórias de pessoas que vieram de outros lugares para viver no Brasil ou se suas famílias têm memórias de mudanças de cidade ou de país. Questione: Como era o trabalho dessas famílias? Que músicas ou brincadeiras faziam parte de seu cotidiano? Explique que a cultura das comunidades se transforma com o tempo e com os encontros entre diferentes tradições, mas muitas práticas permanecem vivas porque as pessoas consideram importante transmiti-las às novas gerações.

Ressalte que ouvir os adultos é uma forma de acessar experiências de outra época. Incentive os estudantes a perguntarem sobre festas como o Carnaval, Festas Juninas ou de fim de ano, explorando músicas, danças e brincadeiras. Você também pode compartilhar memórias da sua infância e mostrar como certas práticas mudaram ou permaneceram. Isso ajudará os estudantes a terem as primeiras noções do que é o patrimônio imaterial.

Peça aos estudantes que registrem suas descobertas da maneira que preferirem: com um desenho, uma escrita, uma música, apresentação de um brinquedo atual parecido com um antigo ou outro recurso significativo. Em seguida, cada estudante poderá apresentar o que aprendeu em roda, no chão da sala de aula ou em outro espaço da escola. Se desejar, organize as apresentações por temas (danças, brincadeiras, músicas) ou formatos (fala, canto, gesto); e envolva os estudantes na criação do roteiro – isso também faz parte do processo de aprendizagem.

Ao final, proponha a criação coletiva do **Livro dos Saberes da Turma**. O livro reunirá os desenhos, relatos, falas, gestos ou músicas apresentados pelos estudantes. As páginas podem ser coladas em um caderno, organizadas em fichas ou costuradas em formato artesanal. O importante é que esse livro registre o que foi aprendido e valorize a diversidade cultural das famílias, fortalecendo vínculos e o respeito às diferentes formas de viver e celebrar.

Orientações

Esta seção de revisão oferece aos estudantes uma oportunidade de retomar conteúdos já trabalhados de forma lúdica e significativa, reforçando aspectos da linguagem, da escuta e da oralidade, ao mesmo tempo que amplia o olhar sobre palavras, sons e sentidos. A **atividade 1** parte da palavra "marabaixo", destacando que ela é formada por duas palavras que também têm sentido separadas: "mar" e "abaixo". Isso abre espaço para a imaginação e o jogo com a linguagem.

O item **a** da **atividade 1** convida os estudantes a inventar novas palavras a partir do elemento "mar" combinado com outras palavras que indiquem posição no espaço, como no exemplo "mardefora".

No item **b**, os estudantes são orientados a listar palavras que contenham as letras **m**, **a** e **r**. Elas não precisam aparecer juntas, nem na mesma ordem. A ideia é estimular a investigação de palavras do repertório deles a partir das três letras.

O item **c** propõe aos estudantes que contem quantas letras tem a palavra "maravilha" e identifiquem as quatro primeiras. A resposta correta é que a palavra tem nove letras, sendo as quatro primeiras: **m**, **a**, **r** e **a**.

O item **d** envolve brincar com essas quatro letras, reorganizando-as em diferentes ordens para formar novas palavras ou combinações sonoras. O foco não é o sentido das palavras, mas, sim, a percepção dos sons produzidos. Por exemplo, ao embaralhar as letras segundo as sequências indicadas, temos: 2341 = **ARAM** (terceira pessoa do plural do verbo arar), 3412 = **RAMA** (prolongamento de u[illegible]), 4123 = **AMAR** (verbo amar).

Mesmo que algumas d[illegible]vras não façam parte do vocabulário usual dos estudantes, a brincadeira estimula a consciência fonológica e a familiaridade com estruturas da língua. Você pode propor aos estudantes que criem outras combinações e as leiam em voz alta, observando como os sons mudam. Incentive-as a compartilhar suas criações com a turma, valorizando a diversidade de ideias e o uso da imaginação.

REVENDO O QUE APRENDI

1. A palavra **marabaixo** pode ter sua origem na junção de duas palavras que também fazem sentido separadas: mar e abaixo.

a) O termo **baixo** indica uma posição no espaço. Sabendo disso, utilize o termo **mar** para inventar novas palavras que também façam referência a uma posição no espaço. Use a imaginação e crie palavras que não existem, como "mardefora".

Resposta pessoal. Sugestões: maracima, maraolado, marafrente, maratrás, marembaixo, maraorredor, marporfora, marpordentro.

b) Escreva palavras que tenham **m**, **a** e **r**. Essas letras não precisam aparecer todas na mesma palavra. Você pode escrever palavras que tenham essas letras no começo, no meio ou no fim. Veja os exemplos:

- amora;
- maré.

Resposta pessoal. Sugestões: amarelo, amargo, amamentar, amarrar, martelo, Marcelo, maremoto etc.

c) Quantas letras tem a palavra **maravilha**? Quais são as 4 primeiras?

A palavra tem 9 letras. As 4 primeiras são: m, a, r, a.

d) Vamos embaralhar a posição dessas 4 primeiras letras e formar novas palavras? Que sons elas têm?

Por enquanto, as letras estão na ordem 1234, assim: 1 = M, 2 = A, 3 = R e 4 = A. Sem se preocupar se elas fazem sentido, forme palavras abaixo dos números na ordem que eles determinam.

2341	3412	4123
ARAM	RAMA	AMAR

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

64

2. Vamos fazer uma dança inspirada na guarda do Congo e na guarda de Moçambique usando adereços de papel e papelão? Podemos utilizar a espada para a guarda do Congo e o bastão para a guarda de Moçambique.

MATERIAL:

- rolo de papel-toalha para o bastão;
- papel sulfite para a espada.

COMO FAZER

O bastão já está pronto, mas você pode decorá-lo como quiser.

1. Para fazer a espada, dobre a folha sulfite com a ajuda do professor.

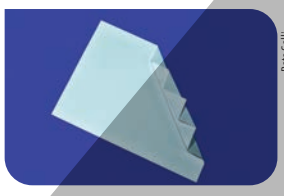


Beto Celli

2. Siga dobrando em sanfona até o final da folha.



Beto Celli



Beto Celli

3. Sua espada ficará como mostra a imagem e você também pode decorá-la.



Beto Celli

a) Assim que os adereços ficarem prontos, organize-se para as danças. A guarda do Congo com espadas de papel ficará de um lado, movendo-se de forma mais leve e saltitante. A guarda de Moçambique ficará do outro, dançando com seus bastões de papelão de forma mais pesada, sem saltitar, dobrando os joelhos como se pisasse mais fundo no chão.

b) Depois, troque de posições e se mova ora como uma guarda, ora como outra. Em qual você se sente melhor? Por quê?

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Para incentivar os estudantes a fazerem os movimentos da prática, ao trabalhar a **atividade 2**, assista com eles a vídeos de congada que exemplifiquem os dois estilos abordados. Procure chamar a atenção deles para as qualidades de movimento descritas no Livro do Estudante. Relembre os movimentos estudados, como os gestos de partes do corpo que reforçam a intenção do movimento, por exemplo, a qualidade saltitante da guarda do Congo e a qualidade mais aterrada da guarda de Moçambique, a marcação do ritmo pelos pés, e o uso do espaço nas trajetórias em deslocamento.

A confecção das espadas do Congo e dos bastões do Moçambique é bem simples. Para o bastão, combine com os estudantes de levarem um rolo vazio de papel-toalha de cozinha ou outra embalagem de produto reciclável de papel que seja parecida com um bastão. Na escola, forneça uma folha sulfite para que façam a espada dobrando-a como uma sanfona na diagonal. Para esses casos, o uso de folhas com gramatura maior é recomendado.

Com as carteiras encostadas nas paredes, deixe o espaço da sala mais vazio, dividindo-o em duas partes. No chão, os estudantes devem se agrupar com os bastões de um lado e as espadas do outro. Metade do grupo começará de um lado, e metade de outro, pegando o material e posicionando-o no espaço reservado para eles. Quando ouvirem o batuque, o comando é deixar o corpo se mover na intenção da guarda. Peça que mantenham o corpo virado para a lousa.

Caso tenha um apito, indique com som e com gestos, o momento em que um grupo deve parar, enquanto o outro segue se movimentando. Alterne a pausa entre os grupos e, por fim, peça que troquem de lado. Procure participar também.

Orientações

A proposta da **atividade 3** visa rever e integrar assuntos abordados no Livro do Estudante por meio de uma brincadeira. Os estudantes conheceram a roda como formação do lugar do coletivo, investigaram as formas geométricas no espaço, representaram formas com o corpo e associaram as formas dos instrumentos a seus respectivos sons.

Antes de começar, peça aos estudantes que observem as linhas das cinco vogais do alfabeto. Pergunte: Nas representações gráficas com letra bastão, quais têm linhas retas, quais têm linhas curvas e quais misturam as linhas?

Prepare o espaço da sala afastando mesas e cadeiras para garantir uma área livre suficiente para os estudantes se movimentarem.

Para a escolha do estudante que irá começar a brincadeira como "mestre", proponha jogos lúdicos como "lá em cima do piano", "adoletá", "par ou ímpar", "joquempô" etc. Você pode encontrar facilmente vídeos explicativos sobre essas brincadeiras em *sites* de busca. Nas rodadas seguintes, o mestre convida quem irá ocupar seu lugar.

Estreitando as relações entre os estudos da dança e da música, a proposta é representar sons graves e agudos com o corpo por meio da brincadeira "O mestre mandou", que trabalhará os níveis do movimento (baixo, médio e alto). Considerando a fase de aquisição da escrita, as formas das vogais reforçam a ideia da brincadeira: para representar a vogal "**o**", o corpo deve ficar arredondado; já para representar a vogal "**i**", [illegible] ficar alongado e esticado.

Inicie a atividade com [illegible] sugeridas no Livro do Estudante usando tom de voz grave, no nível baixo, ao arredondar o corpo, e tom agudo, no nível alto, ao esticar o corpo em pé. No decorrer da brincadeira, abra a possibilidade de eles criarem outras frases e outros movimentos usando formas, alturas e níveis.

3. Conhecemos a relação entre o mestre batuqueiro e o coro, em que um fala e os outros respondem. Foram mostrados instrumentos com formas diferentes e sons graves ou agudos.

Para revisitar esse assunto, vamos usar nosso corpo e nossa voz. Então, que tal começar com os passos a seguir? Vamos lá!

1. Em grupo, formem uma roda com os colegas para que todos se vejam e se escutem.
2. Juntos, escolham um mestre.
3. O mestre vai para o centro da roda para dar o comando, engrossando a voz e dizendo: "Quando ouço o som grave, vou descendo, vou descendo...".
4. Quem está na roda repete a frase com a voz grossa e vai descendo, tocando no próprio corpo, batucando na barriga, nas pernas até chegar aos pés. Nesse momento, o corpo ficará bem curvo, lembrando a vogal **o**.
5. Agora, o mestre deverá dar outro comando, afinando a voz e dizendo: "Quando ouço o som agudo, vou subindo, vou subindo...".
6. Ao escutar o som agudo, todos da roda devem repetir "Vou subindo" com a voz bem fina. Vocês devem subir batucando até passar da cabeça, como se fossem alcançar o céu. Nesta etapa, o corpo estará todo esticado, semelhante à vogal **i**.



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Observe se os estudantes compreenderam a relação entre mestre e coro, demonstrando atenção e respeito aos momentos de fala e escuta, além da participação e do envolvimento com os comandos vocais e corporais. Também é relevante perceber se o estudante diferencia os sons graves e agudos, conseguindo representá-los por meio da variação da voz e de movimentos corporais adequados, como curvar o corpo ao descer e esticá-lo ao subir, explorando a expressividade e a intenção em seus gestos.

Outro ponto importante é observar como o estudante se relaciona com o grupo: se colabora nas decisões coletivas, como a escolha do mestre, e se participa ativamente das dinâmicas em roda, demonstrando escuta ativa e respeito pelos colegas.

4. Expressar algo da tradição familiar é perpetuar as origens. Ao pesquisar as tradições familiares, você viu que a cultura é composta de pessoas de todas as idades.

Que tal revisitar as descobertas sobre as tradições familiares da entrevista realizada anteriormente? A cultura se mantém viva quando repetimos costumes e encontramos novas formas de expressá-los.

1. Retome a entrevista proposta na página 62. Relembre o que te marcou do relato que você coletou.
2. Na página seguinte, você produziu um desenho para registrar algo marcante na apresentação de um colega. Ela era parecida com a sua ou diferente?
3. Agora, em duplas, façam um desenho misturando o registro feito por você e pelo colega. Como vão combinar os elementos?

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

O trabalho com a memória é fundamental para a construção da identidade e para o reconhecimento da diversidade cultural. A estratégia sugerida na **atividade 4** é retomar com os estudantes a seção **Construir um mundo melhor**, convidando-os a rever a entrevista realizada anteriormente. A proposta é confirmar ou questionar a ideia de que a cultura, que é composta por pessoas de todas as idades, apresenta características próprias e que se manifestam em diferentes formas: no modo de se vestir, de cozinhar, nos objetos típicos, nas histórias contadas e até no jeito de falar, cantar e dançar. Esses elementos culturais são vividos no corpo, e suas influências são transmitidas de geração a geração.

Oriente os estudantes a realizarem a atividade em três etapas. Primeiro, individualmente, peça que reflitam: Como seria o registro da entrevista agora?

Escolha a melhor forma de conduzir esse momento com sua turma. A produção pode ser apenas imaginada, feita a lápis em uma folha avulsa ou registrada no espaço indicado no Livro do Estudante, para ser completada ou alterada no fim da atividade.

Depois, peça que, em duplas, retomem o registro da página 63, comentando com o colega o que mais chamou sua atenção.

Por fim, a dupla pode conversar sobre a nova composição, decidindo, juntos, o que manter e o que modificar no desenho. Após esse diálogo, cada estudante fará, no próprio Livro do Estudante, as alterações combinadas.

Essa proposta é mais uma oportunidade para que percebam que, diante de um único tema ou objeto, cada pessoa interpreta, sente e se expressa de maneira única, e isso enriquece o coletivo.

Avaliação

Aproveite esta revisão do trabalho com a memória familiar e da comunidade para verificar se houve a compreensão esperada de que as várias manifestações de tradições vistas na unidade não precisam ser somente aquelas de grupos que se organizam para um folguedo, uma festividade, mas que todos os grupos têm elementos que são transmitidos de geração a geração.

Observe se os estudantes foram capazes de retomar os aspectos significativos da entrevista realizada anteriormente, reconhecendo a importância da tradição familiar relatada; se souberam relacionar sua própria experiência com a do colega, identificando semelhanças e respeitando as diferenças culturais; se demonstraram interesse em realizar o registro em dupla; e se souberam trabalhar com o colega empatia, exercitando a escuta ativa. Valorize as tentativas de participação, a curiosidade demonstrada e o respeito na troca de experiências com os colegas. Esse é um momento importante para reforçar a empatia e a valorização da diversidade cultural presente no próprio grupo.

UNIDADE 4

BRINCAR, REPRESENTAR, DANÇAR E TOCAR

Objetivos

- Aproximar-se da cultura popular brasileira por meio do festejo do Bumba Meu Boi.
- Conhecer elementos da linguagem teatral por meio dos festejos tradicionais.
- Experienciar a ludicidade, a expressividade e a imaginação.
- Explorar possibilidades de movimento e expressão corporal na representação de personagens.
- Exercitar a criação de histórias coletivas.
- Perceber e valorizar a diversidade da cultura brasileira.
- Perceber a importância do coletivo nas artes, desenvolvendo a cooperação.

Pré-requisitos

Para realizar as propostas da unidade, é importante que os estudantes compreendam a sequência de uma história (narrativa) e tenham conhecimento de algumas características das manifestações da cultura popular. Também se espera que os estudantes reconheçam as diferenças e singularidades de cada pessoa, observando suas características corporais e formas de expressão, além de identificar o corpo como elemento expressivo.

Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 4, 6, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR03, EF15AR06, EF15AR07, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR18, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25.

Dimensões da Arte: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

68

Sugestão de leitura

- REIS, I. dos. *Folias e folguedos do Brasil:* ciclo junino. São Paulo: Paulinas, 2010.

Nesse livro, Inimar, que é um brincante, músico e grande pesquisador da cultura popular brasileira, apresenta diversos folguedos presentes no ciclo junino do Brasil. O livro acompanha um CD com músicas das diferentes manifestações culturais.

Glossário dos termos do livro

Brincante: pessoas que participam ativamente das manifestações culturais populares brasileiras, especialmente nas festas tradicionais.

Folguedo: festa popular que carrega saberes e características de uma cultura. Normalmente envolve música, dança, artes, teatro, brincadeiras e mobiliza a comunidade local.



Fabio Colombini

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- O que você imagina que esteja acontecendo no evento mostrado nesta imagem?
- Você sabe que festa é esta?
- Você conhece outras festas que acontecem na rua, com participação popular? Respostas pessoais.

CONHECENDO

O Bumba Meu Boi é um **folguedo** da cultura popular brasileira, praticado especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Surgiu da mistura de elementos das culturas afro-indígena e europeia. Você sabe o que é um folguedo? Temos muitos folguedos no Brasil, e, provavelmente, você já participou de um. São manifestações de origem popular que acontecem, quase sempre, nas ruas, envolvendo encenação de histórias, música, dança, festa e brincadeiras. Eles celebram acontecimentos religiosos, históricos e culturais.

Bumba Meu Boi, grupo de São José do Ribamar. São Luís, Maranhão, 2013.

Orientações

Peça aos estudantes que observem a imagem e prestem atenção nos elementos mais marcantes. Caso existam estudantes com deficiência visual na sala, é importante que você descreva a imagem, dando ênfase a detalhes das vestimentas e da alegoria do boi, enfeites coloridos, quantidade de pessoas, espaço.

Depois, proponha uma conversa e pergunte: Quais são os principais elementos da imagem? Onde vocês acham que eles estão? O que a imagem nos conta sobre isso? Quais são as principais cores que vocês identificam? O que vocês acham que essas pessoas estão fazendo? Por que será que há essas bandeirinhas? O que vocês observam na figura do boi? Como vocês o descreveriam?

Respostas

- A primeira pergunta tem resposta pessoal e abre espaço para o imaginário dos estudantes, com base no conhecimento deles e na observação da imagem. Compartilhar o que cada um pensou ajudará a construir uma ideia inicial dessa festa, que eles conhecerão ao longo da unidade. A figura do boi, as pessoas fantasiadas e o movimento de dança que é possível perceber na imagem vão contribuir para essa construção.
- Com base na leitura prévia, é possível perceber que se trata de uma festa e, caso eles já tenham vivenciado ou assistido a alguma festa do Bumba Meu Boi, é possível reconhecer seus elementos. Se não a conhecem, é provável que identifiquem apenas que se trata de uma festa, podendo relacioná-la às festas que conhecem, como as Festas Juninas, em razão das bandeirinhas.
- É provável que, pela leitura da imagem, eles apontem que se trata de um evento na rua ou em um lugar aberto. Você pode, caso não se lembrem, perguntar sobre o Carnaval, que é uma festa conhecida no Brasil todo, ou sobre festejos típicos de sua região.

Orientações

Durante a unidade, iremos trabalhar os festejos que têm o boi como figura principal, focando sobretudo as possibilidades cênicas que essa manifestação proporciona.

Na tradição do **Bumba Meu Boi** existe sempre um enredo, uma história que acontece durante toda a festa. Na maior parte dos lugares, é chamada de auto do boi.

É importante contar aos estudantes que o folguedo do boi é uma festa que acontece em diversas regiões do Brasil, cada uma com suas próprias características, mas sempre tendo o boi como elemento principal.

Para aprofundar

Leia com os estudantes o texto do Livro do Estudante, que traz brevemente o enredo que aparece em diversas versões do auto do boi. Em seguida, leia para eles outras versões do auto.

[...] Certo dia, o escravo de confiança do patrão, o Pai Francisco [Nego Chico], para atender aos incessantes apelos de sua esposa, Mãe Catirina, decide roubar o boi, matá-lo e arrancar-lhe a língua, dando à esposa a iguaria com a qual ela satisfaz seus desejos de grávida. Descoberto o crime, Pai Francisco é perseguido pelos homens do fazendeiro [...].

Quando capturado, Chico é submetido a terríveis castigos físicos [...].

E, para não pagar com a sua vida a do boi, Nego Chico é forçado a trazer o animal de volta ao convívio da fazenda. Para essa tarefa o doutor é chamado [...].

Finalmente, depois de apelar para muitos artifícios e com o auxílio de um pajé, o boi é ressuscitado e, para alívio de suas punições, [...] algria geral dos convivas, que se põem a comemorar em torno do animal, com muita música e dança. [...]

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Complexo cultural do bumba meu boi do Maranhão*: dossiê do registro. São Luís: Iphan, 2011. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf. Acesso em: 22 fev. 2025.

É importante retomar com os estudantes que o termo "escravo", que faz parte dessa versão do auto do boi, deve ser substituído por "pessoa escravizada". Dessa forma, é dado destaque à condição da pessoa aprisionada, rechaçando a ideia de uma definição do indivíduo. Hoje, entendemos que uma pessoa não é escrava, mas, sim, que ela foi escravizada.

SENTIR E EXPERIMENTAR

UMA FESTA PARA BRINCAR, TOCAR E DANÇAR!

O **Bumba Meu Boi** é uma festa com música, dança, teatro, máscaras, bonecos, roupas e acessórios que se destacam pelas cores vivas e vibrantes.

A festa acontece com base em uma história inventada que chamamos de **auto** e que pode ser transformada em teatro. Agora, acompanhe com o professor a leitura de um resumo do auto do Bumba Meu Boi.



Marco Antonio SA/Pulsar Imagens

Grupo Boi de Laurentino, São Luís, Maranhão, em 2013.

BUMBA MEU BOI

Pai Chico (Pai Francisco) rouba o boi favorito de seu patrão, um grande fazendeiro, pois sua esposa, que estava grávida, queria comer língua de boi. Notando o sumiço do boi, o fazendeiro pede aos vaqueiros que procurem o animal, mas eles o encontram morto. O fazendeiro exige que Pai Chico traga o animal de volta. Ele chama médicos, pajés e curandeiros para ressuscitá-lo. O boi acorda, sai dançando e todos comemoram em uma grande festa!

GLOSSÁRIO

Curandeiro: em algumas comunidades, é uma pessoa mais velha que se acredita ter o poder de curar doentes com ervas e rezas.

Ressuscitar: voltar à vida.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Já na tradição do **Boi de Mamão**, festa de Santa Catarina, a história ganha novos personagens.

Uma das versões da lenda do Boi de Mamão conta que um vaqueiro chamado Mateus fica em desespero ao ver seu boi de estimação morto e tenta várias formas de ressuscitá-lo. Ele procura um médico para ajudar, mas não obtém sucesso. Depois, decide chamar um curandeiro para benzer o boi. O boi, então, começa a se levantar e voltar à vida, porém ele está muito bravo. Por isso, chega um cavaleiro para laçá-lo.

Ao final, quando o boi se acalma, todos fazem uma grande festa para celebrar sua ressurreição. Comparecem a essa festa Bernúncia, uma espécie de dragão com uma boca gigante, e Maricota, uma mulher muito alta e desengonçada que dança balançando os braços e esbarrando em todos.

Foco nos TCTs

TCT

Multiculturalismo – Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

Trabalhar diferentes manifestações da cultura popular brasileira é uma forma importante de valorizar nossa matriz cultural brasileira, que traz as influências das culturas africana, indígena e europeia. As festas do boi no Brasil trazem características de todas essas matrizes.

Aproximar os estudantes desses festejos, possibilitando que eles se identifiquem e reconheçam características de nossa cultura, é também uma forma de relembrar e afirmar nossa identidade.

QUEM SERÁ QUE VEM A ESSA FESTA?

No teatro, podemos nos transformar no que a gente quiser! Você consegue se lembrar de alguma situação em que você já representou um personagem?

GLOSSÁRIO

Personagem: é uma figura fictícia (inventada) representada por um ator ou uma atriz.

No Bumba Meu Boi existem muitos personagens. Vamos conhecê-los?

- **Catirina**: esposa de Pai Chico, grávida, costuma se movimentar de forma exagerada e, muitas vezes, usa uma máscara. Também conhecida como Mãe Catirina.
- **Pai Chico**: marido de Catirina e empregado da fazenda. É um personagem engraçado, geralmente usa máscara e roupas velhas. Também chamado de Pai Francisco ou Nego Chico.
- **Boi**: personagem principal do auto.
- **Curandeiro** (também pode ser um pajé ou um médico).
- **Fazendeiro**: chefe de Pai Chico e dos vaqueiros. É ele quem manda em toda a festa e, muitas vezes, é o cantador.
- **Vaqueiros**: empregados da fazenda. São eles que conduzem o boi.

Qual desses personagens você mais gostou? Desenhe no espaço a seguir como você o imaginou.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Depois de contar as duas versões, peça aos estudantes que identifiquem semelhanças e diferenças. Se possível, apresente vídeos de festas diferentes, para que escutem as músicas, observem a movimentação, as roupas e compreendam melhor como a festa acontece.

Converse com eles: O que chamou a atenção de vocês nas duas festas? De quais personagens vocês mais gostaram? Como vocês os desenhariam? Que cores usariam?

A festa do Bumba Meu Boi tem diversos personagens. Os mais conhecidos são os descritos a seguir. Faça uma leitura prévia desse texto antes de iniciar a aula.

Boi: geralmente é muito enfeitado e colorido. Sua movimentação é feita por uma pessoa que "veste" o boneco do boi (uma armação com madeira e arame coberta de tecido, fitas e outros adornos). O boi roda, gira e brinca muito no meio da festa.

Fazendeiro: além de ser o dono do boi, puxa os cantos e conduz o ritmo da toada.

Mãe Catirina: grávida, costuma usar uma máscara ou o rosto pintado, além de adotar um tom cômico.

Pai Francisco (Pai Chico, Nego Chico): também faz parte dos personagens cômicos. Trabalhador da fazenda, marido de Catirina, é ele quem rouba o boi e depois é procurado pelo fazendeiro. Costuma usar máscara, peruca e uma roupa velha.

Vaqueiros: empregados da fazenda que lidam diretamente com o boi. Fazem a coreografia dançando e se esquivando dos chifres.

Pajé (curandeiro, médico): ressuscita o boi.

Burrinha: boneca feita com uma armação coberta de tecidos. Ela auxilia na dança e no desenrolar da festa. Ela é considerada um boneco-máscara, por ser uma espécie de boneco de vestir.

Muitas vezes, os grupos de folguedos do boi incluem em seus autos fatos que marcam acontecimentos da atualidade.

Na página há espaço para o desenho de um dos personagens. Lembre-se de que não há uma forma correta de desenhar, visto que a ideia é deixar os estudantes livres para representar à sua maneira.

Para aprofundar

Seguem algumas sugestões para conhecer mais os autos do boi.

- CONHEÇA o Boi de Mamão, uma das principais tradições de Florianópolis. [*S. l.*]: NST Total, 2022. 1 vídeo (ca. 3 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JjxNDD3CuOg. Acesso em: 23 jul. 2025.
- BUMBA Meu Boi – Festa de devoção do brinquedo do Maranhão Parte 1. [*S. l.*]: Iphan, 2011. 1 vídeo (ca. 4 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VIxUesGk_7w. Acesso em: 23 jul. 2025.

Orientações

Nesta etapa, os estudantes serão convidados a brincar de se transformar em um dos personagens. Para isso, é interessante introduzir o assunto sobre como é possível a pessoa se transformar no que quiser na prática do teatro. O intérprete precisa mudar algumas ou várias características para se aproximar do personagem: posturas do corpo, a voz, os movimentos, expressões faciais.

Antes de iniciar, converse com eles sobre como cada um de nós tem nossa própria forma de andar, de se movimentar, de adotar certas posturas. Você pode introduzir a aula pedindo para que todos andem normalmente e ao mesmo tempo, observem o andar dos colegas. Será que todos nós andamos da mesma forma? A postura, forma de posicionar o corpo ao andar, de cada um é sempre diferente.

Em seguida, afaste as carteiras para criar um espaço amplo, possibilitando que os estudantes caminhem de diferentes formas: na ponta dos pés, pisando com o calcanhar, acelerado, devagar, com as pernas mais abertas, com o tronco curvado, peito para frente, cabeça para baixo ou erguida etc.; você pode dar diversas sugestões para que eles experimentem mudar o corpo e em seguida pensar em como seria o corpo dos personagens do Bumba Meu Boi.

Neste momento, é importante atentar para que o respeito seja mantido. Promova um espaço acolhedor, sem possibilidades para julgamentos ou comentários pejorativos, seja pelo jeito peculiar de alguém se mover, seja por ser estudante que se diferencie dos demais. É um bom momento de retomar que todos temos formas próprias de andar, de movimentar o corpo, e que isso é apenas a característica de cada um e que deve sempre ser respeitada.

Na sequência, pergunte à turma sobre os personagens e suas características: Como vocês imaginam que seja o corpo de cada personagem? Como andam? Rápido? Devagar? Qual é a idade deles? Como vocês acham que eles dançam?

Peça que imaginem o boi fugindo, dançando e ficando bravo. Pergunte: Como será que Mãe Catirina, que está grávida, se movimenta? Questione também sobre a movimentação de outros personagens.

ENCENAÇÃO DO BUMBA MEU BOI



Thamires Paredes

1. Vamos nos transformar em alguns personagens?

a) Podemos começar com o **boi**! Como você imagina que ele se movimenta? Você consegue fazer esses movimentos com seu corpo?

b) E Catirina? Como seria o movimento de uma mulher grávida? Lembre-se de que ela se movimenta de forma exagerada!

c) Em quais outros personagens você pode se transformar?

Respostas pessoais.

2. Você consegue identificar todos os personagens na imagem? Escreva os nomes deles e algumas de suas características.

Espera-se que os estudantes reconheçam, entre os elementos mostrados na figura, aqueles já estudados: o boi, [illegible] e Catirina.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

Peça a um estudante que escolha um personagem e crie uma movimentação para representá-lo. Os colegas devem observá-lo e imitá-lo. Para essa atividade, é importante garantir um espaço amplo, permitindo que todos se movimentem com liberdade. Em seguida, outro estudante assume a vez, escolhe um novo personagem e propõe sua própria movimentação, que também será reproduzida pelos demais.

Caso os estudantes fiquem tímidos para fazer a movimentação, faça com todos de uma vez. Peça que se espalhem pela sala e, ao seu sinal, transformem-se nos personagens escolhidos, brincando de modificar sua postura, sua movimentação, inspirando-se neles. Aqui, também é importante cuidar para que exista respeito e empatia com os estudantes que não se sentem à vontade para se expor nas brincadeiras.

Foco na BNCC

EF15AR10 Ao criar movimentos dançados com o corpo, inspirados nas características dos personagens da festa do Bumba Meu Boi, os estudantes experimentam diferentes formas de orientação no espaço e nos ritmos de movimento.

HORA DE ENFEITAR O SEU BOI

Imagine agora o seu boi!

Desenhe-o, pinte-o e decore-o com colagens. Recorte os elementos da página 91 para personalizá-lo.

Lembre-se de que ele é o personagem principal da festa!

Resposta pessoal.

Dê um nome para seu boi.

Resposta pessoal.

Agora, que tal construir o boi da forma como quiser? Pode ser um fantoche, uma cabeça de boi para vestir, um boi de papelão! Que outras ideias podem surgir? Vamos lá!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Após todo esse percurso pelo universo do Bumba Meu Boi, avalie se os estudantes se apropriaram da manifestação, compreenderam a importância do boi como figura central da festa e conheceram os personagens. Verifique se usaram as referências na sua criação, aliando imaginação e criatividade com liberdade.

Aproveite para verificar o quanto se sentem à vontade em situações de representação cênica, se gostam e se divertem ao representar personagens e situações.

Orientações

Leia o enunciado com os estudantes e instrua-os sobre o desenho para que façam o boi no espaço indicado.

Por demandar mais capricho na elaboração, a tarefa pode ser realizada em casa se você considerar mais adequado.

Se quiserem, eles podem utilizar outros: lantejoulas, papéis coloridos etc. O desenho pode ser feito inicialmente como um projeto para a construção do boi que virá a seguir. Assim, eles terão mais tempo para pensar como será esse boi e que materiais precisarão.

Recomendamos que os estudantes entrem em contato com variadas representações do boi, vendo imagens e vídeos, além de conhecer diferentes histórias do boi. Após se aproximar dessas referências, peça aos estudantes que criem o seu próprio boi enfeitado.

Converse com os estudantes sobre as diferentes possibilidades de criação do boi: ele pode ser um boneco grande para vestir, como nos festejos tradicionais; um colega caracterizado com pintura corporal; um fantoche feito com meias; ou até um pequeno boi construído com sucatas e materiais diversos. Deixe que os estudantes o criem à maneira deles. Não se preocupe com o resultado estético da criação, não precisa estar perfeito, detalhado, com acabamento bem-feito. O que importa é como eles poderiam transformar o que fizeram no desenho em um boneco, ou até em uma pintura corporal. Auxilie-os para compreenderem o que cada estudante deseja fazer e disponibilize material adequado, como diferentes sucatas, papelão, garrafas PET, tintas. A partir dos materiais que vocês tiverem, as ideias podem surgir. O que faltar, você pode organizar para que tragam de casa e continuem em outra aula.

Orientações

Bumba Meu Boi é uma manifestação da cultura popular que surgiu no Nordeste do Brasil e não há exatidão de como e quando o folguedo se iniciou. A figura central da manifestação é o boi, muito valorizado na época por conta da pecuária, que era fundamental para a economia, além de ser também símbolo de força, coragem e fartura, não só no Brasil, mas em diversas culturas.

Em seguida, pergunte aos estudantes o que é hoje muito importante para eles, ou para a comunidade escolar, por exemplo. Não há certo ou errado para essa pergunta, precisam apenas escolher um tema que pode ser "brincar", "parquinho", "família", "escola" ou o que surgir.

Para aprofundar

Acompanhe o texto, que traz mais informações sobre a constituição do Bumba Meu Boi como patrimônio cultural brasileiro.

O fato é que os documentos abrangem de forma tecnicamente apurada, ampla e competente os aspectos gerais da celebração do boi como figura mítica e repleta de simbolismos. Aí estão estudos que nos mostram o culto ao boi na história geral das civilizações desde os tempos imemoriais na pré-história, passando pela mitologia grega, para chegar às formas de manifestação tal como se verificam no Brasil até o contexto histórico-cultural maranhense. [...].

A origem da festa do boi é questão debatida no mundo acadêmico. Nosso dossiê aborda este debate entre antropólogos, etnólogos e folcloristas situando-o desde o fim do século XIX. Nina [illegible] e Arthur Ramos consideravam o Bumba-meu-boi oriundo [illegible] práticas africanas, dos negros escravizados da tribo Bantu, que trouxeram a religiosidade baseada no totemismo. Para Amadeu Amaral, as raízes do Bumba-meu-boi estavam no próprio Brasil a partir de escravos trabalhadores rurais. Renato Almeida e Câmara Cascudo defendem que o Bumba-meu-boi é uma fusão de elementos de origem portuguesa e indígena e Mario de Andrade que sua origem residia na Península Ibérica.

Mais próximo de Mário de Andrade, o historiador maranhense Rafael Moreira, [...] acredita em raízes fundadas na ópera barroca europeia, em versões populares que à época eram apresentadas em praças públicas de nossas cidades coloniais e imitadas pelos escravos [...].

Como as demais polêmicas, esta contribui para enriquecer o assunto, na medida em que atrai para o tema o pensamento e a dedicação de estudiosos e pesquisadores. E nos reforça o entendimento de que, se a origem desta manifestação afinal enfrenta controvérsias, como vimos, sobre se suas origens seriam africanas ou europeias da Península Ibérica, o que nos fica como saída muito honrosa é que se trata de mais uma grande e exitosa demonstração de capacidade de congraçamento de raças e culturas [...].

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. *Parecer técnico de registro – Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão*. Brasília, DF: IPhan, 2011. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_Bumba%20Meu%20Boi%20MA.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

UMA HISTÓRIA QUE É UMA FESTA!

O auto é uma história que pode ser representada de várias maneiras, como o auto do boi que acabamos de ler. Nessa história, tem destaque a figura do boi, pois o boi tem grande importância na cultura brasileira.

Vamos criar uma história que fale de algo importante para vocês também? Agora, com o professor e os colegas, inventem personagens e situações para celebrar algo especial para vocês! Não se esqueçam de escrever a história depois que estiver pronta.

Faça um desenho dessa história sobre vocês. Inclua os personagens e o lugar onde ela acontece. Depois, ao lado do desenho, escreva o nome dos personagens.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

EF15AR18, **EF15AR23** Ao participar da criação coletiva da prática, envolvendo personagens, danças, músicas e diversas outras criações, os estudantes experimentam relações processuais entre diversas linguagens artísticas. Além disso, ao inventarem personagens, desenharem cenas e nomearem elementos da história, tendo como base o auto do boi, os estudantes exercitam a escuta, a imaginação, a percepção sensível e a capacidade de simbolizar, ampliando seu repertório por meio da linguagem teatral. A prática, inspirada em uma manifestação teatral brasileira, permite a criação de novas narrativas com base nas vivências dos estudantes.

ENCENANDO A NOSSA HISTÓRIA

Relembre com o professor a história que vocês criaram e os personagens dela. Vamos fazer um teatro com base nessa história?

Escolha qual será o seu personagem. Como você o caracterizaria? Como ele é? Como se veste? Desenhe-o aqui.

Resposta pessoal.

Escreva nas linhas a seguir, qual é o nome do seu personagem, quantos anos ele tem, o que ele faz, entre outras características que você pensou.

Resposta pessoal.

Agora, o professor vai dividir a turma em pequenos grupos que irão representar essa história. Cada grupo vai se apresentar para os colegas. Assim como no Bumba Meu Boi, vocês podem usar [illegible] dança e tudo mais que quiserem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Relembre com os estudantes a história criada na atividade do tópico **Uma história que é uma festa!** Ela agora será encenada. Organize a leitura em voz alta para que relembrem todos os detalhes. Assim, peça a cada estudante que leia um trecho.

Cada estudante pode escolher qual personagem quer ser. Nesse processo, é importante que todos lembrem as características dos personagens, pensando no corpo e na movimentação de cada um, para, então, fazerem um teatro. Desenhar o personagem irá auxiliar o estudante a criar essas características.

Você pode reler a narrativa de modo a lhes proporcionar tempo e espaço para que criem suas falas, caso queiram. Contudo, caso não consigam inventar as falas na hora, você pode ajudá-los no papel de narrador.

Com tudo pronto, avalie a possibilidade de chamar outra(s) turma(s) da escola para assistir a essa história-festa. Se a turma tiver se envolvido bastante com a proposta, será ainda mais interessante se puder organizar essa apresentação em algum evento da escola, como a mostra cultural. Para isso, separe um tempo maior para ensaiarem, deixando os estudantes mais seguros para uma apresentação com uma plateia maior.

Foco na BNCC

EF15AR21, **EF15AR22** Ao caracterizar os personagens da história desenvolvida pela turma, os estudantes exercitam o faz de conta, compondo e encenando os acontecimentos. Além disso, pensar nos movimentos, nas falas e nas roupas desses personagens contribui para que experimentem possibilidades criativas de movimento e de voz.

Orientações

Comece a aula convidando os estudantes a lembrar das atividades que já fizeram sobre o auto do boi. Retome com eles as brincadeiras, danças e histórias vivenciadas e explique que, nesta etapa, continuarão explorando o universo das manifestações populares brasileiras, com foco nos movimentos e nas expressões presentes nas artes cênicas, especialmente na linguagem da dança. Comente com os estudantes que o boi representa o ciclo da vida, da morte e do renascimento dos seres vivos – um símbolo importante que aparece em muitas culturas e que nos ajuda a pensar sobre os ritmos da natureza e da existência.

Diga que, além dos personagens, agora eles também vão conhecer as **alegorias**. Explique que alegorias são figuras que representam conceitos, pensamentos ou ideias por meio de imagens, cores, movimentos ou figuras. Em festas populares e nas apresentações como o auto do boi, é comum que se usem alegorias para contar histórias e expressar mensagens de forma criativa – transformando o corpo, o som e o movimento em poesia viva. O termo "alegoria" vem do latim *allegoria*, que significa "o ato de falar sobre outra coisa".

Brincar com os conceitos de fantasia e alegoria estimula a imaginação e ajuda os estudantes a perceberem como nossos pensamentos e emoções influenciam nossas ações. Isso quer dizer que nossos sentimentos e o que percebemos ao nosso redor – na escola, na comunidade, na convivência com os colegas – se refletem no modo como nos movimentamos e nos expressamos. Essas brincadeiras simbólicas também mostram que, mesmo quando alguém não está aparentemente em evidência, como quem interpreta o "miolo" do boi, sua participação é essencial. Em muitas regiões do Brasil, há festivais e encontros que valorizam e celebram o trabalho dessas pessoas.

Nesse contexto, é importante destacar também o papel de artesãos e artesãs que confeccionam as alegorias. Eles trabalham com dedicação e criatividade para transformar materiais simples em figuras simbólicas cheias de significado.

ALEGORIA COMBINA COM ALEGRIA

Para caracterizar seu personagem, você usou a criatividade e pensou nas roupas, no corpo e no jeito dele se movimentar.

Isso tem a ver com inventar **alegorias**, ou seja, criar símbolos com significados escondidos, geralmente para personagens ou imagens. No auto do Bumba Meu Boi, por exemplo, o boi não é um animal qualquer, ele representa uma história maior.

O boi é uma alegoria feita com estrutura de madeira e é geralmente enfeitado com materiais coloridos, mas ele não se move sozinho. Para que ele se movimente e dê vida à brincadeira, uma pessoa veste essa estrutura e ela recebe o nome de "miolo do boi".

Marco Antonio Sá/Pulsar Imagens



Pessoa que está como "miolo do boi" é responsável pela movimentação da alegoria. Na foto, apresentação do grupo Bumba Meu Boi da Maioba, em São Luís, Maranhão, 2013.

PERISCÓPIO

Para ler

Adivinha quem foi o miolo do boi, de Wilson Marques. (Editora do Brasil, 2020).

Essa obra apresenta ilustrações e conta um pouco da história, das cores e das tradições de uma das festas populares mais famosas do Brasil.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

76

O **cazumbá** é outra alegoria individual que também faz parte das festas que contam o auto do boi, no Maranhão. Representa um personagem mágico, que tem origem nas tradições afro-brasileiras. As pessoas fantasiadas de cazumbá usam máscaras e roupas coloridas e têm a responsabilidade de proteger e guiar o grupo de participantes.



Rogerio Reis/Tyba

Vestimenta de cazumbá, de influência africana. Casa do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2016.

Converse com os colegas e construam uma alegoria para representar, proteger ou trazer alegria para a sala de aula em que você estuda.

- Quais materiais seriam interessantes?
- Que tipo de estrutura poderia dar movimento a essa alegoria que será criada?

Usem a criatividade e capriche na movimentação do personagem!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

EF15AR03, **EF15AR06** A atividade promove o contato com diferentes expressões culturais, permitindo que os estudantes reconheçam as diversas linguagens artísticas, como o teatro e a dança, presentes em manifestações populares brasileiras, como o auto do boi, o marabaixo, a ciranda e a congada. Além disso, ao planejar e construir juntos uma alegoria que represente, proteja ou traga alegria para a sala de aula, os estudantes têm a oportunidade de compartilhar ideias, ouvir diferentes pontos de vista e encontrar significados diversos para suas criações.

Orientações

Após explorar com a turma o conceito de alegoria e sua importância em diversos folguedos, convide os estudantes a pensarem juntos sobre como esse elemento pode ganhar forma dentro da realidade do grupo. A partir dos interesses e das referências culturais dos estudantes, ajude-os a imaginar que tipo de personagem fantástico poderia ser criado como uma alegoria coletiva da turma.

Explique que, neste momento, eles vão desenvolver um pré-projeto de alegoria individual, inspirado em figuras como o cazumbá. Divida a turma em dois grupos para facilitar a troca de ideias e decidir, de forma colaborativa, se criarão uma ou duas alegorias.

Incentive o uso de materiais simples e acessíveis, de preferência já disponíveis no ambiente escolar ou na natureza, como folhas secas, palhas, cascas de árvore, além de peças de tecido, baldes, jornais, papelão, cabos de vassoura, entre outros. A proposta é criar com o que se tem, exercitando a imaginação e o reaproveitamento.

Reserve um momento para que os grupos testem suas alegorias em movimento, observando como os materiais reagem, como o corpo interage com a criação e como ela pode ser ajustada. Lembre a turma de que a alegoria não precisa ser sofisticada: o mais importante é que ela funcione simbolicamente e promova a expressão de ideias, sentimentos e personagens criados pelo grupo.

Busque promover a inclusão, considerando as diferentes formas de participação e expressão de cada estudante. Em situações que envolvem mobilidade reduzida, por exemplo, uma alternativa seria propor a realização de um desenho, o planejamento da estrutura ou a escolha e montagem dos materiais. Estimule a colaboração entre pares e valorize as contribuições, garantindo que todos se sintam parte da criação coletiva.

Orientações

Com foco no corpo e no movimento, procure mostrar as duas manifestações que utilizam máscaras para contar suas histórias: a ***la ursa***, do município de Olinda, no estado de Pernambuco, e a **dança dos mascarados**, do município de Poconé, no estado do Mato Grosso. Você pode complementar indicando no mapa do Brasil a localização geográfica de Olinda e Poconé.

Pergunte se os estudantes têm em casa alguma máscara ou se gostariam de confeccionar uma futuramente.

A brincadeira da ***la ursa*** tem raízes em tradições europeias trazidas pelos portugueses e se misturou com elementos da cultura afro-brasileira. Nessa manifestação, uma pessoa se fantasia de urso e sai pelas ruas acompanhada de músicos e outros personagens, interagindo com o público de forma cômica e improvisada. As figuras centrais são um domador ou caçador que guia outro participante vestido com a fantasia estilizada de urso. Eles caminham pelas ruas de Olinda no período pré-carnavalesco. Circulam com uma pequena orquestra de tambores, latas e, às vezes, com instrumentos de sopro para acompanhar as brincadeiras.

Já a **dança dos mascarados** é comum em festas religiosas populares. Os dançarinos usam máscaras e roupas coloridas para esconder a identidade, criando personagens misteriosos e alegóricos. Ela faz parte da celebração em homenagem a São Benedito durante a Festa do Divino, que acontece em junho. Tradicionalmente, as mulheres não participam dessa dança, e alguns homens usam vestidos, enquanto outros assumem o papel de cavalheiros. A coreografia inclui movimentos como a roda em torno de um mastro de fitas, e os mascarados dançam por até duas horas durante as apresentações.

No entanto, ao trabalhar com essas expressões culturais na sala de aula, é importante lembrar que não há mais espaço para essa separação rígida entre os papéis de gênero. A dança, em seu contexto atual, pode ser vivenciada de maneira inclusiva, com meninas e meninos participando igualmente de todas as formas de expressão corporal, sem limitações impostas pelo gênero. Assim, é fundamental incentivar uma prática que promova a igualdade, permitindo que todos se expressem livremente e experimentem diferentes papéis. A sala de aula deve ser um espaço de diversidade e acolhimento, onde as danças e brincadeiras podem ser exploradas sem distinção.

Retomando a abordagem dos folguedos desta página, cabe acrescentar que, apesar de acontecerem em contextos diferentes, as duas manifestações têm muito em comum: ambas utilizam máscaras e figurinos que transformam ou ocultam a identidade dos participantes. Elas estão intimamente ligadas ao território e à cultura local, expressando modos próprios de ser, brincar e de fortalecer a comunidade. Essas práticas envolvem teatro, dança, música, improviso e interação direta com o público, funcionando como espaços de liberdade, crítica, celebração e fortalecimento do saber coletivo.

ALEGORIAS QUE CHAMAM PARA A DANÇA

As alegorias dos folguedos são pensadas para expressar o tema da festa. Esse é o caso das máscaras e dos bonecos de vestir, usados nas festas do boi e em tantas outras.

Na cultura popular, personagens mascarados podem ser engraçados, charmosos ou assustadores. Um exemplo é a ***la ursa***, do Carnaval de Pernambuco. Esses personagens fazem movimentos rápidos e descontrolados que misturam graça e medo.

Já na **dança dos mascarados**, no Mato Grosso, os movimentos são mais suaves, porque a intenção desses personagens é encenar uma conquista amorosa.

- Quais seriam os movimentos que você faria em uma dança com máscara? Resposta pessoal.



Rafael Furtado

João Dias Vilela Filho (1960-), conhecido como Julião das máscaras e algumas de suas criações. Recife, Pernambuco, 2018.



Marco Antonio Sá/Pulsar Imagens

Dança dos mascarados. Poconé, Mato Grosso, 2016.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Edu Lyra/Pulsar Imagens

Personagem Bernúncia durante a tradicional festa Boi de Mamão, em Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

As festas do boi acontecem em todo o Brasil, e, nas histórias encenadas, o boi sempre morre e ressuscita. Ainda bem, pois o fato de ele voltar a viver é o principal motivo para uma grande comemoração. Esse é o caso de Bernúncia, personagem da festa popular catarinense chamada Boi de Mamão.

A alegoria de Bernúncia é um tipo de dragão que chega como convidado para a festa de renascimento do Boi de Mamão.

Para brincar nela, é preciso um grupo de pessoas. As pessoas que formam o corpo da Bernúncia precisam andar juntas, de forma coordenada. Só assim essa alegoria ganha vida para desfilar pelas ruas.

- Que tipo de movimento você acha que a Bernúncia consegue fazer? Experimente se juntar a um grande tecido e brincar como ela.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Para enriquecer a compreensão dos estudantes sobre o folguedo Boi de Mamão, você pode apresentar os conteúdos audiovisuais indicados a seguir.

- MEU BOIZINHO – Bernunça Bebel. Canal Meu Boizinho. *YouTube*, [*S. l.*], 23 mar. 2021. 1 vídeo (3:25 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AENTxsw7-_4. Acesso em: 23 jul. 2025.
- INFORMA – Jogo Bernúncia (29/03/17). Canal da TV Universidade Federal do Paraná (UFPR), Museu de Arqueologia e Etnologia. *YouTube*, [*S. l.*], 30 mar. 2017. 1 vídeo (2 min). Disponível em: https://youtu.be/DOevPiEgfv0?si=1XpnYbO9hQvFb8my. Acesso em: 23 jul. 2025.

Orientações

A Bernúncia é um dos personagens do Boi de Mamão, manifestação cultural tradicional do litoral de Santa Catarina. Com seu corpo alongado, no sentido figurado, ela se alimenta simbolicamente das crianças, que passam a integrar sua própria forma. A alegoria se movimenta de forma sinuosa, criando uma dança coletiva que envolve todos ao redor.

Para ajudar os estudantes a compreenderem e explorarem esses movimentos, proponha que utilizem um grande tecido, como um lençol, e convide-os a entrar, um atrás do outro, embaixo dessa cobertura, simulando o corpo da Bernúncia. Oriente-os a se moverem em conjunto, mantendo a fluidez e a coordenação dos movimentos. Essa atividade desenvolve habilidades motoras, ritmo, escuta corporal e cooperação entre os estudantes.

Antes da vivência, estimule a imaginação deles perguntando: Que tipo de movimento a Bernúncia consegue fazer? Será que ela conseguiria girar, saltar algum obstáculo, andar agachada? Essas ações iriam mudar o ritmo do caminhar? Incentive-os a sugerir e experimentar diferentes formas de se mover, criando uma coreografia coletiva inspirada na personagem.

Foco na BNCC

EF15AR24 Essa brincadeira convida os estudantes a experimentarem os gestos e a movimentação dessa figura cultural, promovendo o contato direto com tradições populares.

Orientações

Festas populares que envolvem a figura do boi são muito comuns em nosso país, como vimos anteriormente. Além dos folguedos, que vimos nas páginas anteriores, podemos encontrar variações com nomes diferentes, como Boi Calemba (Rio Grande do Norte), Boi Barroso (Paraná), Boi Surubim (Ceará), Boi de Reis (Espírito Santo), Boi de Jacá (São Paulo), Boi Janeiro (Bahia) e, entre tantos outros, o Boi Bumbá, famoso festejo amazonense que será empregado em um trabalho comparativo para aprofundamento e compreensão do tema.

Em todas essas manifestações citadas, são variados os momentos de festejar. No Maranhão, por exemplo, a festa do boi costuma acontecer no período junino. Mas há lugares que festejam o boi na época natalina ou no Carnaval. E, de forma geral, os grupos de autos do boi trabalham o ano inteiro nos ensaios, na confecção dos figurinos, nos adereços e nas festas.

O Brasil, um país tão grande e rico em diversidade, mantém tradições semelhantes nos seus diferentes estados, como a festa do boi nos mostra, mas sempre com as características de cada região. Vale retomar, como exemplo, que o Boi de Mamão, em Santa Catarina, é bastante diferente do Bumba Meu Boi do Maranhão. Ambos falam de morte e renascimento do boi, têm dança, música e teatro, mas existem muitas diferenças no ritmo das músicas, nos personagens, no enredo e na própria forma de apresentar a festa. É interessante observar que essas [illegible] Santa Catarina e Maranhão, estão bem distantes geograficamente e têm características muito distintas, como o clima, as paisagens e o sotaque.

Para trabalhar o conteúdo da página, peça aos estudantes que desenhem uma característica do local em que moram. Pergunte: No local em que moram, faz mais calor ou frio? Chove muito ou pouco? Tem praia? Campo? É uma cidade grande? Quais são os pratos típicos? E as festas?

Depois, peça que compartilhem essas características com a turma. Assim, podem identificar se são as mesmas para todos ou se cada um lembrou de aspectos diferentes do mesmo lugar. Por último, pergunte se conhecem algum lugar com características muito diversas dessas que identificaram. Pode ser que alguns deles tenham viajado para outro estado ou conheçam diferentes locais por meio de programas de televisão ou de histórias contadas por amigos e familiares. Caso não conheçam, apresente um estado distante do seu, de preferência com características de clima e costumes distintos.

GIRAMUNDO

O BOI PELO BRASIL

As regiões do Brasil são muito diferentes!

São diferentes nas paisagens – praia, cidade ou sertão –, na cultura, na comida, no sotaque, nas brincadeiras.

Escolha uma característica que você aprecia no lugar onde mora e desenhe-a a seguir.

Resposta pessoal.

Depois, com a ajuda de um adulto, pesquise um lugar do Brasil que tenha uma característica diferente da que você desenhou.

O Brasil é um país grande e diverso, por isso, a cultura e os festejos ganham novas características em cada lugar aonde chegam.

O que você acha que a festa do boi chegou a tantos lugares?

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

80



De Agostini/Getty Images

Bumba Meu Boi. São Luís, Maranhão, 2016



Global Frame/Alamy/Fotoarena

Boi Bumbá. Grupo do Boi Caprichoso. Parintins, Amazonas, 2019.



Bruno Zanardo/Fotoarena

Boi Bumbá. Grupo do Boi Garantido. Parintins, Amazonas, 2019.

As imagens mostram diferentes formas de festejar a figura do boi.

O **Boi Bumbá** é festejado em Parintins, no Amazonas, e, por conta disso, tem forte presença de elementos culturais indígenas da região. Ocorre em uma grande arena fechada.

O **Bumba Meu Boi** é festejado principalmente no Maranhão e ocorre nas ruas.

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

Com o professor, pesquisem os dois tipos de festejos citados. Procurem imagens e as principais características desses eventos. Em seguida, compare os dois folguedos preenchendo o quadro.

DIFERENÇAS	SEMELHANÇAS
O Bumba Meu Boi é colorido, os demais têm apenas duas cores (preto e azul ou vermelho e branco). O Boi Bumbá é realizado em uma arena fechada.	Os dois bois (Bumba Meu Boi e Boi Bumbá) são feitos para vestir.
O Bumba Meu Boi é cheio de detalhes e desenhos. Os bois do Boi Bumbá têm poucos enfeites. O Bumba Meu Boi acontece nas ruas.	

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Infográfico clicável

Para aprofundar o entendimento da festa do Boi Bumbá e saber mais a respeito do Festival de Parintins, solicite aos estudantes que acessem o infográfico pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Orientações

O Boi Bumbá do Amazonas tem características um tanto diversas daquelas presentes no auto do Bumba Meu Boi do Maranhão. As imagens no Livro do Estudante mostram a figura do boi nas duas celebrações. No Amazonas, acontece o Festival de Parintins, no qual uma parte da festa do boi é uma competição que envolve dois grupos, o Garantido e o Caprichoso. Conduza os estudantes na observação das imagens do Boi Bumbá, de modo que possam observar os detalhes nos enfeites, nas cores e na forma de caracterizar o boi. Passe para a análise da figura do Bumba Meu Boi e suas peculiaridades. Contudo, devem perceber que, apesar das particularidades, na apresentação das duas agremiações há a figura de um boi vestido por alguém que dança e brinca, que é o miolo, conforme estudado anteriormente.

Converse com os estudantes: Por que será que, apesar de essas regiões celebrarem a mesma festa, a forma de festejar tem características distintas?

Para enriquecer essa reflexão, é importante trabalhar com eles a ideia de que cada região tem suas características, expressando a identidade de seu povo.

Foco na BNCC

EF15AR25 Ao conhecer, identificar e trabalhar as diferenças e semelhanças entre os festejos do Bumba Meu Boi do Maranhão e do Boi Bumbá do Amazonas, os estudantes aprendem a valorizar o patrimônio cultural de regiões diversas.

Orientações

Os festejos populares de nosso país, além de ser rica fonte de valorização e preservação de nossa cultura, são uma importante forma de união, cooperação e confraternização de suas comunidades. O Bumba Meu Boi, por exemplo, é um festejo que acontece em alguns momentos do ano, mas que, para ser realizado, exige preparo durante o ano inteiro. Podemos observar isso em outras festas, como o Carnaval.

Na maior parte dos festejos, toda a produção é feita por pessoas que, em geral, são voluntárias. Ao longo do ano, os grupos se encontram, conversam sobre o tema, dividem as funções e, depois, fazem ensaios. Esse processo fortalece muito os laços da comunidade local.

Peça aos estudantes que observem as imagens e pensem acerca de quem são aquelas pessoas trabalhando no preparo da festa e por que fazem isso. Depois, solicite que respondam às questões do Livro do Estudante.

Para aprofundar

Algumas pessoas se reúnem fora de sua cidade natal para manter viva a tradição de seu grupo. Na cidade de São Paulo, por exemplo, ocorre a festa do boi no Morro do Querosene. A festa é comandada por Tião Carvalho (1955-) e o Grupo Cupuaçu. Tião é maranhense e levou sua cultura e tradição para São Paulo, de forma a passá-la aos moradores locais e reunir outros nordestinos, que reafirmam, por meio da festa, sua identidade.

Conte aos estudantes o caso de Tião Carvalho e estimule-os a pensar sobre a importância de manter vivas as festas, a cultura e a identidade das regiões do país e como isso reforça as tradições das diferentes comunidades.

Para conhecer um pouco mais sobre a história de Tião Carvalho e a festa do boi no Morro do Querosene, acesse os conteúdos sugeridos a seguir.

- FESTA DO BUMBA-MEU-BOI DO MORRO DO QUEROSENE. *Museu da Pessoa*, São Paulo, 29 jul. 2021. Disponível em: https://museudapessoa.org/historia-de-vida/festa-do-bumba-meu-boi-do-morro-do-querosene/. Acesso em: 23 jul. 2025.
- FESTA DO BOI: entrevista com Tião Carvalho. *Portal Esquerda Diário*, São Paulo, 19 out. 2015. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/Festa-do-Boi-entrevista-com-Tiao-Carvalho. Acesso em: 25 ago. 2025.

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

FESTA DA COMUNIDADE

INFOGRÁFICO CLICÁVEL



Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Músico afinando os pandeirões na fogueira. São Paulo, São Paulo, 2016.



Ricardo Azoury/Pulsar Imagens

Nadir Cruz (à direita), artesã, brincante, educadora social e mestra do Bumba Meu Boi. São Luís, Maranhão, 2019.

- O que você acha que essas pessoas estão fazendo?
- Quem você acha que elas são?
- Você ou algum de seus familiares já participou ajudando na preparação de alguma festa popular de sua região? Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Infográfico clicável

Para proporcionar aos estudantes o contato com mais exemplos da diversidade cultural do Brasil, solicite a eles que acessem o infográfico pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Foco na BNCC

EF15AR07 O conteúdo trabalhado na seção **Construir um mundo melhor** propõe aos estudantes a reflexão sobre trabalhos coletivos, ampliando seu entendimento sobre o papel de diferentes profissionais. Ao identificar essas pessoas como artistas, artesãos ou brincantes, os estudantes colocam em prática o reconhecimento das categorias do sistema das artes em contextos comunitários e escolares.

Foco nos TCTs

TCT

Economia – Trabalho

Ao conhecer o trabalho dos artesãos e artesãs, os estudantes têm a oportunidade de valorizar saberes tradicionais e compreender que o fazer artístico também é uma forma de trabalho. Essa vivência contribui para a formação de uma consciência sobre diferentes profissões e modos de produzir cultura, promovendo o respeito e o reconhecimento do trabalho manual e coletivo.

Na escola, em diversas ocasiões, é muito importante exercitarmos e contarmos com a **cooperação** de todos os colegas, professores e funcionários. Nas Festas Juninas, no Carnaval, em uma brincadeira ou em um jogo, por exemplo.

- Você consegue pensar em alguma situação em sua escola ou comunidade em que todos precisaram se reunir e trabalhar juntos, cada um fazendo sua parte para alcançar algo em comum?
- Como você se sentiu trabalhando coletivamente? Respostas pessoais.

Faça aqui um desenho do que você pensou.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Converse com os estudantes sobre projetos que vocês já realizaram e brincadeiras que envolveram a cooperação de todos; peça que identifiquem em que momentos e de que forma todos participaram e colaboraram. Pode ser que eles consigam lembrar dessas situações ou precisem de sua ajuda para identificar esses momentos: uma festa, um jogo, uma gincana, uma pesquisa em grupo etc. Em seguida, oriente-os a desenhar a situação escolhida, mostrando como ela envolveu todo mundo.

Trabalhar a cooperação na escola é algo muito importante e deve ser sempre incentivado nos estudantes, por meio de brincadeiras de faz de conta, jogos esportivos, trabalhos em grupo, festas etc.

Em alguns momentos, é possível intensificar essa ideia da cooperação. Para isso, promova projetos coletivos que agreguem todos e que sejam relevantes para a comunidade escolar. Em muitas escolas, a Festa Junina, por exemplo, é um desses momentos em que toda a instituição se envolve para produzir esse evento tão significativo na nossa cultura. Quando os estudantes fazem parte da organização, isso desperta neles um sentimento de pertencimento, que é algo que colabora para o fortalecimento de uma comunidade.

O teatro é uma linguagem que auxilia no processo de cooperação, pois é uma arte do coletivo. A representação de histórias, mesmo que de forma simples, considerando a faixa etária dos estudantes, é um excelente projeto para envolver todos em um mesmo objetivo, mostrando que, quanto mais colaboram, mais produzem de forma significativa.

Avaliação

Durante todas as atividades, avalie o quanto os estudantes colaboraram nas propostas coletivas e respeitaram os colegas e suas ideias nessas mesmas propostas, verificando como eles se apropriaram da importância da coletividade e da cooperação.

Verifique o empenho e a proatividade na execução das atividades propostas. Como forma de aprofundar a abordagem, forme uma roda de conversa e pergunte aos estudantes se eles participam de outras atividades fora da escola, se fazem parte de outro grupo, e se já vivenciaram algum festejo popular, participando de todo o processo. Pode ser algum grupo religioso, uma escola de música ou de esportes, por exemplo. É fundamental mostrar-lhes que os festejos envolvem uma comunidade inteira. Mas existem muitas outras formas de também reunir um grupo de pessoas em torno de algo importante, por exemplo, na própria família, nos momentos em que participam das atividades familiares, cooperando para uma boa convivência; e, na escola, contribuindo para melhorar a cooperação não só durante a realização de atividades coletivas, mas também na rotina diária.

Orientações

Nesta unidade, foram trabalhadas algumas manifestações da cultura popular, focando os festejos do boi, e buscou-se explorar com os estudantes como essa rica manifestação de nossa cultura envolve diferentes linguagens e incentiva uma postura de constante criatividade.

Peça aos estudantes que façam um registro daquilo que mais lhes chamou a atenção nesses festejos. Pode ser um personagem, uma música, um instrumento, alguma parte da história. Solicite que façam um desenho para representar o que escolheram, aquilo que ficou mais marcante depois de conhecerem a festa do boi.

Avaliação

Finalizados os desenhos, forme uma roda com os estudantes e peça que os apresentem para a turma. Incentive-os a observar se houve algo entre as produções que foi destacado pela maioria ou se cada um deles escolheu coisas muito diferentes. Nesse momento, é importante observar se todos eles se apropriaram dos elementos dos folguedos, ou de alguns, e se conseguiram registrá-los nos desenhos.

REVENDO O QUE APRENDI


Thamires Paredes

1. Nesta unidade, exploramos a riqueza e a diversidade dos festejos do boi no Brasil! O que mais chamou sua atenção? Lembre-se das histórias, das músicas, dos instrumentos, dos personagens, da dança, dos figurinos.

a) Faça um desenho do que você mais gostou na festa do Bumba Meu Boi ou do que você mais gostou de aprender nesta unidade.

Resposta pessoal.

b) Agora, escreva uma legenda para sua imagem.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

84

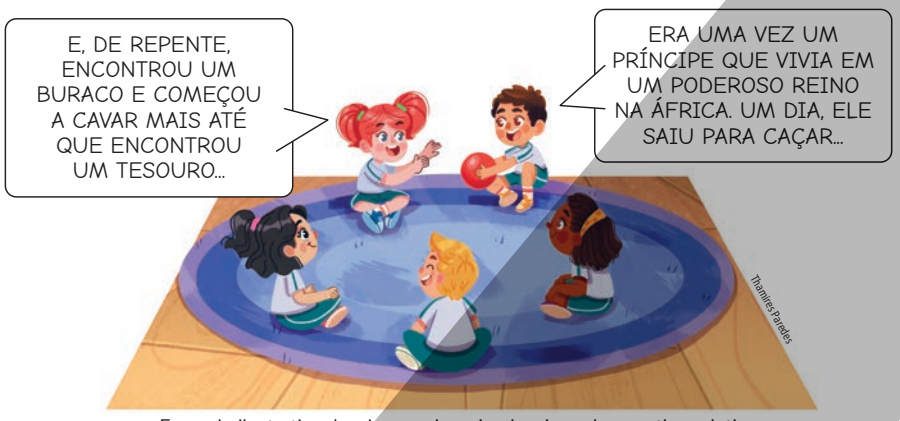
2. Você e os colegas também criaram uma história para festejar algo importante, não é mesmo?
Criar histórias em grupo é muito divertido e é possível usar jogos para nos ajudar nessa criação!
Vamos criar mais uma história coletiva?

a) Combine com o professor e os colegas o tema da nova história e lembre-se da importância de ouvir e respeitar as ideias dos outros.

b) Para esta atividade, vocês utilizarão uma bola. Caso não tenham, podem fazer uma de papel ou de meia.

c) Formem uma roda e passem a bola de mão em mão (não necessariamente na ordem da roda).

d) Quem estiver com a bola conta uma parte da história e, depois, passa a bola para o próximo colega.



Exemplo ilustrativo de crianças vivenciando o jogo de narrativa coletiva.

e) Para finalizar, escrevam a história que criaram.
Título: _____

Resposta pessoal

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Articulação interdisciplinar

Língua Portuguesa

Os estudantes foram convidados a criar mais uma história. A proposta de criar e recriar é sempre muito valiosa no trabalho com Arte, mas também explora competências da Língua Portuguesa. Verifique se eles precisam de apoio para organizar essa construção coletiva da memória, bem como direcionamento para construir narrativas com início, desenvolvimento, clímax e conclusão.

Avaliação

Neste momento, é esperado que os estudantes tenham praticado a criação de uma história. Observe se dão sequência à narrativa ou criam fatos isolados que não se relacionam. Para auxiliar nas dificuldades, depois que a história estiver pronta, leia-a e verifique com a turma se todos gostaram, se acharam difícil criar apenas uma frase buscando contextualizá-la nas frases que os demais colegas falaram, se a história ficou com sentido ou se faltou algo. Em seguida, convide-os a transformar essa história em uma representação teatral.

Orientações

Ao longo da unidade, os estudantes criaram uma história a partir de um tema importante para eles. A habilidade de criar histórias com sequência é algo que os estudantes vão construindo. Muitas vezes eles inventam narrativas sem atentar à continuação ou observar se os acontecimentos anteriores e personagens que foram criados se desenvolvem e mantêm sequência com sentido ao longo da criação.

Essa proposta tem como objetivo auxiliar os estudantes na habilidade de criar uma história coletivamente, verificando, ao mesmo tempo, o quanto conseguem não se perder na elaboração da sequência narrativa, deixando-a linear, com sentido e coerência. Para isso, irão realizar um jogo em que cada estudante continua a história de onde o anterior parou. Anote as ideias de cada um, observe se os eventos fazem sentido e se conseguem propor ações para deixar a história acontecer de forma interessante, ou se apenas introduzem personagens sem pensar nas ações que acontecerão.

Combine com os estudantes um tema para a criação coletiva. Um deles irá iniciar a história do jeito que quiser. Esse estudante deve segurar a bola e falar uma frase ou uma trama inicial curta. Em seguida, ele joga a bola para outro, que deve continuar a história. Se a bola cair no chão, qualquer estudante que quiser continuar a trama pode tentar pegá-la e, depois de falar a continuação, passa a bola novamente. Cuide para que todos tenham a chance de pegar a bola, dando sua contribuição para a história.

Enquanto eles criam, é recomendável que você registre a história na lousa. Assim, eles poderão copiar a história já finalizada, treinando a escrita. Caso haja estudantes surdos na sala, essa é uma forma de incluí-los na proposta, fazendo com que consigam acompanhar a criação da narrativa; se forem mudos, poderão incluir a participação por meio da escrita.

Orientações

Ao trabalhar esta atividade, coloque para tocar, se possível, uma toada do Bumba Meu Boi ou de Boi Bumbá que você conheça. Você pode encontrar diversas toadas disponíveis na internet. Convide os estudantes a dançarem livremente, seguindo seu ritmo. Relembre os movimentos estudados anteriormente nas manifestações culturais da unidade 3, como as formações em roda e em linha, exploradas, respectivamente, na ciranda e na congada, os giros característicos do marabaixo, entre outros. Depois que já estiverem dançando, bata uma palma para que congelem, ou seja, para que parem de se movimentar e se "transformem em estátuas". Enquanto eles estiverem congelados, dê algumas indicações para estimular a movimentação. Por exemplo: Agora vocês vão continuar dançando, mas imaginando movimentos que combinem com um boi. Explore com eles o movimento das pernas, dos braços etc., além de outros estímulos relacionados com os personagens do auto do boi.

3. Que tal fazer uma dança inspirada no movimento dos bois das festividades brasileiras?

a) Relembre o que foi estudado e explore o seu jeito de dançar! Mas fique atento: quando o professor bater palmas, fique parado como uma estátua! Repare na sua forma e procure observar as posições dos colegas com atenção. Depois, faça os movimentos de acordo com o que ele pedir.

b) Agora, desenhe a posição de que mais gostou ou que achou mais engraçada como estátua.

Resposta pessoal.

c) Escreva uma legenda para sua imagem.

Resposta pessoal

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

EF15AR11 Ao explorar diferentes formas de se mover, os estudantes vivenciam os diferentes aspectos da dança que se manifestam na exploração de posturas, ritmos e expressões. Portanto, ao experimentar essas ações corporais, os estudantes colocam em prática a criação e a improvisação de movimentos dançados.

4. Em uma grande festa popular, todo mundo vai para a rua celebrar. Acompanhe a letra da música a seguir.

Festa a São João

Lá vai meu boi do Maranhão, ê boi [...]

Catirina acende o candeeiro para ver meu boi brincar
Ele brinca alegre e ligeiro [...]

Na noite em que eu festejo São João
Dói no meu coração não ver meu boi brincar
Não é promessa, não, meu senhor
É o grande amor que eu tenho de ouvir meu boi urrar

Lá vai outro boi brincar no teu terreiro
Catirina dá em Chico teu cheiro para ver o boi entrar [...]

Prepara bem o teu coração para com ele festejar
O brilho dele eu nunca vi igual [...]

Festa a São João. Intérprete: Gabriel Melônio Lobato. *In*: Bumba-Boi de Morros homenageia São João. [*S. L.: S. N.*], 1998. 1 CD, faixa 1.

GLOSSÁRIO
Candeeiro: objeto que serve para iluminar e funciona a gás ou óleo.
Urrar: berrar muito forte.

a) Circule as palavras que rimam com **brincar**.

b) Sublinhe o nome do personagem de que mais gostou e escreva aqui o que aprendeu sobre ele.

Resposta pessoal.

5. Vimos que as alegorias são parte importante dos festejos da cultura popular. Escreva aqui o nome de uma alegoria entre as estudadas nesta unidade.

Os estudantes po[illegible] o [illegible]lo "miolo do boi"; os elementos que compõem o cazumbá; as máscaras do cortejo *Tu Urso*, máscaras e adereços do cortejo da dança dos mascarados; a fantasia do corpo da Bernúncia no Boi de [illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A primeira atividade desta página é uma oportunidade para os estudantes expressarem suas opiniões a respeito das histórias que eles conheceram. Ao contar se gostaram e por quê, você poderá observar o quanto a compreenderam e se apropriaram do que aprenderam.

Peça aos estudantes que leiam a letra da música em voz alta. Para ampliar o vocabulário deles, é importante que leiam também o **Glossário**. Caso haja outras palavras que desconheçam, auxilie-os nessa descoberta de significados. Separe um momento para que possam fazer as atividades.

Em seguida, passe para a próxima atividade. Dê-lhes tempo para recordar os folguedos e as alegorias estudadas. Como a finalidade não é explorar a memorização, mas a compreensão, você pode listar as manifestações estudadas na lousa e coletivamente incentivá-los a citar como são desenvolvidas e quais são os adereços utilizados, reforçando, assim, o entendimento do conceito de adereço. Solicite que escolham um para completar a resposta.

Atividade complementar

Para reforçar a compreensão das rimas, escolha outras canções que brincam com esse recurso para que os estudantes possam analisar, como "A barata diz que tem", "A canoa virou", entre outras. Em seguida, peça aos estudantes que criem algumas frases que utilizem rimas. Para enriquecer a proposta, sugira como tema o festejo do boi. Eles podem criar frases sobre os personagens, a história ou outro aspecto desses festejos. Oriente-os para que as frases sejam simples e curtas.

Orientações

Nesta atividade, os estudantes são convidados a relembrar os aprendizados adquiridos pela vivência com o teatro ao longo da unidade se inspirando em algum festejo para criar uma cena teatral. A proposta retoma a noção de teatro como brincadeira coletiva, alinhada com a ideia de que representar é também uma forma de aprender a respeito de si, do outro e da cultura.

Converse com a turma para relembrar diferentes festejos e registre na lousa todas as sugestões. Cada estudante deve compartilhar suas escolhas e explicar seus motivos. Você pode realizar uma votação informal, contando quantas vezes cada festejo foi citado. O mais citado será usado como base para a encenação. Cada grupo deve pesquisar com maior profundidade o festejo escolhido. Para isso, você pode preparar um material com textos informativos ou, ainda, um roteiro com orientações de pesquisa, para que eles mesmos possam realizá-la com autonomia. Essa pesquisa guiada consiste em trazer opções que envolvam livros da biblioteca, pesquisa em *sites* da internet sob a supervisão de um adulto, recortes de jornais e/ou revistas que tragam informações sobre o tema.

Agora que os estudantes já conhecem o festejo e os personagens que fazem parte dele, peça que escolham um personagem dos que mais gostaram para representar.

Essa etapa amplia a construção da peça teatral a partir da brincadeira vivenciada. Agora, os estudantes passam a planejar figurinos e cenário. Incentive-os a nomear o personagem escolhido, listar suas características e imaginar com que roupas ele se apresentaria.

O objetivo não é a elaboração de figurinos sofisticados, mas a expressão simbólica e afetiva que a criança pode dar ao personagem.

Eles podem trazer roupas ou acessórios de casa, com autorização da família, ou mesmo criar adereços com materiais disponíveis na escola (papel, tecido, tampas de garrafas PET, barbante etc.). Para estudantes com deficiência motora ou mobilidade reduzida, os figurinos devem ser adaptados para não comprometer o conforto e a autonomia.

Em vez de vestir, podem desenhar ou colar elementos no corpo com sua ajuda ou a de um colega.

6. Nesta unidade conhecemos alguns festejos da cultura tradicional que incluem encenações teatrais. As festas do boi, as festas juninas, o maracatu, entre tantas outras, são folguedos que incluem personagens como: rei, rainha, porta bandeira, os noivos, o padre etc. Tendo isso em mente, e com o auxílio do professor, façam uma pequena pesquisa a respeito de festejos que tenham personagens e encenações.

a) O professor irá anotar na lousa os nomes dos festejos pesquisados. Copie aqui o nome de três que mais te agradaram.

Respostas pessoais.

b) O festejo mais citado será a base para a encenação da turma. Divididos em três grupos, vocês irão criar pequenas histórias com os personagens do festejo escolhido, cada grupo de uma forma diferente. Mas fique atento: a história não precisa repetir o festejo original, mas deve se inspirar em seus personagens e elementos culturais. Então, qual foi o festejo escolhido?

Respostas dependerão da escolha feita.

c) Depois de escolherem o festejo, investiguem com atenção como ele acontece e complete o que é pedido.

- Descreva brevemente como é a história tradicional contada nesse festejo.

- Quem são os personagens? O que cada um faz na história?.

d) Agora, cada um irá escolher um personagem desse festejo para representar. Pense nas suas características e no tipo de roupa que ele usa. Lembre-se de que o figurino ajuda a contar quem ele é!

- O meu personagem é: _____.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

e) Agora com os personagens definidos cada grupo irá criar uma nova história onde esses personagens interagem. Pensem onde essa história acontece, que situação diferente ou divertida pode envolver os personagens. Escrevam suas ideias a seguir.

f) Criem juntos o cenário dessa nova história. O que pode ser usado para mostrar onde ela acontece?

- Agora, desenhe seu personagem atuando nesse cenário.

g) Com a ajuda do professor, escrevam o roteiro da nova história: O que acontece com os personagens? Qual é o problema ou desafio? Como termina? Lembrem-se de que a história deve ter começo, meio e fim.

- O nome [illegible].

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Ao pensar no cenário, promova uma escuta ativa das ideias de cada grupo. Atue como mediador dessa conversa para definir onde a história acontecerá – pode ser na escola, em um parque, mercado ou em qualquer outro espaço conhecido pelos estudantes. Incentive os grupos a reutilizarem materiais simples (caixas, bancos, lençóis, tecidos coloridos), valorizando a inventividade. Peça a cada grupo que faça o levantamento dos materiais que serão usados para verificar a viabilidade. É importante que você organize as ideias dos grupos e ajude-os a concretizá-las. Esse projeto final envolve muitas etapas e a ideia é que os estudantes desenvolvam, também, autonomia durante esse processo, mas precisam de supervisão e orientação para alcançarem o resultado final.

Se julgar adequado, amplie as perguntas feitas no Livro do Estudante para ajudá-los na criação da história: Qual é a situação diferente ou engraçada? Um personagem perdeu algo importante? Vai acontecer uma festa e algo dá errado? Alguém novo chega e muda tudo? Um personagem quer ser outro?

Depois, explique que o cenário ajuda o público a entender onde a história se passa. Em seguida, sugira alguns materiais que possam ser usados para a criação do cenário: carteiras e cadeiras como elementos (portas, janelas, palco), tecidos e lençóis como fundo, céu, cortinas, caixas como bancos, casas, barracas, papelão, cartolina, papel *kraft* para painéis, placas, objetos da sala (vasos, quadros) como parte da ambientação. Se julgar adequado, proponha a eles que utilizem na montagem músicas típicas (instrumentais ou cantadas), sons (como passos de dança, batuques, sons do boi, risadas etc.), passos simples de dança.

Após a realização dos desenhos, se julgar adequado, faça o registro em vídeo ou fotografia e crie uma exposição virtual com as produções da turma.

Orientações

Com os personagens decididos, um enredo e texto criado, será o momento de ensaiar esse teatro! Reserve um tempo para cada grupo ensaiar com liberdade no espaço (use a sala, o pátio ou outro local combinado). Ajude-os a marcar as "entradas e saídas" dos personagens, oriente em relação à projeção de voz e expressão corporal. É comum que nessa idade os estudantes se mostrem retraídos e não usem toda a sua capacidade expressiva. Busque deixá-los confortáveis e seguros durante os ensaios, valorizando seus desempenhos e sinalizando, de forma acolhedora e respeitosa, pontos de melhoria. Relembre que todos devem participar ativamente, mesmo quem estiver com falas pequenas. A participação dos outros grupos durante o ensaio pode contribuir para melhorias da encenação. Peça aos outros grupos que atentem, por exemplo, se o cenário está comunicando a intenção da história, se a história está compreensível e se os personagens estão se movimentando bem e se comunicando com clareza. Para estudantes com deficiência auditiva, escreva os nomes dos personagens e cenas na lousa ou use figuras com apoio visual. Para estudantes com deficiência visual, ofereça descrições detalhadas da cena e ensaie com apoio próximo.

Ao organizar o local para a apresentação, peça a eles que verifiquem os materiais necessários para o cenário, os figurinos de cada personagem (lembrando que podem ser simples, com criatividade). Uma sugestão, caso haja possibilidade, ser[illegible] "dia de montagem" para deixar tudo pronto antes da apresentação.

Verifique com a escola a possibilidade de criação de um convite virtual coletivo para cada grupo. Neles, os estudantes poderão trazer os detalhes de suas apresentações. No entanto, é importante que eles mantenham todas as informações do convite sugerido no Livro do Estudante.

Após a apresentação, proponha uma reflexão com os estudantes sobre como foi a experiência: Como você se sentiu ao participar da peça? O que foi mais divertido ou desafiador? Teve algum momento marcante para você?

Após o registro no Livro do Estudante, peça para cada um escolher um sentimento do encarte da página 93 e colar ao lado de seu registro.

h) Cada grupo vai ensaiar sua peça de teatro com os personagens, o cenário e os acontecimentos criados. Assistam aos ensaios dos colegas e colaborem com sugestões.

i) Com a ajuda do professor, montem o cenário no local combinado e tragam os figurinos.

- Convidem as outras turmas também para assistir à peça! Criem um convite como o exemplo abaixo.

_____, venha assistir à minha peça de teatro!
Nome da peça: _____
Dia: _____ Horário: _____ Local: _____
Te espero, _____

Acervo da editora

j) Depois da apresentação, converse com os colegas e o professor sobre o que você sentiu ao fazer essa atividade. Em seguida, registre um momento importante da sua experiência. Na página 93 você encontrará diversos sentimentos. Escolha um que represente o seu e cole-o ao lado do seu registro.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Observe como os estudantes se envolveram nas atividades de criação, representação e colaboração. É importante considerar o quanto conseguiram imaginar personagens, propor cenas, escutar os colegas e contribuir para a construção da peça teatral. A apresentação é parte do processo, mas o percurso de cada um também se revela nos momentos de troca, nas descobertas e no modo como participam.

Como forma de encerramento, você pode retomar com a turma os aprendizados construídos ao longo dessa jornada e o que cada um descobriu a respeito de si, do grupo e das manifestações culturais exploradas. Reforce a importância da arte como espaço de invenção, de escuta e de convivência, celebrando com os estudantes o que foi vivido.

Foco na BNCC

EF15AR20 A prática propõe uma experiência completa de criação teatral. Esse processo valoriza tanto a improvisação quanto a criação autoral e o trabalho em grupo, colocando os estudantes no centro da prática artística. Além disso, ao se inspirarem em manifestações culturais, como Festas Juninas, maracatu e o auto do boi, os estudantes exploram elementos cênicos e simbólicos de diferentes matrizes estéticas e culturais brasileiras, ampliando seu repertório e suas possibilidades de expressão teatral.

MATERIAL COMPLEMENTAR

Encarte da página 73



Ilustrações: Fabiano Moura

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

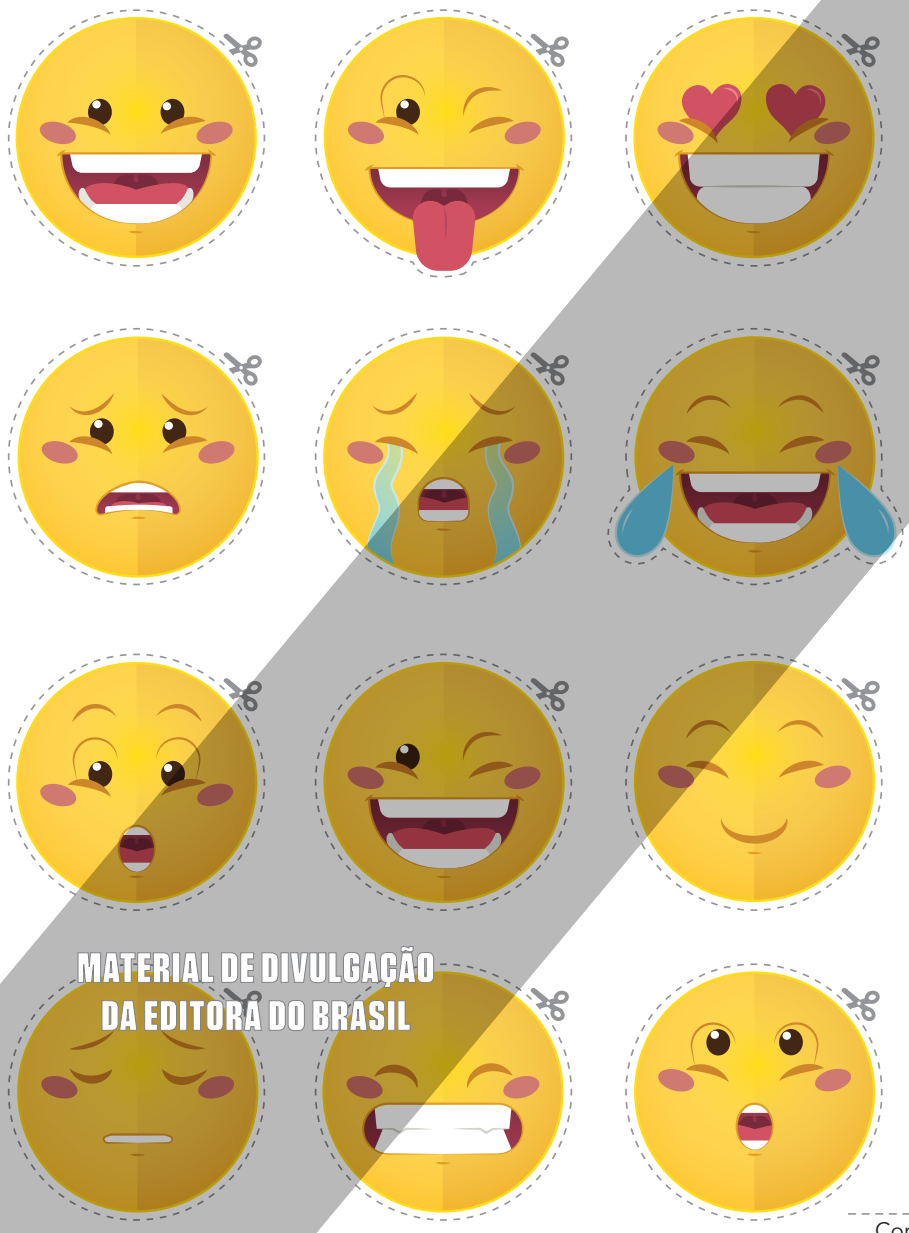
Cortar

91

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL COMPLEMENTAR

Encarte da página 90



Ilustrações: Fabiano Moura

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Cortar

93

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, M. C. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 18, n. 17, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200003. Acesso em: 10 fev. 2025.

A autora analisa vários textos que apontam que o aprendizado da escrita envolve a apropriação de um sistema de representação simbólica da realidade.

AMORIM, M. A. (ed.). *Maracatu de baque solto*: Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Recife: Iphan-PE, 2013. (Dossiê de Candidatura, v. 2). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_MARACATU_RURAL.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

Dossiê rico em detalhes sobre o folguedo do maracatu de baque solto.

ANDRADE, C. R. de; GODOY, K. M. A. de. *Dança com crianças*: propostas, ensino e possibilidades. Curitiba: Appris, 2018.

As autoras instrumentalizam o professor para trabalhar com práticas pedagógicas no ensino da dança.

AVALIAÇÃO formativa. *In*: CAED. *Tipos de avaliação*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, [20--?]. Disponível em: https://institucional.caeddigital.net/index.html. Acesso em: 10 fev. 2025.

Ao propor modalidades de avaliação e fornecer informações sobre o desenvolvimento do aluno, a avaliação formativa foca o processo ensino-aprendizagem, possibilitando que a prática docente se ajuste às necessidades discentes durante o processo.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, n. 19, jan./abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

O autor reflete sobre a educação do ponto de vista da experiência, discorrendo sobre a importância de vivências significativas e os aspectos que promovem (ou impedem) o acesso a essas percepções na sociedade contemporânea.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 fev. 2025.

Essa lei determinou os princípios e fins da educação no Brasil, assim como os direitos e deveres do cidadão e do Estado, respectivamente, acerca do tema. Ficaram definidos os níveis escolares vigentes até hoje, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

A BNCC é o documento do Ministério da Educação que define as aprendizagens, competências e habilidades que todos os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Métodos de diagnóstico inicial e processos de avaliação diversificados. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, [201-?]. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/194-metodos-de-diagnostico-inicial-e-processos-de-avaliacao-diversificados. Acesso em: 10 fev. 2025.

Esse documento enfatiza a importância de verificar o que os estudantes sabem para favorecer a escolha de estratégias didáticas que possibilitem ao professor desafiá-los na construção de conhecimentos novos.

BRITO, T. A. *Um jogo chamado música*: escuta, experiência, criação, educação. São Paulo: Peirópolis, 2019.

A autora apresenta o livro afirmando: "Estudar música é abrir a escuta para instrumentos nem tão conhecidos e provocar na gente outras sensações".

CASCUDO, L da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

Câmara Cascudo foi um grande pesquisador da cultura popular brasileira e reuniu, nesse dicionário, termos que esclarecem muito da cultura e do folclore brasileiro.

DOS REIS, I. *Folias e folguedos do Brasil*. São Paulo: Editora Paulinas, 2010.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

95

No livro, o autor discorre sobre os diversos folguedos presentes na cultura popular brasileira, entre eles o Bumba Meu Boi, abarcando música, enredos, dança e toda a tradição de cada festa.

GODOY, K. M. A. de (org.). *Estudos e abordagens sobre metodologias de pesquisa e ensino*: Dança, Arte e Educação. Curitiba: Appris, 2020.

Metodologias voltadas para o ensino e práticas pedagógicas desenvolvidas por vários pesquisadores nas áreas de Dança, Arte e Educação.

IPHAN. *Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão* – Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. São Luís: Iphan/MA, 2011. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

O material do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional traz um dossiê rico em detalhes sobre o folguedo do Bumba Meu Boi no Maranhão.

KOPPE, V. M. *Slow fashion e a teoria das cinco peles de Hundertwasser no desenvolvimento de uma plataforma virtual de tendências*. 2019. Dissertação (Mestrado em Design de Vestuário e Moda) – Curso de Pós-Graduação em Moda, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

Fazendo um paralelo com a obra As cinco peles, de Hundertwasser, Koppe enfatiza o papel das pessoas para uma mudança no comportamento das novas gerações, para que desenvolvam um consumo mais consciente em relação ao planeta.

LOEWENSTEIN, G. The psychology of curiosity: a review and reinterpretation. *Psychological Bulletin*, [s. l.], v. 116, n. 1, p. 75-98, 1994. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232440476_The_Psychology_of_Curiosity_A_Review_and_Reinterpretation. Acesso em: 10 fev. 2025.

O autor aborda a importância da curiosidade no desenvolvimento da criança.

MACHADO, A. M. *O espaço do desenho*: a educação do educador. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

A autora mergulha na linguagem do desenho buscando a perspectiva tanto do educador quanto do educando para encontrar diálogos com a escola e com a educação do ser poético.

NÓBREGA, A. [Entrevista cedida a] Antônio Abujamra. PROVOCAÇÕES 497 com Antônio Nóbrega – Bloco 01. São Paulo: TV Cultura, [2012]. 1 vídeo (ca. 10 min). Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/7018_provocacoes-497-com-antonio-nobrega-bloco-01.html. Acesso em: 10 fev. 2025.

Entrevista para conhecer Antônio Nóbrega e sua visão acerca da cultura popular brasileira. Nóbrega, músico reconhecido internacionalmente, fala sobre folclore, cultura de massa, tecnologia, arte e as relações existentes entre esses temas.

PILLAR, A. D. *Fazendo artes na alfabetização*: artes plásticas e alfabetização. São Paulo: Geempa; Porto Alegre: Kuarup, 1993.

A autora aponta a melhor compreensão da criança de tudo que vivencia quando tem acesso à fruição e à expressão das artes visuais.

ROSSET, J. M.; RIZZI, M. A. Ciclo da curiosidade e da aprendizagem... na prática! *Tempo de Creche*, [São Paulo], 29 jan. 2017. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-professor-e-rotina/ciclo-da-curiosidade-e-da-aprendizagem-na-pratica-2/. Acesso em: 10 fev. 2025.

As autoras constroem o percurso da aprendizagem, gerado pela curiosidade da criança, da exploração e da pesquisa às descobertas.

ROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

O autor aborda a função social do brinquedo e como a criança se utiliza dos objetos para brincar.

SOARES, M. B. A reflexão pluridimensional da professora Magda Becker Soares. Entrevista cedida a Marta Maria de Araújo *et al.* *Revista Educação em questão*, Natal, v. 24, n. 10, p. 245-251, set./dez. 2005.

Desde 1987, a revista aborda matérias, artigos e entrevistas que discutem os rumos da educação no país.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

A autora descreve diversos jogos de improvisação teatral pertinentes tanto à formação de atores quanto à de crianças e jovens.

WAJSKOP, G. Curiosidade e investigação: caminhos para planejar um ano de descobertas. *Tempo de Creche*, [São Paulo], 7 dez. 2016. (Depoimento). Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-professor-e-rotina/curiosidade-e-pedagogia-da-investigacao-caminhos-para-2017/. Acesso em: 10 fev. 2025.

A depoente estabelece a relação entre a curiosidade da criança e seu desenvolvimento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

96

Manual do Professor

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CARO PROFESSOR,

Bem-vindo à jornada que faremos juntos, ao longo de cinco anos, passando pelas linguagens das artes e nos deixando ser atravessados por elas.

Com frequência, nós, autores da área de Arte, pensamos em práticas e escrevemos textos para auxiliá-lo em seu planejamento e na elaboração de propostas para a sala de aula. É um exercício reflexivo que envolve a busca das melhores proposições e leva nosso pensamento para dentro de seu contexto escolar. É importante que você se sinta à vontade para adaptar as proposições à sua realidade em sala de aula, levando em conta a sua comunidade. Do mesmo modo, incorpore as referências de vida, familiar e cultural às discussões. As experiências dos estudantes com arte serão ainda mais significativas se se entrelaçarem com a sua trajetória.

Cada livro está fundamentado em um tema norteador, trabalhado por meio dos elementos e de cada linguagem da arte e na materialidade dela, percorrendo obras de diferentes artistas e manifestações culturais.

Os livros estão acompanhados de orientações para você, com o objetivo de auxiliá-lo na realização das práticas, na compreensão de conteúdos e na identificação das competências gerais, competências específicas e habilidades desenvolvidas. Outro cuidado que tivemos foi proporcionar a você apoio para a avaliação diagnóstica no início de cada ano, para a avaliação de percurso durante o ano letivo e para a avaliação de resultados no final.

Nas orientações, buscamos propiciar e fortalecer seu papel de provocador de novas experiências para os estudantes e envolvê-lo na descoberta de sua própria singularidade criativa. Seu olhar como docente e como fruidor de arte é parte fundamental neste processo.

Boa leitura!

As autoras



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mathias Townsend

CONHEÇA SEU MANUAL

Seu manual se organiza em: orientações gerais da coleção e orientações específicas para cada página na lateral e no rodapé da página.



As orientações gerais da coleção são dedicadas a **informações relevantes** sobre os principais documentos que norteiam a coleção, textos que contribuem para a prática docente e apresentação da proposta metodológica e da estrutura da coleção.



Nas orientações específicas, você encontrará a indicação das habilidades da BNCC exploradas em cada unidade.



No manual em **formato U**, nas aberturas de unidade, você encontrará os objetivos da unidade e o boxe **Foco na BNCC** (com as competências gerais e as competências específicas, as habilidades e as dimensões da Arte trabalhadas na unidade). Você encontrará também orientações e respostas das atividades propostas.

SUMÁRIO

Orientações gerais VI

I. Introdução VI

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Anos Iniciais do Ensino Básico VI

II. Pressupostos teórico-pedagógicos XI

Transição da Educação Infantil XI

Um estudante protagonista XII

As manifestações culturais e o hibridismo em Arte XIII

As linguagens da Arte e os Anos Iniciais XIV

Práticas... Processo de criação XV

Esta coleção e os Anos Iniciais do Ensino Básico XVI

As "cinco peles" e as linguagens da Arte XVII

III. Concepção de aprendizagem XIX

O papel do professor XIX

Diferentes formas de organização das turmas XIX

IV. A inclusão de estudantes com deficiência XX

V. Avaliação XXI

Avaliação: revisitar o que foi experimentado XXI

VI. Matriz de planejamento de rotina e de sequência didática XXIII

VII. Organização da coleção XXIV

A proposta pedagógica e a estrutura da coleção XXIV

Orientações específicas XXVI

Chegando ao Ensino Fundamental XXVI

VIII. Plano de desenvolvimento XXVII

Referências XXXI

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Mathias Townsend

I. INTRODUÇÃO

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO BÁSICO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do componente curricular Arte propõe uma abordagem em que as quatro linguagens desse componente sejam trabalhadas em conjunto com as seis dimensões do conhecimento. Essa estrutura, mediada pelo professor, possibilita ao estudante perceber sua própria singularidade em relação às múltiplas dimensões da Arte, por meio de experiências e vivências, ao mesmo tempo que são trabalhados os conteúdos específicos de cada objeto de conhecimento, com base em suas respectivas habilidades.

Essa relação pode ser ampliada na educação integral, na qual a Arte pode ter um papel central ao propiciar diferentes propostas de práticas, possibilitando ao estudante diversas atividades encadeadas, e, assim, distanciar-se do simples "fazer artístico".

Essa abordagem propõe elos em uma aprendizagem ampla ao relacionar dimensões do conhecimento, como criação e expressão, aos **elementos das linguagens**, com seus constituintes específicos presentes nos livros; às **materialidades**, explícitas nas linguagens das artes visuais e da música, conforme a BNCC, mas presentes também nas manifestações contemporâneas da dança e do teatro; e aos **processos de criação**, compreendendo aqui a estesia (sensibilidade) diante da expressão e da criação, além da reflexão e da crítica frente ao processo desenvolvido.

Os objetos de conhecimento **contextos e práticas, matrizes estéticas e culturais** e **patrimônio cultural** enfatizam a importância de variadas dimensões da arte: fruição, estesia, reflexão e crítica diante de manifestações culturais das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais presentes no livro como o Bumba Meu Boi, o Carnaval, o maracatu, a guitarrada, entre outras. A proposta é cultivar no estudante a percepção, o imaginário e a ampliação do seu repertório imagético, propiciando a compreensão da diversidade cultural também se expressa no patrimônio cultural, tanto imaterial como material, presente nos sistemas institucionais das linguagens, nas tradições familiares e em todos os espaços públicos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Com relação à ampliação das possibilidades das materialidades, a BNCC traz o objeto **arte e tecnologia**, ligado à unidade temática **artes integradas**, que envolve a potencialidade do mundo digital – de acordo com a visão de que a tecnologia sempre esteve presente nas manifestações artísticas, conforme cada período da história. Da mesma forma, a BNCC apresenta o objetivo da **notação e registro musical** como uma ação híbrida que envolve "desenhar" os sons.

O objeto de conhecimento **sistemas institucionais** está ampliado nesta coleção, extrapolando a proposta da BNCC de ser abordado em relação apenas às artes visuais, ressaltando espaços e manifestações para se apreciar e experimentar atividades em outras linguagens da arte. A coleção apresenta espaços formais e informais dos sistemas institucionais.

A seguir apresentamos as Competências Gerais da Educação Básica, as Competências Específicas de Arte e as Habilidades de Arte do 1º ao 5º ano.

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(Brasil, 2018, p. 9)

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE ARTE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, de modo a reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições articulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

(Brasil, 2018, p. 198)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADES TEMÁTICAS OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES

A BNCC organiza os conteúdos escolares em três grandes componentes estruturais: **unidades temáticas**, **objetos de conhecimento** e **habilidades**. As unidades temáticas são blocos de conteúdo que orientam a organização do ensino em cada componente curricular. Dentro de cada unidade, encontram-se os objetos de conhecimento; são eles que especificam os conteúdos, os conceitos e as práticas que devem ser abordados em sala de aula. As habilidades, por sua vez, indicam aquilo que se espera que os estudantes sejam capazes de desenvolver ao longo do processo de aprendizagem, articulando conhecimentos, competências e atitudes.

A BNCC destaca a relevância dessa abordagem integrada ao afirmar que: "[...] o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais" (Brasil, 2018, p. 199). Dessa forma, esta coleção contempla as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades das quatro linguagens da Arte de forma progressiva. A proposta pedagógica visa proporcionar vivências artísticas que promovam o desenvolvimento sensível, expressivo, criativo e crítico dos estudantes desde os anos iniciais da escolarização.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Artes visuais	Contextos e práticas	**EF15AR01** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
	Elementos da linguagem	**EF15AR02** Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
	Matrizes estéticas e culturais	**EF15AR03** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
	Materialidades	**EF15AR04** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Processos de criação	**EF15AR05** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. **EF15AR06** Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Sistemas da linguagem	**EF15AR07** Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).
Dança	Contextos e práticas	**EF15AR08** Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
	Elementos da linguagem	**EF15AR09** Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. **EF15AR10** Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Dança	Processos de criação	**EF15AR11** Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. **EF15AR12** Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
Música	Contextos e práticas	**EF15AR13** Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
	Elementos da linguagem	**EF15AR14** Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
	Materialidades	**EF15AR15** Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
	Notação e registro musical	**EF15AR16** Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
	Processos de criação	**EF15AR17** Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
Teatro	Contextos e práticas	**EF15AR18** Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
	Elementos da linguagem	**EF15AR19** Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
	Processos de criação	**EF15AR20** Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. **EF15AR21** Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. **EF15AR22** Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
Artes integradas	Processos de criação	**EF15AR23** Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
	Matrizes estéticas culturais	**EF15AR24** Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
	Patrimônio cultural	**EF15AR25** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
	Arte e tecnologia	**EF15AR26** Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares* etc.) nos processos de criação artística.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS

O pedagogo Jurjo Torres Santomé, na obra *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado* (1998, p. 67) expressa que a interdisciplinaridade: "[...] não pode ser só uma teoria, mas sobretudo uma prática. [...] na medida em que são feitas experiências reais de trabalho e equipe, exercitam-se suas possibilidades, problemas e limitações".

De acordo com essa perspectiva, a interdisciplinaridade nos Anos Iniciais se fundamenta em ações práticas centradas nas experimentações e nas investigações realizadas pelos estudantes em seu cotidiano, dentro e fora da escola. Essa abordagem possibilita a articulação de diferentes saberes em torno de um mesmo tema, promovendo a construção de um pensamento em rede desde os primeiros anos escolares. Vale considerar que o pensamento em rede é uma característica marcante da cultura digital, plugada e não plugada e permite valorizar a pluralidade das contribuições da turma, favorecendo, dessa forma, a integração dos conteúdos propostos nesta coleção de Arte com os demais componentes curriculares.

Quando observada em um trabalho coletivo que integra diferentes componentes curriculares, por exemplo, a interdisciplinaridade, parte de um tema ou assunto comum, previamente acordado, permitindo que cada área envolvida contribua com seus saberes específicos. Não é a simples junção de disciplinas que caracteriza a interdisciplinaridade, mas sim a forma como cada uma se articula para colaborar na resolução de um desafio, como indicado em vários momentos no Livro do Estudante e nas orientações específicas deste Manual. Uma metáfora que ilustra essa ideia é a de uma orquestra se apresentando: ouvimos diversos sons produzidos por instrumentos distintos, alguns solos, outros em conjunto, e o que os une é a música previamente escolhida. Dessa mesma forma, podemos pensar a interdisciplinaridade, sendo o tema/assunto tratado o ponto central que guia a atuação integrada de cada componente.

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) se aproximam de diferentes áreas do conhecimento e conversam com elas de forma integrada e conectada com as situações vivenciadas pelos estudantes em sua realidade, contribuindo para a atribuição de contexto e contemporaneidade. Trabalhamos, no livro, os seguintes TCTs: Meio Ambiente, Economia, Saúde, Cidadania e Civismo, Multiculturalismo e Ciência e Tecnologia.

Ao adotarmos essa abordagem, garantimos aos estudantes o acesso aos conhecimentos que possibilitam a revisão da formação cultural em seu contexto, a formação cidadã alinhada às possibilidades de trabalho, o respeito às características regionais e locais da cultura, da economia e da população que frequenta a escola.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

II. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-PEDAGÓGICOS

TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para dar início a um ano letivo significativo, é fundamental reconhecer e compreender este primeiro desafio: o estudante que agora chega à sua sala encerrou o ciclo anterior ainda como uma criança da Educação Infantil e, a partir deste momento, inicia sua trajetória no Ensino Fundamental.

Essa é uma transição marcante que pode ser tratada com respeito e acolhimento. Como, então, transformá-la em um ritual de passagem?

Apesar de estar iniciando no Ensino Fundamental e adquirindo novas habilidades, é importante considerar que esse estudante ainda é uma criança e, como tal, continua a descobrir o mundo por meio do brincar. A **brincadeira**, linguagem própria da infância, é também um dos eixos identificados pela BNCC para a Educação Infantil, e tem seu complemento com as **interações**, ambas fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Nesse contexto, é relevante considerar a reflexão proposta pelo filósofo e antropólogo Gilles Brougère ao apontar que "diante da indeterminação da brincadeira, a única ação que se pode conciliar com o respeito por essa atividade parece ser a intervenção sobre o contexto, seja por meio do ambiente material, seja pela própria cultura da criança" (Brougère, 2010, p. 113).

Essa perspectiva reforça a importância do papel do educador em criar ambientes instigantes, culturalmente significativos e propícios ao aprendizado, nos quais a criança se sinta confortável para se expressar, experimentar e aprender, preservando o caráter espontâneo e imaginativo do brincar mesmo no contexto do Ensino Fundamental.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Mathias Townsend

O eixo das interações, portanto, se constrói gradualmente pela criança, enquanto o educador observa e interpreta esse processo. É quando ela conquista maior espaço e autonomia nas relações, tanto com colegas quanto com adultos, que surge, ainda de forma sutil, o protagonismo juvenil. É nessa fase inicial, muitas vezes imperceptível, que as crianças se preparam para as demandas de autonomia que virão nos anos seguintes.

UMA NOVA ESCOLA, UMA NOVA VIVÊNCIA

Que tal transformar o conhecimento e a exploração do espaço físico da nova escola e da sala de aula em um ritual de passagem? Convide os estudantes a conhecer onde estão e a explorar esse novo espaço: Como é esta nova escola? Em quais espaços eles vão brincar e estudar?

É um momento novo, com sentido inaugural. É hora de o estudante conhecer esse novo lugar, mas, principalmente, de você incentivá-lo a perceber-se nele. O estudante precisa começar a construir interações com a novidade do ambiente.

Se na **escola** houver uma biblioteca, apresente-a a eles. Mostre os livros com imagens de manifestações culturais, os de literatura e todos os outros voltados à faixa etária deles. Se na sala de aula houver um "cantinho" com instrumentos musicais, deixe-os vivenciá-los livremente. As áreas livres, onde vocês também vão se reunir e realizar práticas, são muito importantes, até porque eles estão acostumados às brincadeiras no pátio, na pracinha, em muitos outros lugares além da sala de aula.

Além de introduzi-los aos espaços, é importante construir o sentimento de acolhimento. Nesse processo, disponibilize tempo para a exploração do espaço e para conhecerem, pouco a pouco, também, uns aos outros.

É importante lembrar que o estudante, que tem na memória os bons momentos vivenciados na Educação Infantil, traz uma bagagem de conhecimento construída por meio do aprendizado nas brincadeiras, nas investigações e nos momentos lúdicos, como desenho e construção de narrativas que explicam como percebe seu entorno e o que os impulsos de sua curiosidade nata o levam a descobrir.

UM ESTUDANTE PROTAGONISTA

Ser professor dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental propicia conviver com um estudante curioso e investigativo por natureza. Nas crianças, a curiosidade se desenvolve como uma pulsão espontânea, que embasa suas primeiras descobertas. Para o psicólogo, educador e economista George Loewenstein (1994, p. 75), a curiosidade tem sido compreendida como uma força que impulsiona o desenvolvimento infantil, sendo igualmente um dos mais importantes estímulos para que as pessoas busquem altos níveis de educação e realizem descobertas científicas ou produções artísticas.

As educadoras Angela Rizzi e Joyce Rosset (Rosset; Webster; Rizzi, 2016, p. [1]) complementam essa ideia ao citar a pedagoga Gisela Wajskop, que destaca o valor da curiosidade, do ato de perguntar:

> Por meio do temperamento curioso, a criança interessada se aproxima dos elementos da natureza e da cultura para aprender os conhecimentos acumulados pela humanidade. Pela mediação do professor, as crianças vão desenvolvendo competências para fazer perguntas de maneira a aprofundar seus saberes, comparando-os, registrando, comunicando, avaliando e desenvolvendo o pensamento científico e criativo.

As autoras pontuam que a curiosidade tem um fluxo que traz a experiência na aprendizagem e, para evidenciar essa perspectiva, identificam um movimento constante e com aprofundamento em espiral, como mostra o esquema a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Esquema sobre o ciclo de aprendizagem.

ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. Ciclo da curiosidade e da aprendizagem... na prática! *Tempo de Creche*, [São Paulo], 29 jan. 2017. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-pofessor-e-rotina/ciclo-da-curiosidade-e-da-aprendizagem-na-pratica-2/. Acesso em: 4 maio 2025.

Essa expressão da curiosidade leva o estudante a vivenciar as ações do verbo cognitivo mais presente na BNCC de Arte: **experimentar**, que integra o direito do estudante de interagir, expressar e aprender. Se olharmos para a experiência como um momento de ludicidade, a aprendizagem será ainda maior. A criança, desde os primeiros anos de vida, utiliza as linguagens visual, gestual e oral ao se expressar. Propor uma diversidade de experiências nessas linguagens é dar subsídio ao seu desenvolvimento.

A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE

A imaginação é uma ferramenta de aprendizagem e experimentação. Com ela, o estudante move-se em seu processo de criação, muitas vezes, impulsionado por aquilo que observa em seu mundo. Desde a infância, ao perceber algo novo no cotidiano, ele vislumbra possibilidades únicas e sente a necessidade de se conectar com a emoção imaginativa. A vivência da imaginação se concretiza por meio de brincadeiras, de histórias trazidas pela diversidade cultural, das experiências com a arte e com a natureza e é fundamental para o desenvolvimento de uma postura ativa e protagonista.

Para o renomado psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934), em *Imaginação e criação* na infância (Vygotsky, 2019), não existe ato criador (fazer existir) sem a imaginação. A realidade na qual estamos inseridos é fruto da imaginação humana e da criação baseada nessa imaginação. A atividade criadora, para ele, não se revela apenas nas grandes invenções e na genialidade, mas também em toda atividade humana movida pela imaginação.

A imaginação, no entanto, somente existe em um ambiente de liberdade e, neste ponto, o incentivo à expressividade do indivíduo, seja emocional, verbal, corpórea, é uma metodologia que segue técnicas para ser efetiva. É fundamental, portanto, a realização de atividades didáticas que estimulem os estudantes a se expressarem criativamente sobre assuntos diversos por meio de sua imaginação ou observação, gerando momentos de protagonismo. Ou seja, fomentar um processo de aprendizagem que passa pela fala, escuta, narração, reflexão, imaginação e argumentação. Essas ações dão continuidade ao protagonismo intuitivo da criança da Educação Infantil e ampliam o desenvolvimento com propostas de investigação diversificadas.

UM TEMPO PARA A ESCUTA

Outro sólido aprendizado que o estudante traz da Educação Infantil é o da dinâmica das conversas em roda. Se bem trabalhado, esse recurso contribuirá para as primeiras oportunidades de se expressar em grupo e de aprender a respeitar o momento de fala de cada colega. Entre essas significativas vivências, destacamos o relevante papel de usar a fala como recurso para expressar sentimentos, vontades, opiniões, interesses, narrar acontecimentos etc. O estudante precisa apenas de espaço e tempo para formar suas narrativas, dentro de sua lógica. A ação de ouvir o outro, então, vem como complemento dessa expressividade criadora.

Com relação à escuta do professor, ela necessita ser atenta, porque cada estudante é um indivíduo singular e, muitas vezes, não tem a mesma percepção do colega; não existe um único sentido no que foi experimentado. Na fruição de uma ação, cada estudante articula uma construção de sentidos única, que pode gerar novas percepções somadas às percepções anteriores, as intuitivas. Muitas vezes essa diferença é sutil, mas muito significativa nos anos iniciais, por expressar o desenvolvimento de uma maneira de sentir e experimentar o que foi proposto.

Assim, trabalhar a escuta significa exercer a disponibilidade, a observação e a sensibilidade para perceber formas de comunicação do estudante, seja oral, escrita, visual, corporal ou outras formas não verbais. É importante reconhecer que cada estudante se expressa considerando suas próprias vivências, portanto, essa comunicação pode acontecer de diferentes maneiras. A oralidade, em suas diversas manifestações, é um bem cultural que caracteriza o pensamento e auxilia na sua organização. Nessa perspectiva, a oralidade tem um papel estruturante nas práticas sociais e educativas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

REPERTÓRIO: A BASE DA FORMAÇÃO

Em que consiste um repertório? Como ele se constrói?

Podemos falar de repertório como o conjunto de peças (teatrais, musicais, coreográficas etc.) que um grupo artístico ensaia e prepara para executar ou a bagagem cultural que cada ser humano constrói ao longo da vida.

O repertório cultural pessoal inicia-se com os conhecimentos adquiridos no âmbito familiar: são os hábitos e costumes, transmitidos e potencializados de geração a geração, que formam uma rede de saberes ligando as pessoas a seus pais, avós e demais ancestrais. Muitos desses saberes fazem conexão com os de outras famílias e tornam-se vivências na comunidade.

A educadora Cibele Racy destaca que:

> **Compreendemos hoje que a escola não pode ser um território apartado de seu contexto histórico e social e, dessa forma, não poderia estar distante das mais diversas formas de expressão cultural, sendo por si só uma delas. Não se trata apenas de reproduzi-las no contexto escolar, mas inseri-las como objeto de estudo e trabalho no currículo da unidade.**
>
> (Racy; Almeida; Landau, 2017, p. [1])

O repertório do estudante é formado pela soma da formação cultural familiar e pelo meio que ele vivencia em seu cotidiano, a sua comunidade. Dar oportunidade aos estudantes de conhecer os conteúdos da arte potencializa e amplia a possibilidade de percepção das múltiplas maneiras de expressão.

AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E O HIBRIDISMO EM ARTE

Existem muitas formas de manifestações culturais. Ao participar de uma manifestação popular, como um folguedo, uma dança de roda, um cortejo, por exemplo, o estudante convive com elementos da música, da dança, das artes visuais e do teatro. Cada um desses elementos representa uma parte do todo, complementando-se entre si. Em tal situação, a expressividade decorrente da manifestação não incentiva a busca por diferenciar o quanto cada uma das linguagens da arte contribuiu para aquela realização. Dessa forma, uma atividade híbrida em artes foi vivenciada.

A definição no dicionário Houaiss do termo **híbrido** traz, na acepção da formação de vocábulos, "palavra formada por elementos tomados de línguas diferentes". O hibridismo na arte extrapola fronteiras, propõe a inter-relação entre as linguagens artísticas, principalmente na arte contemporânea. Ressaltamos que a BNCC acompanha essas proposições ao trazer como objeto de conhecimento do componente curricular Arte a **materialidade**,

em substituição ao termo **material**, o qual reportava apenas a elementos e suportes tradicionais em arte. Assim, o conceito amplia-se para uma gama maior de possibilidades nas obras presenciais e digitais. Nesse sentido, a tecnologia se faz presente viabilizando de forma mais intensa uma maneira híbrida do fazer artístico, em diferentes meios expressivos.

AS TRÊS CULTURAS: A BASE CULTURAL BRASILEIRA

A diversidade cultural brasileira se mescla com a história da formação brasileira, mas por um caminho particular. Essa mescla é reforçada com a chegada dos europeus e africanos em nosso território, já habitado por indígenas, mas precisa ser olhada da perspectiva dos dias atuais, com o que herdamos e como herdamos no desenrolar da história.

Os africanos, ao serem forçados a vir para o Brasil, trouxeram consigo crenças religiosas e os costumes desenvolvidos em seus países de origem. O mesmo ocorreu com os europeus, que trouxeram diversos aspectos de suas culturas. Ambos trouxeram em sua bagagem a cultura "erudita" de seus países. Os povos indígenas, por sua vez, expressam em suas ações cotidianas suas crenças, saberes e costumes. Nenhuma dessas culturas pode ser reduzida apenas à dimensão histórica, ou seja, algo que pertence ao passado. Ao contrário, todas seguem vivas e em constante diálogo com o mundo contemporâneo e devem ser valorizadas de forma igualitária por sua contribuição à formação da cultura brasileira.

O pesquisador e dançarino Antônio Nóbrega, em participação [illegible] da TV Cultura, em 2012, defendeu a necessidade de perceber e valorizar as reais contribuições culturais nas manifestações culturais populares e esclareceu pontos da formação da nossa história cultural:

> O Brasil, durante mais de quatro séculos, gestou uma determinada cultura à deriva da cultura dominante, cujos contributos para a formação dessa cultura foram heranças culturais africanas, diversíssimas, heranças culturais índias, presentes aqui, e heranças ibéricas populares. [...] Dois terços desse universo cultural foram transplantados para cá. Em nenhum desses universos havia o que se chama de cultura popular. A cultura dos negros que vieram para cá, não era cultura popular. Era a cultura deles, as festas rituais, as festas religiosas. Os índios também não têm a cultura popular, eles têm a cultura deles. No entanto, quando começou a haver a miscigenação cultural de todas elas, isso ficou à deriva de uma outra cultura de extração europeia, que era a cultura dominante. [...] Criou-se ritmos, criou-se uma música maravilhosa, danças maravilhosas [que] não é folclore. [...] Uma cultura viva. [...] Há uma dinâmica contínua dentro dessa cultura. E tudo que o Brasil construiu de mais importante, de maior representatividade, mesmo fora dele, tem uma ligação com essa cultura. O que seria a obra de Villa Lobos [músico, compositor] se não fosse esse universo cultural? O que seria de Guimarães Rosa [escritor]? As expressões da música brasileira como choro, como samba, como frevo? A gente tem de olhar para essa cultura com um olhar muito diferente.
>
> NÓBREGA, A. Entrevista cedida a Antônio Abujamra. PROVOCAÇÕES 497 com Antônio Nóbrega – Bloco 01. São Paulo: TV Cultura, [2012]. 1 vídeo (10 min). Disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/7018_provocacoes-497-com-antonio-nobrega-bloco-01.html. Acesso em: 14 maio 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

AS LINGUAGENS DA ARTE E OS ANOS INICIAIS

Nesta coleção, as quatro linguagens artísticas são trabalhadas em constante diálogo entre si e trazem conteúdos que, entrelaçados nas diversas unidades, constroem caminhos possíveis para o desenvolvimento integral do estudante. Dentro de cada especificidade, porém, são trabalhadas as questões pertinentes de cada linguagem, com seus códigos e conteúdos.

ARTES VISUAIS E AUDIOVISUAIS

Ao longo da coleção, os estudantes são convidados a experimentar procedimentos e processos por meio das materialidades das artes visuais. O contato com diversas obras também propõe reflexões e amplia o repertório dos estudantes, que experimentam seus próprios processos de criação. A liberdade da experimentação e o aprendizado pela experiência são os principais instrumentos de aproximação da arte da vida do estudante e, em vários momentos, são oferecidas propostas de exploração das artes visuais que reforçam essa metodologia. Ao longo do processo e por meio do repertório de temas e obras apresentadas, os estudantes são convidados a refletir sobre valores essenciais como convivência, diversidade, identidades, entre outros, sempre pela perspectiva da percepção, da escuta, da reflexão e do respeito às diferenças.

DANÇA

A dança na escola aborda o corpo e o movimento de forma lúdica. As atividades propostas ampliam a consciência corporal e as noções de tempo e espaço, fornecendo as bases para o entendimento dos elementos da linguagem da dança tanto por vias cognitivas quanto físicas e emocionais. A criança é estimulada a construir referenciais significativos de percepção interna e externa pela própria experiência. Por isso, não propomos o desenvolvimento de habilidades dentro de um estilo específico de dança, mas a vivência, leitura e sensibilização do movimento como algo inerente à vida.

MÚSICA

Música é uma das linguagens expressivas do ser humano, que utiliza sons e silêncios para se expressar e comunicar, e deve fazer parte da educação das crianças ao longo da vida escolar. Por meio de propostas de apreciação, criação e improvisação, os estudantes irão explorar a produção e as qualidades dos sons e entrarão em contato com elementos da linguagem musical, para desenvolvimento pessoal como indivíduos inseridos em uma rica tradição cultural, bem como para sensibilizá-los para o fenômeno sonoro, desenvolvendo a escuta ativa e criando oportunidades para que se expressem por meio dos sons.

TEATRO

Em toda a coleção, o teatro é trabalhado com ênfase em seu aspecto coletivo e de encontro com o outro, o que possibilita inúmeras descobertas do estudante sobre si mesmo, sobre as diferenças e semelhanças em relação aos demais e sobre a compreensão das relações. Essas descobertas tornam-se recursos para o desenvolvimento pessoal e, de modo semelhante, para que a compreensão do outro se transfigure na busca por uma evolução humana. Por meio de jogos de improvisação, criação de histórias, cenas e construção de personagens, os estudantes são estimulados a desenvolver a imaginação e criação, o pensamento crítico e reflexivo, a consciência corporal, concentração, a cooperação e a empatia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO

O estudante, desde sua infância, ao ter oportunidade de se aproximar de uma obra de arte, principalmente de arte contemporânea, o faz "despido" de racionalização. Ele se aproxima de uma brincadeira, de um elemento da natureza de uma pessoa. Essa liberdade vem de sentir, sem racionalizar, o que está experimentando naquele momento e da capacidade de, na sequência, expressar o que experimentou. Esse é o percurso do estudante em seu processo de criação.

O estudante dos primeiros anos narra o vivenciado pela experiência, sem preocupação com categorizações em sua fala, de modo diferente do adulto, que busca compreender o que viveu para organizar seu relato.

O professor e crítico de arte Fernando Cocchiarale (2006, p. 10) diz que algo problemático na apreciação artística é que as "[...] pessoas adultas usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra".

Os livros desta coleção propõem práticas visuais, sonoras, gestuais, cênicas e escritas que levam os estudantes a sentirem e experimentarem, de modo que possam se expressar e progredir no aprendizado pelas várias experiências realizadas. As propostas consistem em propiciar uma criação e, em seguida, apreciar o caminho percorrido, mas não explicar ou julgar seu processo. O estudante não precisa explicar o resultado de seu trabalho, assim como posiciona Cocchiarale (2006, p. 10): "O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas".

O mesmo procedimento acontece com o estudante em suas expressões.

Para concluir, vale lembrar que esta coleção oferece aos estudantes a possibilidade de estudar arte de modo que não fiquem restritos apenas a conteúdos específicos, mas impulsiona a criança a desenvolver sua capacidade de encontrar caminhos expressivos, arriscar, experimentar, buscar a própria voz. A coleção envolve também o desenvolvimento de questões subjetivas, criativas e expressivas.

A experimentação ocorre quando o estudante explora a linguagem artística por meio de investigações e pesquisas, da ação de fazer e refazer, aprecia o realizado e reflete sobre ele para, então, reiniciar o processo.

Tem-se, desse modo, um processo de experimentação contínuo!

Esse processo leva o professor a mediar os novos conhecimentos por meio dessas experiências e dos saberes que o estudante já tem de suas vivências na Educação Infantil.

ESTA COLEÇÃO E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO BÁSICO

Diferentemente da maioria dos componentes curriculares de outras disciplinas, a BNCC específica de Arte não traz uma divisão anual de conteúdos; assim, cada comunidade escolar define a própria progressão.

Essa abertura para o trabalho possibilitou aos autores proporem uma coleção fundamentada em três eixos significativos, conforme apresentado adiante, e uma reflexão sobre a melhor forma de organização dos planejamentos de cada ano, seguindo a proposta curricular de cada estado do país. Veja a seguir.

EIXOS DIDÁTICOS



Acervo da editora

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CONTEÚDO PROCEDIMENTAL E ATITUDINAL

Para o Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental, a coleção é composta de dois livros, um para o 1º ano e outro para o 2º ano escolar. As atividades práticas propostas nesta coleção buscam propiciar ao estudante oportunidades de se conhecer, de conhecer as pessoas e os objetos ao seu redor, além de estimular a análise e a valorização das especificidades de sua comunidade, de sua região, e das manifestações populares brasileiras. Ao mesmo tempo, promovem uma interação crítica com as transformações impulsionadas pela tecnologia.

Esta coleção trabalha correlacionando os conteúdos **atitudinal**, **procedimental** e **conceitual**, procurando apoiar o estudante na construção de sua autonomia e na formação de seu conhecimento.

Sendo, em Arte, os dois primeiros anos a continuidade da criatividade desenvolvida nos aprendizados na Educação Infantil, esta coleção dá atenção, nos pressupostos teórico-pedagógicos, a essa passagem, fazendo dela um ritual mais cuidadoso com o estudante.

Nos dois primeiros anos do Ciclo Básico de escolarização, o ensino de Arte deve considerar as abordagens pedagógicas desenvolvidas na etapa da Educação Infantil. Por isso, esta coleção propõe uma exploração que articula retomadas e avanços graduais, fundamentada nos pressupostos teórico-pedagógicos tanto da fase anterior quanto da atual. Essa proposta visa garantir ao estudante uma trajetória escolar atenta às suas necessidades, ao mesmo tempo que é cuidadosa e evolutiva.

Atitudinal

O conteúdo situacional apresentado como recurso pedagógico leva em consideração o contexto em que o estudante está inserido, bem como o potencial de aprendizagem relacionado às especificidades da comunidade onde está inserida a escola. A diversidade cultural brasileira, aliada às características dos diferentes biomas e territórios, contribui para enriquecer os processos de criação de cada estudante, permitindo que suas produções reflitam sua vivência e identidade. Essa contextualização pode ser ampliada por meio da convivência com o sistema de arte local e da presença de artistas da própria comunidade.

Ao aproximar a aprendizagem do cotidiano do estudante, a experiência torna-se mais significativa.

Nesta coleção, as atividades práticas possibilitam ao professor uma compreensão da proposta pedagógica, estimulando sua adaptação ao contexto escolar e comunitário específico em que atua, reconhecendo e respeitando as particularidades de cada realidade.

Procedimental

O conteúdo procedimental refere-se ao desenvolvimento de habilidades durante o processo educativo que envolve ação, prática e experimentação. No ensino de Arte, no trabalho com o processo criativo, isso se concretiza em atividades que envolvem o fazer artístico. As pesquisadoras e arte-educadoras Miriam Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Terezinha T. Guerra, no livro *Teoria e prática do ensino da arte*, expressam:

> Todo fazedor de arte se forma trabalhando em processos de criação, com as informações, deformações e formações que os atos de criação propõem

durante a procura incansável de uma poética pessoal de tal forma que, enquanto a obra se faz, se inventa o seu próprio modo de fazer (Martins; Picosque; Guerra, 2009, p. 192).

Propiciar vários experimentos, isto é, práticas nos processos de criação, possibilita ao estudante, a cada fazer e refazer, caminhar na descoberta do processo de criação autoral. A diversidade de suportes – indo além dos formais –, o uso de materiais inusitados e a valorização do processo como descobertas ampliam as possibilidades e o desenvolvimento da singularidade.

Esta coleção busca apoiar o estudante em inúmeros fazeres e refazeres, experimentando diferentes possibilidades técnicas.

Conceitual

A abordagem conceitual refere-se aos múltiplos conhecimentos teóricos que possibilitam a compreensão de como compositores, artistas, coreógrafos e dramaturgos chegaram à realização de obras, do contexto em que foram criadas e das contribuições que possibilitam a reflexão e a criação. Esse conhecimento não está presente apenas nos relatos da história da arte, principalmente se olhados de forma recortada e estagnada apenas a alguns conceitos, transformando a teoria em absoluta, mas na observação dos processos de criação e das soluções encontradas, ampliando o repertório do estudante.

Uma ação que contribui de forma significativa é estimular o estudante a observar e refletir criticamente. Por meio de perguntas, informações contextuais, análises atentas e diálogos, é oferecida à criança a possibilidade de ampliar sua capacidade de observação, além de fomentar estratégias de interpretação, articulação de ideias e, consequentemente, de motivar o senso crítico dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

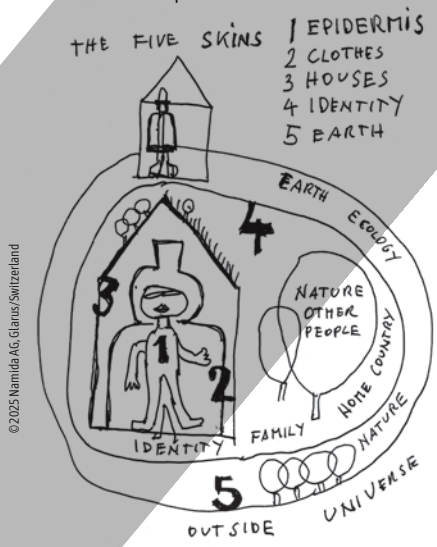
A pesquisadora Cecília Almeida Salles, em *Gesto inacabado*, complementa esta colocação ao dizer:

> O percurso de criação mostra-se um emaranhado de ações que, em um olhar ao longo do tempo, deixam transparecer repetições significativas. É a partir dessas aparentes redundâncias que se pode estabelecer generalizações sobre o fazer criativo, a caminho de uma teorização. Não seriam modelos rígidos e fixos que, normalmente, mais funcionam como fôrmas teóricas que rejeitam aquilo que nelas não cabem. São, na verdade, instrumentos que permitem a ativação da complexidade do processo. Não guardam verdades absolutas, pretende, porém, ampliar as possibilidades de discussões sobre o processo criativo (Salles, 2011, p. 21).

AS "CINCO PELES" E AS LINGUAGENS DA ARTE

Com esse cenário de possibilidades do ensino da arte e tendo em perspectiva o perfil geral dos estudantes dos anos iniciais, sedentos por descobertas, convidamos você para observar o desenho a seguir.

É um desenho livre, mas traz muitas informações e conteúdos intrínsecos em cada camada, que o autor chamou de "pele".



F. Hundertwasser. *Men's Five Skins*, 1997. Tinta sobre papel, 29,6 cm × 21 cm. Tradução: *As cinco peles*. 1. Epiderme. 2. Roupa. 3. Casa. 4. Identidade. 5. Terra. No círculo interno: identidade, família, país de origem. No balão, dentro da ilustração: natureza, outras pessoas. No círculo externo: natureza, terra, ecologia. Fora do círculo: universo exterior.

A obra *As cinco peles do ser humano* (*Men's Five Skins*, 1997)[1], do artista austríaco Friedensreich Hundertwasser, também arquiteto e naturalista, provoca várias percepções. Quais são as suas?

Você já pensou que todos fazemos parte do Universo e somos coletivamente responsáveis por ele? Já pensou que, para se sentir pertencente a este Universo, você precisa primeiro se conhecer?

Hundertwasser traz esses questionamentos por meio de um desenho. Essa é uma obra que nos faz pensar em como somos constituídos. O que tem significado quando olhamos o entorno e pensamos: Com o que contribuímos? De que forma contribuímos? Quem somos? Como somos? Como queremos construir a convivência com o outro? Como e onde vivemos?

1 A tradução literal do nome da obra é *As cinco peles do homem*. Consideramos, porém, que, apesar de a palavra homem como sinônimo de "ser humano" ser amplamente utilizada desde os tempos mais antigos, atualmente faz-se necessário o uso de palavras e expressões que abarquem toda a diversidade humana.

O estudante dos anos iniciais vivencia espontaneamente a busca dessas respostas, mesmo sem o domínio de uma reflexão aprofundada, que ele só vai encontrar nas experiências e vivências que lhe forem propiciadas. Essa é a fase de o estudante se perceber e perceber o seu entorno.

Ao propor a obra *As cinco peles do ser humano* (a partir daqui referida apenas como *As cinco peles*) como imagem impulsionadora para os anos iniciais, a coleção traça uma linha na progressão do conhecimento. Essa progressão torna-se, assim, acessível a todos os professores do ciclo, o que possibilita a percepção e o alinhamento dos caminhos já percorridos e dos que ainda serão trilhados pelos estudantes em suas descobertas em relação à sua identidade e ao meio em que vivem. Voltando ao desenho, convidamos você a observá-lo mais cuidadosamente, com um olhar investigador. Observe sua forma e cada detalhe.

O artista expressa nesse desenho a relação da pessoa com o Universo que a cerca e mostra uma maneira de se perceber, sua identidade, a relação que estabelece com os que a cercam e com o ambiente próximo e mais longínquo. Ao colocar o "eu" no centro da imagem, propõe a todos os observadores olharem seu papel no Universo.

Hundertwasser começa a desenhar pela epiderme, trazendo o "eu" como centro, expresso pelo **corpo**.

O CORPO FALA!

No trabalho desenvolvido nos livros do 1º e 2º ano, o estudante é conduzido a fazer explorações e descobertas que o levam dos movimentos da dança à sonorização, [illegible] visuais em diferentes suportes, e sente a expressividade cênica nas expressões faciais e corporais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os estudantes desse ciclo de aprendizagem expressam livremente suas percepções e conhecimentos, que incluem a imaterialidade cultural à qual cada família/comunidade pertence. As diferentes formas de expressar ideias, narrativas e experiências vivenciadas ajudam a compreender as dimensões de cada estudante e planejar propostas que abarquem a totalidade física, cognitiva e cultural da turma. Esses dois livros abordam temas e práticas para o estudante e o que ele pode extrair da diversidade em seu entorno, o que é explicitado nas propostas das quatro unidades de cada volume.

As linguagens da Arte possibilitam a qualquer ser humano viver com intensidade todas as formas de manifestações estéticas, comunicativas e emocionais, expressando o que lhe é significativo em cada momento. Independentemente do que se deseja transmitir, isso ocorre pelo principal elemento de comunicação, percepção e vivências: o corpo, ou seja, **a primeira pele**.

Esse é o tema central trabalhado no 1º ano e que se amplia no 2º ano, quando o estudante percebe o **outro**.

EU, O OUTRO, O MEU ENTORNO

A **segunda pele** seria a roupa do artista: a primeira expressão externa desse "eu". A roupa, mesmo sendo um elemento material, carrega a cultura imaterial de cada família e revela traços dos nossos gostos, das nossas crenças e tradições. Para compreendermos esta colocação, a roupa, mesmo sendo um elemento material, também revela a cultura imaterial de cada família. Essa coleção busca trazer o outro, em propostas relacionadas à família, aos colegas, como em diversas atividades e aos amigos.

E mais, como relata Vanessa Mazzocchi Koppe:

> [...] a roupa não mais se limita a esconder, mas, sim, revela a subjetividade do ser humano para o universo exterior, ao mesmo tempo [...] que favorece a interiorização do sujeito que dela faz uso. Ela tem uma função política, social, sociológica ao apresentar a identidade individual ao mundo externo (Koppe, 2019, p. 22).

Se percebermos o vestuário como algo que permite mostrar e ao mesmo tempo proteger, entendemos que o núcleo que acolhe e protege a criança é similar a uma roupa, e assim encontramos a família, os professores, os amigos – nessa "segunda pele" social da criança, as primeiras percepções da **diversidade**. E a diversidade é uma porta de entrada para a percepção de que somos um dentro de um todo e nossa trajetória constrói nosso repertório cultural imaterial (ligado à formação familiar e comunitária) e uma diversidade de relações com as quais convivemos.

AS OUTRAS PELES

A **terceira pele** trata de um olhar para o lugar onde vivemos, o lugar próximo, que é parte do cotidiano. Essa pele aborda as territorialidades presentes, formadas pela diversidade cultural, que faz parte de todas as comunidades, e estimula, ao mesmo tempo, a identificação das singularidades da região, fruto da formação cultural e histórica, o espaço como contexto socio-geográfico mais próximo do

estudante. É o lugar onde ele faz suas primeiras descobertas e investigações relacionadas ao urbano e à natureza e identifica a localização das edificações significativas, como a escola e sua casa, além das características do percurso percorrido todos os dias.

A **quarta pele** representa as relações mais amplas. A coleção propõe um olhar para a cultura do país. A diversidade cultural brasileira é resultado de sua formação inicial e de todas as demais contribuições que recebeu dos imigrantes ao longo da história – voluntários e forçados – e da característica da formação geográfica em sua extensão.

A **quinta pele** proposta pelo artista abarca o planeta em que vivemos. A proposta dessas camadas que compõem cada pessoa é mostrar que cada um é guardião de tudo que compõe nosso Universo: as pessoas, os animais e todos os demais seres vivos constituintes da natureza.

A forma concêntrica do desenho *As cinco peles* traz o "eu" de cada habitante do planeta como centro da responsabilidade por todas as camadas de seu entorno. Ela reforça que cada pele se soma à anterior e à posterior, o que, em nossa perspectiva didática, torna-se uma referência ao modo como a sucessão das experiências constrói o desenvolvimento do estudante.

III. CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR

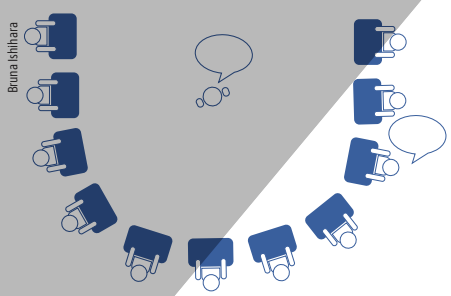
Como funciona, na prática, ser um articulador de redes e conhecimentos? De que modo podemos trabalhar conhecimentos novos, relacioná-los com os saberes trazidos pela história de cada um e construir com os jovens segundo essa perspectiva? O professor mediador pode transformar o processo de construção e aprendizagem. Mediar a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades práticas, cognitivas e socioemocionais, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho são demandas presentes em muitas ações desenvolvidas no cotidiano escolar. A forma como a turma e o espaço da sala de aula são organizados, por exemplo, constitui um fator determinante no processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando se valoriza a inclusão, a diversidade e a adoção de metodologias ativas. Nesse sentido, você pode propor romper com a configuração habitual da sala de aula, favorecendo a comunicação e o relacionamento interpessoal entre os estudantes e o próprio professor.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

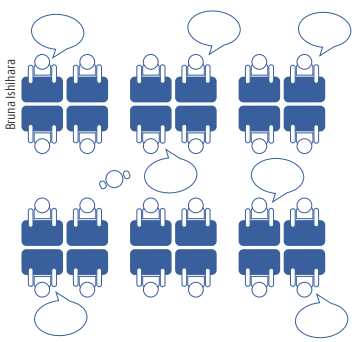
DIFERENTES FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DAS TURMAS

A disposição dos estudantes pode reforçar práticas de exclusão, daí a necessidade de adequar o espaço aos diferentes perfis de estudantes e aos objetivos das atividades propostas.

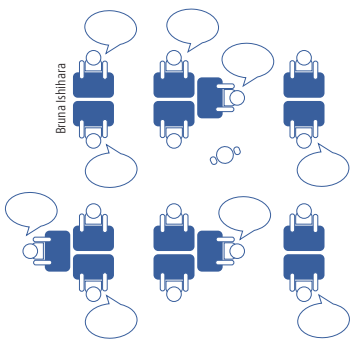
Uma disposição em duplas, trios ou em pequenos grupos, por exemplo, favorece a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento de habilidades sociais. A disposição em "U" ou em semicírculos estimula o debate e a participação ativa, pois todos podem ver uns aos outros. As configurações em "U", semicírculos ou grupos pequenos promovem interações que favorecem a escuta, o diálogo e o trabalho em equipe, pilares das metodologias ativas. A formação em fileiras pode ser mais eficiente para manter o foco na explicação. É importante que você, professor, seja flexível e adapte a organização, buscando sempre um ambiente confortável e produtivo.



Formação em "U" ou semicírculo.



Formação em pequenos grupos.



Formação em duplas ou trios.

IV. A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

Muitos são os documentos que embasam e norteiam a Política de Educação Inclusiva no Brasil. Entre eles, destacam-se a Constituição da República Federativa Brasil de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146/2015 e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

É necessário, antes de tudo, que se reconheça o direito de todos os estudantes à aprendizagem e ao pleno desenvolvimento de seu potencial. Também é fundamental que você se debruce sobre o estudo da inclusão escolar, para que possa planejar e realizar o trabalho didático-pedagógico em uma perspectiva inclusiva.

A coleção propõe abordagens que valorizam a singularidade e, com isso, a diversidade como potência criativa. É possível, entre as linguagens da Arte, perceber possibilidades. Nas artes visuais, por exemplo, há o destaque ao contato tátil na manipulação de materiais, nas obras tridimensionais, mesmo em estudantes com deficiência visual ou motora. No teatro, os jogos dramáticos e a improvisação podem ser trabalhados com os estudantes que possuem deficiência intelectual, autismo ou deficiências de linguagem por meio de expressões corporal, gestual ou visual. A dança permite ao estudante trabalhar o seu corpo como instrumento de expressão. Por meio de movimentos espontâneos, o estudante [illegible] repertório, percebendo a singularidade de seu corpo dentro de sua deficiência. O estudante em cadeira de rodas ou com deficiência motora pode se expressar com braços, expressões faciais, respiração, oralidade, interagindo com os colegas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A inclusão escolar refere-se à garantia de participação ativa, pertencimento e aprendizagem significativa para todos os estudantes, independentemente de suas características, condições ou necessidades (Mantoan, 2003).

Nessa perspectiva, o professor deve oferecer aos estudantes condições equitativas de aprendizagem por meio da realização de adaptações e flexibilizações curriculares e da utilização de estratégias pedagógicas inclusivas.

A adaptação curricular compreende um conjunto de práticas e estratégias pedagógicas voltadas a garantir o acesso de todos os estudantes ao currículo, mediante ajustes e modificações que considerem suas particularidades.

A seguir, alguns exemplos de adaptação.

- Nas atividades: apresentação de textos mais curtos, uso de imagens, materiais concretos, jogos, vídeos, tecnologias digitais e assistivas.
- Nas avaliações: uso de portfólios, autoavaliações, apresentações orais, dramatizações e registros por diferentes meios que não apenas o escrito. No caso de provas escritas, deve-se usar fontes não serifadas, em tamanho maior que o habitual; reduzir a quantidade de questões, mantendo o foco nas habilidades essenciais; usar comandos claros e objetivos; conceder tempo adicional para a realização da prova; possibilitar que a prova seja realizada em sala separada; oferecer apoio de um profissional para leitura de textos e consignas (ledor) e/ou transcrição de respostas (escriba).

Estratégias pedagógicas inclusivas consistem em ações intencionais que adaptam o ambiente, os métodos e os recursos educativos, a fim de garantir que todos os estudantes possam participar das atividades propostas e aprender juntos (Sassaki, 2006).

A seguir, algumas sugestões:

- atividades em duplas e em pequenos grupos, a fim de estimular a interação, o diálogo e a colaboração entre os estudantes;
- jogos e atividades lúdicas que favoreçam o engajamento dos estudantes e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, com as adaptações necessárias para torná-los acessíveis aos estudantes com diferentes tipos de deficiência;
- linguagens e recursos variados, como música, dança, desenho, pintura, escultura, teatro, vídeos, mapas mentais, entre outros, para estimular o desenvolvimento de diferentes habilidades e formas de expressão;
- rodas de conversa, a fim de estimular a interação, o diálogo, a expressão de pensamentos e sentimentos, valorizar as experiências dos estudantes e promover o senso de pertencimento.

V. AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO: REVISITAR O QUE FOI EXPERIMENTADO

Os processos avaliativos fazem parte da vida pedagógica do professor e não podem ser compreendidos apenas como resultado de um produto finalizado, principalmente em Arte, em que é importante assegurarmos ao estudante que ele pode criar seus próprios processos sem avaliação que defina certo ou errado ou bonito ou feio.

Se não avaliamos o resultado, o que avaliamos em Arte? Avaliamos percursos investigativos trilhados. Experiências realizadas para chegar a experimentações significativas. O fazer e refazer, o investigar e pesquisar, o experimentar diferentes materialidades e diferentes processos de criação, de forma similar ao processo de realização de artistas visuais, atores, dançarinos e músicos que experimentam muitas vezes a mesma atividade para encontrar uma forma singular de executá-la.

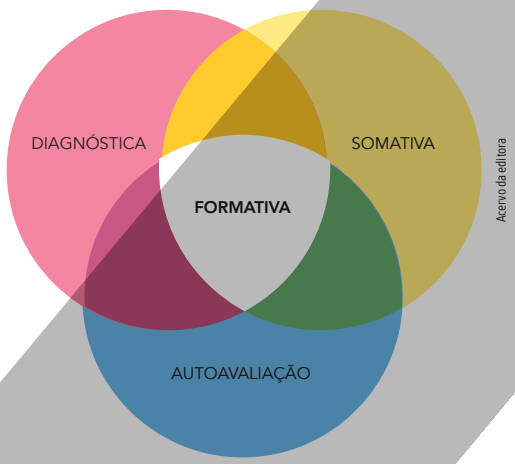
Ao consultar o significado da palavra **percurso**, vemos que, entre vários sentidos, ela indica a trajetória percorrida por um corpo em movimento. Ao transportar essa perspectiva para o estudo de Arte, esse corpo em movimento é o do estudante em seu processo criativo, com os elementos e as materialidades [illegible] próprio contexto, e o movimento do professor, observando por vários lados e reunindo diferentes "informações" entre a diversidade dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Não estamos falando, portanto, de uma investigação avaliativa, classificatória e comparativa entre os estudantes, uma vez que cada um tem origem e trajetória distintas, além de características individuais e maneiras singulares de se expressar. O importante é ter como ponto de partida o conhecimento prévio do estudante, que é um dos princípios básicos comprometidos com a aprendizagem ativa.

Em complemento, deve haver trabalho constante com a avaliação formativa, reforçando-se que essa proposta avaliativa é *para a aprendizagem*, e *não da aprendizagem*.

ABORDAGENS AVALIATIVAS



Acervo da editora

Esquema de abordagens avaliativas. A avaliação diagnóstica se soma à avaliação somativa e à autoavaliação para fazerem parte da avaliação formativa. Nessa perspectiva, não há o uso da avaliação para apontar mérito ou demérito, mas como recurso para organizar estratégias para a formação completa do estudante.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Em cada Livro do Estudante, há uma dupla de páginas logo na abertura das unidades que oferece a possibilidade de análise de imagens por meio de atividades propostas, cuja finalidade é que seja o início da prática de diagnosticar conhecimentos prévios. O objetivo é propiciar aos estudantes a oportunidade para expressarem seus aprendizados dos anos anteriores. Porém, mais do que propiciar a realização das atividades, é importante escutar o estudante, conversar sobre a prática desenvolvida, reservando tempo para que cada um se posicione sobre o que fez e o significado que teve para si.

Isso significa romper com a proposta de trabalhar conteúdos predeterminados. É preciso, ao contrário, construir e adequar os conteúdos e temas conforme os interesses e as necessidades. A escuta dos estudantes está diretamente associada à concepção de educação que valoriza o protagonismo deles, como solicita a BNCC, e relacionada à descoberta coletiva do grupo, expressa nos exercícios, nas investigações, nas produções e na criação do conhecimento.

Essa avaliação diagnóstica não deve ficar restrita ao começo do ano ou de uma unidade, mas ser contínua ao longo do ano, ao lado dos demais recursos avaliativos, de modo que você seja levado a refletir sobre o próprio fazer pedagógico, observando as conquistas e os avanços dos estudantes; e, para estes, constitui uma revisão do que foi realizado, consolidando o que foi aprendido.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

As avaliações formativas, também conhecidas como avaliações de processo, necessitam ser compreendidas não como um recorte isolado dentro de um conjunto de atividades, mas como um olhar amplo, capaz de perceber que uma ação tem um antes e um depois na mesma experimentação ou em mais de uma experimentação na construção de um percurso criativo.

É uma ação que leva à reflexão, à formação de pensamento próprio acerca de aspectos significativos da atividade desenvolvida. O estudante exerce, assim, o papel de coautor no desenvolvimento de sua aprendizagem, um dos principais focos da avaliação formativa.

As avaliações de processo ocorrem inúmeras vezes ao longo do ano letivo. Variá-las permite ao docente ter múltiplas percepções da aprendizagem do estudante e do desenvolvimento de suas competências. Outra possibilidade é proporcionar momentos de apresentação do trabalho realizado, estabelecendo um tempo para cada estudante apresentar e contar como foi seu processo investigativo. A soma das apresentações permitirá ao professor avaliar se os objetivos da proposta foram alcançados.

A devolutiva da avaliação em cada etapa tem o objetivo de direcionar o estudante em seu desenvolvimento e avaliar sua atuação ao experienciar os códigos das linguagens em seus trabalhos, sozinho ou em grupo.

AUTOAVALIAÇÃO

São múltiplas as possibilidades de avaliações ao longo do processo. A autoavaliação é um exemplo de avaliação formativa e pode partir de uma pergunta provocativa, acompanhada de "por quê", propiciando ao estudante ampliar sua reflexão e organizar seu pensamento, formar opinião e argumentar na resposta. A autoavaliação pode estar incluída na etapa diagnóstica, no processo ou no resultado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

AVALIAÇÃO SOMATIVA

No trabalho com o componente curricular de Arte, é necessário entender a avaliação somativa, também conhecida como avaliação de resultado, não como um instrumento para medir o que o estudante aprendeu com a prática, no sentido linear, mas o quanto ele percorreu, investigou, pesquisou e construiu em um processo criativo. O protagonismo do estudante está também relacionado com o quanto ele se propõe a fazer investigações criativas, de acordo com seu perfil.

A avaliação de resultados desta coleção consiste em propostas que partem dos objetivos de aprendizagem estabelecidos e das reflexões que você fizer sobre desempenho ao longo do ano, as quais necessitam ser consideradas como recursos para mapear o que foi significativo para os estudantes.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

O psicólogo Lev Vygotsky (2001), na obra *A construção do pensamento e da linguagem*, identificou que não é possível conceber o processo de aprendizagem humano sem vincular a história de vida de cada indivíduo, bem como o seu contexto social, histórico e cultural.

A perspectiva de Vygotsky destaca a importância de conhecer as ideias prévias dos estudantes como ponto de partida para a construção de novos conceitos em sala de aula. Dessa forma, adotar estratégias para identificar esses conhecimentos se torna essencial para o planejamento das aprendizagens.

A seguir, apresentamos algumas possibilidades para a Arte.

- Proposição de situações-problema que desafiem os estudantes a mobilizar seus conhecimentos para resolver a proposta.
- Observar como os estudantes constroem sentidos por meio da oralidade, de textos verbais e visuais; propondo situações para expressarem seus pensamentos, sentimentos e valores.
- Propor atividades de exploração e a manipulação de materiais das linguagens da arte, com o objetivo de observar como os estudantes os utilizam e se expressam por meio deles.
- Apresentar diferentes imagens, estáticas e em movimento, das diversas linguagens da arte, com o objetivo de observar a percepção, as interpretações e as reações dos estudantes. Organizar situações em grupo para observar a interação e as atitudes dos estudantes nesses momentos.
- Incentivar a criação de portifólios, registros no caderno de artista, seminários, saraus, debates orais, entre outras formas de expressão que permitam acompanhar as etapas do processo de aprendizagem e compreender as experiências, reflexões e escolhas dos estudantes.

VI. MATRIZ DE PLANEJAMENTO DE ROTINA E DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A Sequência Didática (SD) é uma ferramenta didático-pedagógica que apresenta um conjunto de atividades organizadas para que a aprendizagem aconteça de forma progressiva, com base em objetivos educacionais definidos pelo professor, de acordo com o planejamento pedagógico e currículo em cada unidade escolar.

Estruturar o planejamento pedagógico utilizando a SD por meio de uma matriz pré-estabelecida é uma maneira de otimizar o tempo docente, traçar um percurso para o acompanhamento das aprendizagens, identificar oportunidades para intervenção e efetivar as aprendizagens essenciais. Para o planejamento e elaboração de uma SD, é importante:

- delimitar as competências gerais, específicas, habilidades da disciplina e socioemocionais que serão foco na SD;
- esboçar os temas da SD e definir a quantidade de aulas necessária para desenvolvê-los.
- levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema e analisar o nível de desenvolvimento deles em relação às competências e habilidades em foco, como ponto de partida a fim de promover uma aprendizagem significativa;
- descrever os objetivos de aprendizagem considerando a progressão de complexidade apresentada na BNCC, priorizando um ou dois objetivos por aula;
- organizar e propor estratégias didáticas que favoreçam o desenvolvimento das habilidades e competências previstas. Se houver tempo, pesquise metodologias práticas e dialogue com docentes de outros componentes curriculares para estabelecer conexões e apoio mútuo no planejamento;
- planejar cada aula da SD com um passo a passo, incluindo tempo estimado, materiais, recursos necessários e momentos de avaliação, tanto formativa, ao longo do processo, quanto somativa, ao final;
- rever ou adequar o que for necessário, após o primeiro esboço completo da SD e após cada aula, incorporando retomadas com base nas avaliações realizadas, a fim de consolidar as aprendizagens esperadas.

Todas essas ações precisam ser registradas, organizadas e acompanhadas ao longo de cada ciclo do calendário escolar. Para apoiar esse processo, segue um **exemplo de matriz de SD:**

Componente curricular e ano: Arte – 1º ano
Número da SD: 1

Objetivos da SD: (numerados e contemplando habilidades e competências específicas e socioemocionais)

Número de aulas (tempo estimado):

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Aula	Objetivos	Passo a passo	Estratégia avaliativa	Materiais e recursos
1 D/M/A	1 e 4	• (10 min.) Verificar conhecimentos prévios usando cartas com perguntas: (elenca as perguntas) • (5 min.) Passar o vídeo... • (10 min.) Roda de conversa sobre o tema do filme. • (15 min.) Produção em grupo... • (5 min.) Fechamento da aula.	Observação da participação e engajamento	• Impressão das cartas. • Equipamentos para projeção audiovisual. • Folhas de papel sulfite.

Destacamos o trabalho da equipe escolar quando existe um documento estruturado para o registro da rotina diária e semanal do docente regente e sua turma. Trata-se da matriz de planejamento de rotina, na qual o docente organiza o fluxo das atividades de acordo com as demandas escolares e as necessidades dos estudantes, estabelecendo uma sequência que otimiza o tempo e, por isso, favorece a aprendizagem a cada dia e ao longo da semana.

Na matriz de planejamento de rotina não é necessário detalhar cada atividade, visto que essa é a função do planejamento da SD. A matriz de sugestão de rotina é um documento que pode ser atualizado continuamente e favorece o fluxo de informações entre o docente e a coordenação pedagógica, colaborando para o alinhamento institucional.

VII. ORGANIZAÇÃO DA COLEÇÃO

A PROPOSTA PEDAGÓGICA E A ESTRUTURA DA COLEÇÃO

SEÇÕES E BOXES DA COLEÇÃO

Acompanhe, a seguir, o descritivo das seções e boxes que compõem a coleção.

Seções temáticas

São partes especiais do livro com a função de aprofundar a matéria estudada e buscam oferecer assuntos interessantes que, muitas vezes, trabalham os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), a interdisciplinaridade ou, no caso das atividades, a sistematização do conteúdo abordado.

Abertura da unidade

A abertura de unidade propõe uma reflexão sobre temas contemporâneos, por meio da observação das imagens e da oralidade, oferecendo um momento inicial de compartilhamento de informações em que a arte se faz presente. Tem como função também colher os conhecimentos prévios dos estudantes, [illegible] recurso de avaliação diagnóstica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sentir e experimentar

Trata-se da seção que inicia a exploração do conteúdo que será trabalhado nas unidades de cada livro. A escolha das expressões "sentir" e "experimentar" tem profundo significado por serem estes os verbos norteadores da proposta pedagógica da coleção. Quando falamos em **sentir**, estamos nos referindo a dar visibilidade à sensação e à percepção sensível do estudante por meio dos sentidos. Quando falamos em **experimentar**, nos referimos ao sentido que o pedagogo espanhol Jorge Larrosa Bondía dá à palavra "experiência", reiterada nos verbos cognitivos das habilidades na BNCC de Arte – em que cada verbo busca sinalizar uma ação.

Larrosa afirma que "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (Bondía, 2002, p. 21).

O autor enfatiza que experiências são aquelas vivências que nos "atravessam" e sensibilizam, tornam-se significativas, no sentido de ser algo que toca e transforma. Se afirmarmos que todo aprendizado traz conhecimentos novos, e, portanto, transformações, dizemos que aprender significa ver com novos olhos ou um novo jeito de sentir e entender o que nos cerca. De acordo com essa afirmação, compreendemos que são as experiências significativas que geram aprendizados e que elas são o caminho a ser percorrido em sala de aula.

Nesse sentido, entendemos que o estudante dos primeiros anos está dando continuidade a seus conhecimentos, porém agregando novos aprendizados e estes necessitam ser tão significativos como as descobertas transformadoras dos anos anteriores.

Giramundo

Seção em que há destaque às abordagens interdisciplinares. Sempre que afirmamos que a Arte é composta de quatro linguagens artísticas específicas – artes visuais, dança, música e teatro –, fica implícito que ela também é a expressão de suas combinações interdisciplinares. É o conceito atual de hibridismo nas artes que amplia a compreensão da interdisciplinaridade com múltiplos elementos expressivos que se relacionam entre si.

Para Ivani Catarina Arantes Fazenda (2008, p. 94), estudiosa de interdisciplinaridade, cada componente curricular deve ser analisado por meio dos saberes que abarca e não do lugar que ocupa na grade curricular. Assim, as propostas apresentadas ocorrem sem a descaracterização do que é próprio de cada uma, mas um diálogo que amplia uma nova forma de aprender e ensinar.

Essa proposta possibilita, desde os Anos Iniciais, reunir saberes (conjunto de conhecimentos) e conectá-los ampliando a formação do estudante.

Construir um mundo melhor

Seção que busca dar continuidade aos aprendizados de valores presentes desde a Educação Infantil, como o respeito, a solidariedade e a empatia. Abordar a igualdade e o respeito às diferenças, a contribuição de cada indivíduo e a sustentabilidade da comunidade são pontos fundamentais.

Geralmente, o trabalho com esse conteúdo é finalizado com atividades práticas relacionadas às artes e visa ampliar a sensibilização e percepção dos estudantes para a defesa da diversidade e dos direitos humanos.

Revendo o que aprendi

Seção ao final de cada unidade. Retoma conteúdos estudados, por meio de atividades variadas, com destaque para práticas que consolidem os assuntos abordados. Aproveite esse momento para verificar as aprendizagens dos estudantes e retomar o que for necessário, antes de avançar com os estudos seguintes.

Para saber mais

Traz informações e curiosidades extras sobre o conteúdo trabalhado ou sobre o tema da unidade. Busca aprofundar o assunto em estudo de modo a ampliar conhecimentos.

Conhec

Apresen imento artístico ou a manifestação estudada. Pode ser tanto dados biográficos, percurso artístico ou informação relevante sobre um projeto artístico específico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Periscópio

Momento em que há indicação de recurso textual, audiovisual ou que possa ser visitado e, assim, ampliar os conhecimentos a respeito do conteúdo que está sendo estudado.

Glossário

Traz explicação de termo para auxiliar o estudante na compreensão do conteúdo e enriquecer seu vocabulário.

ÍCONES

Atividades

Em todos os volumes da coleção há ícones que indicam e sugerem o modo de organização e abordagem dos estudantes para a realização das atividades.



Temas Contemporâneos Transversais



Objetos digitais

Indicam a oportunidade de trabalho com objetos digitais.



CHEGANDO AO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao longo deste percurso, você irá conhecer a maneira de ser e se expressar dos seus estudantes. Aproveite este momento inicial para estimular a curiosidade deles a respeito do que será trabalhado nesses anos. O espaço escolar, como apontado anteriormente, é um bom começo.

A escola é um território de descobertas, e é importante que os estudantes possam conhecê-la como parte do seu próprio corpo no mundo. Como professor de Arte, você tem a possibilidade de transformar esse primeiro contato em um gesto poético de acolhida, escuta e expressão.

Incentive a curiosidade dos estudantes oferecendo os materiais disponíveis em sala de aula, como instrumentos musicais ou materiais de desenho, pintura, modelagem, e deixe que os estudantes os explorem com liberdade. Um som do corpo, uma careta, um traço espontâneo ou uma dança improvisada são formas legítimas de se expressar e de se conhecer. Esses pequenos gestos se conectam aos temas que você vai trabalhar ao longo desses dois anos.

O livro do **1º ano** propõe uma abordagem sensível, inclusiva e lúdica, centrada no corpo, na expressão e na imaginação dos estudantes. Ao longo das quatro unidades, os conteúdos convidam os estudantes a observarem a si mesmos, reconhecerem suas características, explorarem sons e movimentos com liberdade e criatividade e se expressarem de diferentes formas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 1 – OLHAR PARA NÓS MESMOS

A primeira unidade convida os estudantes a iniciarem um processo de descoberta de si mesmos por meio da Arte. As cores, as linhas, por meio da experimentação observada em diferentes contextos artísticos, são pontos de partida para pensar o corpo como suporte de criação: desenhar, imaginar formas diferentes para o corpo e explorar os movimentos corporais. Também se valoriza a diversidade cultural, com destaque para os povos indígenas do Brasil, suas expressões, saberes e modos de viver.

UNIDADE 2 – DESCOBRIR PELO CORPO

Aqui, o foco se amplia para a observação do próprio corpo. A proposta de atividade prática com um boneco produzido com folhas de alumínio permite perceber as formas, os movimentos e as linhas corporais presentes na dança. Outra maneira de perceber e reconhecer os movimentos corporais está na proposta de observação de coreografias. A unidade também propõe práticas inclusivas, valorizando diferentes modos de ver e ser visto, com destaque para a escuta e o respeito às diferenças.

UNIDADE 3 – MEU CORPO – MUITAS FORMAS DE SE EXPRESSAR

Nesta etapa, o corpo é reconhecido como instrumento expressivo: expressões faciais, gestos, sons e emoções são explorados dentro da linguagem artística. Os estudantes são convidados a dar voz aos sentimentos e acolher as emoções utilizando o corpo como meio de comunicação. Essa unidade reforça a importância da escuta ativa e da empatia como elementos fundamentais para a convivência e a expressão artística.

UNIDADE 4 – DESCOBRINDO OS SONS DO CORPO

A última unidade é dedicada à descoberta dos sons que o corpo pode produzir: palmas, estalos, a voz, a boca, os pés. A percussão corporal, os jogos sonoros e a dança são explorados por meio de brincadeiras que misturam movimento, ritmo e criação. Os estudantes refletem sobre a diversidade sonora e experimentam expressar-se de forma coletiva.

O livro do **2º ano** propõe a valorização da expressão individual e coletiva. Partindo de vivências culturais, os estudantes são convidados a investigar e experimentar as artes visuais, a dança, a música e o teatro no contexto da manifestação Bumba Meu Boi. Ao longo das unidades, a Arte é apresentada como forma de expressão e identidade, fortalecendo a convivência em grupo e promovendo o respeito à diversidade e o reconhecimento da cultura brasileira.

UNIDADE 1 – TUDO PODE SER SOM

A unidade propõe aos estudantes uma exploração do universo dos sons. Através da escuta e da experimentação, eles descobrem as qualidades do som e conhecem a família de diferentes instrumentos de percussão. Ao final, criam um painel sonoro, integrando os conhecimentos desenvolvidos ao longo da unidade, reconhecendo diferentes fontes sonoras e diversas formas de produção de som.

UNIDADE 2 – ARTE NO DIA A DIA

Na segunda unidade, a Arte é observada e percebida na diversidade presente no cotidiano. Ao investigar práticas de criação, os estudantes exploram composições bidimensionais e tridimensionais e as possibilidades de combinação entre elas. Experimentam transformar as funções dos objetos do cotidiano, atribuindo a eles novos significados, e observam como a Arte pode surgir com os mais diversos materiais.

UNIDADE 3 – MEU CORPO NO NOSSO GRUPO

A terceira unidade tem como foco o corpo em movimento. Nesta unidade, os estudantes relembram movimentos simples relacionados a danças que envolvem o corpo todo, com o objetivo de direcionar a atenção às partes do corpo. Eles também são convidados a perceber a presença dos colegas com quem compartilham o ambiente escolar e a conhecer traços da cultura local na qual estão inseridos. [illegible] elementos dançantes e formas de [illegible] fortalecendo a ideia do coletivo e de pertencimento, tão presentes nas diversas manifestações culturais brasileiras, além de promover o respeito às tradições culturais e familiares.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 4 – BRINCAR, REPRESENTAR, DANÇAR E TOCAR

A última unidade celebra a Arte por meio da encenação, da dança e da música. Os estudantes são estimulados a se aproximarem de elementos da linguagem visual e os explorarem. Percebem e criam expressões na representação de personagens. Exercitam a criação de histórias coletivas, percebendo a diversidade da cultura brasileira.

A diversidade e as linguagens da arte

O estudante, ao não separar racionalmente as linguagens expressivas, como propõe a arte contemporânea, mantém a integridade em suas investigações – o que reduz o risco da estagnação na dicotomia corpo/mente. No trabalho desenvolvido nesta coleção, ele faz explorações e descobertas que o levam dos movimentos da dança à sonorização em diferentes suportes, e sente a expressividade cênica nas expressões faciais, nos trajes e nos cenários. Os estudantes expressam livremente suas percepções e conhecimentos, que incluem a imaterialidade cultural a que cada família/comunidade pertence.

As diferentes formas de expressar ideias, narrativas e experiências vivenciadas ajudam a compreender as dimensões de cada estudante e planejar propostas que abarquem a totalidade física, cognitiva e cultural da turma. Esta coleção aborda o entorno do estudante e sua diversidade, o que é explicitado nas propostas das unidades dos livros que a compõem.

VIII. PLANO DE DESENVOLVIMENTO

Apresentamos a seguir uma proposta de distribuição dos conteúdos da coleção no decorrer do ano letivo. Ela foi elaborada com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que preconiza a carga horária mínima anual de 800 horas para o Ensino Fundamental, distribuídas por um mínimo de 200 dias de efetivo trabalho escolar (Brasil, [1996], p. [1]).

Assim, o plano de desenvolvimento anual considera o mínimo de 40 semanas letivas para o desenvolvimento de todo o conteúdo proposto, porém valoriza também a autonomia do professor e pode ser adaptado à realidade escolar e à quantidade de aulas destinadas à disciplina de Arte em seu estado ou município.

QUADRO DE CONTEÚDOS

1º ANO		
Unidade	Conteúdos	BNCC E TCTs
1º BIMESTRE		
1 Olhar para nós mesmos	• Criação de autorretratos e personagens imaginários, combinando elementos humanos, animais e vegetais. • Observação e análise de obras de artistas indígenas e lendas brasileiras. • Exploração de linhas, formas e cores para expressar sentimentos e narrar histórias visuais. • Experimentação com o corpo como suporte artístico, incluindo pintura corporal e formação de personagens imaginários em grupo. • Investigação e produção de tintas utilizando materiais naturais como flores, folhas, terra, café e colorau. • Leitura e interpretação de texto sobre identidade, respeito e convivência com diferentes culturas.	**Competências gerais**: 1, 3, 6 e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 1 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 8, e 9 **Habilidades**: EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR24 e EF15AR25 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão **TCT**: Multiculturalismo
2º BIMESTRE		
2 Descobrir pelo corpo	• Exploração do corpo como forma de expressão, percepção e descoberta do espaço. • Criação de bonecos com papel-alumínio e experimentação de movimentos inspirados neles. • Reconhecimento de formas e texturas por meio do tato, incluindo atividades com olhos vendados. • Observação e interpretação de obras de arte, como pinturas e ações performáticas. • Construção coletiva de retratos e personagens a partir de partes do corpo desenhadas pelos colegas. • Criação de sequências de movimentos e danças inspiradas em formas geométricas e objetos do cotidiano. • Exploração da consciência corporal, promovendo a reflexão sobre o espaço físico e digital. • Leitura de texto sobre inclusão, exercitando a criatividade por meio da audiodescrição, imitação corporal e expressão gráfica.	**Competências gerais**: 1, 3, 6 e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3, 4, e 8 **Competências específicas de Arte**: 1, 2, 3, 4, 5 e 8 **Habilidades**: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão **TCTs**: Ciência e Tecnologia e Cidadania e Civismo
3º BIMESTRE		
3 Meu corpo – muitas formas de se expressar	• Exploração das expressões faciais e corporais para reconhecer e representar diferentes sentimentos e emoções. • Criação e imitação de caretas, posturas e movimentos para entender como o corpo comunica sensações. • Exploração de [illegible] com expressões variadas. • Reconhecimento de sons, palavras e músicas como formas de expressão de sentimentos no cotidiano. • Práticas de mímica, jogos corporais e experimentação com "língua inventada". • Reflexão sobre acolher as próprias emoções e compreender os sentimentos dos outros, promovendo empatia e respeito.	**Competências gerais**: 3, 4, 8, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 4 **Competências específicas de Arte**: 1, 2, 4 e 8 **Habilidades**: EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão
4º BIMESTRE		
4 Descobrindo os sons do corpo	• Exploração dos sons produzidos pelo corpo, tanto involuntários quanto intencionais. • Experiências com a voz e a boca, criando sons variados, imitações e experimentos de timbres e intensidades. • Prática de percussão corporal e jogos sonoros coletivos. • Brincadeiras tradicionais e musicais não só com mãos e pés, mas com o corpo todo, integrando movimentos e sons. • Reflexão sobre o uso da voz e do grito, percebendo situações em que diferentes volumes são adequados ou não. • Criação de objetos sonoros e sonorização de histórias, combinando sons do corpo com expressão cênica e musical.	**Competências gerais**: 2, 3, 4, 8, e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 2 e 3 **Competências específicas de Arte**: 1, 2, 4 e 8 **Habilidades**: EF15AR11, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17 e EF15AR23 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2º ANO		
Unidade	**Conteúdos**	**BNCC E TCTs**
1º BIMESTRE		
1 **Tudo pode ser som**	• Conceito de som como vibração e reconhecimento das qualidades do som (duração, altura, intensidade e timbre). • Exploração e produção de sons com objetos do cotidiano e materiais naturais em atividades dentro e fora da sala de aula. • Investigação dos instrumentos de percussão, suas origens culturais e formas de execução. • Experiência com instalações sonoras e esculturas sonoras, incluindo a criação de obras coletivas e individuais. • Leitura, interpretação e produção de poemas com rimas relacionados a sons e instrumentos musicais. • Reutilização de materiais descartados para criar instrumentos e painéis sonoros, com foco em sustentabilidade e expressão artística.	**Competências gerais**: 3, 4, 5, 6, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3, 4, e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 4, e 5 **Habilidades**: EF15AR01, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17 **Dimensões da Arte**: Criação, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Multiculturalismo e Meio ambiente
2º BIMESTRE		
2 **Arte no dia a dia**	• Reflexão sobre a arte no cotidiano, com observação de intervenções urbanas e reconhecimento da diversidade cultural. • Criação de autorretratos e retratos colaborativos para explorar a percepção de si e do outro. • Produção artística utilizando objetos do dia a dia, inspirada em obras que ressignificam materiais comuns. • Atividades de improvisação teatral e construção de cenários com elementos disponíveis no ambiente escolar. • Exploração da diversidade e pertencimento por meio de práticas artísticas que valorizam identidades individuais e coletivas. • Criação de jogos de rimas e instalações no espaço escolar.	**Competências gerais**: 3, 4, 6, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 4 e 5 **Habilidades**: EF15AR01, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR22 **Dimensões da Arte**: Criação, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Cidadania e Civismo e Multiculturalismo
3º BIMESTRE		
3 **Meu corpo no nosso grupo**	• Exploração do conceito de ubuntu. • Experimentação de movimentos e práticas corporais em rodas e danças coletivas. • Ciranda, marabaixo, congada e maracatu. • Reconhecimento de formas geométricas nos corpos e nos espaços, aplicadas em formações de dança. • Construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis para acompanhar toadas e brincadeiras sonoras. • [illegible] ões, com entrevistas e apresentações para valorizar identidades culturais. • [illegible] ção de voz, movimento e percussão corporal para reforçar a relação entre som, corpo e cultura.	**Competências gerais**: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 7, 8 e 9 **Habilidades**: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17, EF15AR24, EF15AR25 **Dimensões da Arte**: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Saúde, Meio ambiente, Multiculturalismo e Cidadania e Civismo
4º BIMESTRE		
4 **Brincar, representar, dançar e tocar**	• Bumba Meu Boi como manifestação cultural popular que integra teatro, música, dança e artes visuais. • Exploração dos personagens, narrativas e alegorias presentes nos folguedos brasileiros. • Criação coletiva de histórias, personagens e cenários inspirados em festejos populares. • Confecção de alegorias, máscaras e fantoches com materiais diversos para representação teatral. • Vivência de danças, músicas e movimentos típicos de festas que têm o boi como figura principal. • Reflexão sobre o trabalho coletivo e a cooperação em situações de grupo. • Organização e apresentação de uma peça teatral com figurinos, cenário e convite para o público.	**Competências gerais**: 1, 3, 4, 6, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 4, 6, 8 e 9 **Habilidades**: EF15AR03, EF15AR06, EF15AR07, EF15AR11, EF15AR18, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25. **Dimensões da Arte**: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Multiculturalismo e Economia

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Cronograma bimestral

1º bimestre – 1º ano	Unidade 1	Semanas 1 a 10
2º bimestre – 1º ano	Unidade 2	Semanas 11 a 20
3º bimestre – 1º ano	Unidade 3	Semanas 21 a 30
4º bimestre – 1º ano	Unidade 4	Semanas 31 a 40
1º bimestre – 2º ano	Unidade 1	Semanas 1 a 10
2º bimestre – 2º ano	Unidade 2	Semanas 11 a 20
3º bimestre – 2º ano	Unidade 3	Semanas 21 a 30
4º bimestre – 2º ano	Unidade 4	Semanas 31 a 40

Cronograma trimestral

1º trimestre – 1º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 13
2º trimestre – 1º ano	Unidades 2 (continuação) e 3	Semanas 14 a 27
3º trimestre – 1º ano	Unidades 3 (continuação) e 4	Semanas 28 a 40
1º trimestre – 2º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 13
2º trimestre – 2º ano	Unidades 2 (continuação) e 3	Semanas 14 a 27
3º trimestre – 2º ano	Unidades 3 (continuação) e 4	Semanas 28 a 40

Cronograma semestral

1º semestre – 1º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 20
2º semestre – 1º ano	Unidades 3 e 4	Semanas 21 a 40
1º semestre – 2º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 20
2º semestre – 2º ano	Unidades 3 e 4	Semanas 21 a 40

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. de; GODOY, K. M. A. de. *Dança com crianças*: propostas, ensino e possibilidades. Curitiba: Appris, 2018.
As autoras oferecem instrumentos ao professor para atuar com práticas pedagógicas na dança.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, n. 19, p. 20-169, jan./abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.
O autor reflete sobre a educação e a importância de vivências significativas na sociedade.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 abr. 2025.
Lei que definiu princípios e fins da Educação no Brasil, além de direitos e deveres de cidadãos e Estado.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.
A BNCC é o documento do Ministério da Educação que define aprendizagens, competências e habilidades que todos os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Métodos de diagnóstico inicial e processos de avaliação diversificados. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, [201-?]. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/194-metodos-de-diagnostico-inicial-e-processos-de-avaliacao-diversificados. Acesso em: 14 abr. 2025.
O documento enfatiza a importância de verificar o que os estudantes sabem para escolher estratégias e estimular novos saberes.

BRITO, T. A. *Um jogo chamado música*: escuta, experiência, criação, educação. São Paulo: Peirópolis, 2019.
A autora aponta que a música amplia a escuta, desperta sensações e valoriza a natureza musical infantil.

BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
O autor aborda a função social e o significado do brinquedo e investiga como a criança se utiliza dos objetos para brincar.

COCCHIARALE, F. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2006.
O livro aborda, de forma acessível, a arte contemporânea e os desafios de sua compreensão.

CORNELL, J. C. *Vivências com a natureza*: guia de atividades para pais e educadores. São Paulo: Instituto Romã, 2021.
O livro reúne jogos e brincadeiras que conectam corpo e natureza, incentivando valores como respeito e amizade com os seres vivos.

FAZENDA, I. C. A. (org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.
O livro traz uma abordagem teórica e prática da interdisciplinaridade no currículo e na formação docente.

GODOY, K. M. A. de (org.). *Estudos e abordagens sobre metodologias de pesquisa e ensino*: Dança, Arte e Educação. Curitiba: Appris, 2020.
Metodologias voltadas para o ensino e práticas pedagógicas desenvolvidas por vários pesquisadores nas áreas de Dança, Arte e Educação.

KARÓLY, O. *Introdução à música*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
Um livro destinado ao leitor leigo em teoria musical que proporciona compreensão básica para o entendimento da linguagem.

KOPPE, V. M. Slow fashion e *a teoria das cinco peles de Hundertwasser no desenvolvimento de uma plataforma virtual de tendências*. 2019. Dissertação (Mestrado em *Design* de Vestuário e Moda) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
Inspirado na obra *As cinco peles*, de Hundertwasser, a autora defende o consumo consciente para futuras gerações.

LABAN, R. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978.
No livro, o famoso dançarino e coreógrafo explica o movimento corporal alinhado ao tempo e ao espaço.

LOEWENSTEIN, G. The psychology of curiosity: a review and reinterpretation. *Psychological bulletin*, [*s. l.*], v. 116, n. 1, p. 75-98, 1994.
O autor aborda a importância da curiosidade no desenvolvimento da criança.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar*: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
A obra traz reflexões e orientações práticas para efetivar a inclusão escolar no cotidiano docente.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. *Teoria e prática do ensino de arte*: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2009.
O livro aborda o ensino da arte como linguagem vital, unindo teoria e práticas que estimulam expressão e pensamento crítico.

MOREIRA, A. A. A. *O espaço do desenho*: a educação do educador. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
A autora explora o desenho sob a ótica de educador e estudante, ligando escola à formação do ser poético.

NÓBREGA, A. Entrevista cedida a Antônio Abujamra. PROVOCAÇÕES 497 com Antônio Nóbrega – Bloco 01. São Paulo: TV Cultura, [2012]. 1 vídeo (ca. 10 min). Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/7018_provocacoes-497-com-antonio-nobrega-bloco-01.html. Acesso em: 27 abr. 2025.
Entrevista com Antônio Nóbrega sobre cultura popular, folclore, arte, tecnologia e cultura de massa.

PILLAR, A. D. *Fazendo artes na alfabetização*: artes plásticas e alfabetização. São Paulo: Geempa; Porto Alegre: Kuarup, 1993.
A autora destaca que a fruição e expressão das artes visuais ampliam a compreensão infantil das vivências.

RACY, C.; ALMEIDA, R.; LANDAU, T. F. Cultura brasileira na educação infantil: como fazer essa conexão? Entrevista cedida a ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. *Tempo de Creche*, São Paulo, 9 abr. 2017. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/7865-2/. Acesso em: 4 maio 2025.
O artigo propõe maneiras de integrar a cultura brasileira ao cotidiano da Educação Infantil.

ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. Ciclo da curiosidade e da aprendizagem... na prática! *Tempo de Creche*, [São Paulo], 29 jan. 2017. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-pofessor-e-rotina/ciclo-da-curiosidade-e-da-aprendizagem-na-pratica-2/. Acesso em: 14 abr. 2025.
As autoras constroem o percurso da aprendizagem infantil gerado pela curiosidade da criança.

ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. Curiosidade e investigação: caminhos para planejar um ano de descobertas. *Tempo de Creche*, [São Paulo], 7 dez. 2016. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-pofessor-e-rotina/curiosidade-e-pedagogia-da-investigacao-caminhos-para-2017/. Acesso em: 7 maio 2025.
Com base na pesquisa de Gisela Wajskop, o artigo posiciona a relação entre a curiosidade da criança e o seu desenvolvimento.

SALLES, C. A. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Intermeiros, 2011.
O livro investiga o processo criativo nas artes, valorizando o percurso mais que o produto final.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade*: o currículo integrado. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
A obra propõe uma reflexão crítica sobre currículo integrado, globalização e ensino interdisciplinar.

SANTOS, V. L. B. *Brincadeira e conhecimento*: do faz de conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002.
A autora aborda a representação infantil iniciando pela brincadeira e fazendo relações com o teatro.

SASSAKI, R. K. *Inclusão*: construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.
A obra apresenta diretrizes e ações para tornar a sociedade inclusiva.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
A autora apresenta jogos de improvisação teatral úteis à formação de atores, crianças e jovens.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
O autor analisa as relações entre linguagem e pensamento no desenvolvimento humano.

VYGOTSKY, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução: Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
O autor mostra que a imaginação infantil é vital ao desenvolvimento e ligada às vivências e ao meio sociocultural.

ZABALA, A. *Enfoque globalizador e pensamento complexo*: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.
Essa obra apresenta reflexões sobre organização curricular a partir de métodos globalizadores e do pensamento complexo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL